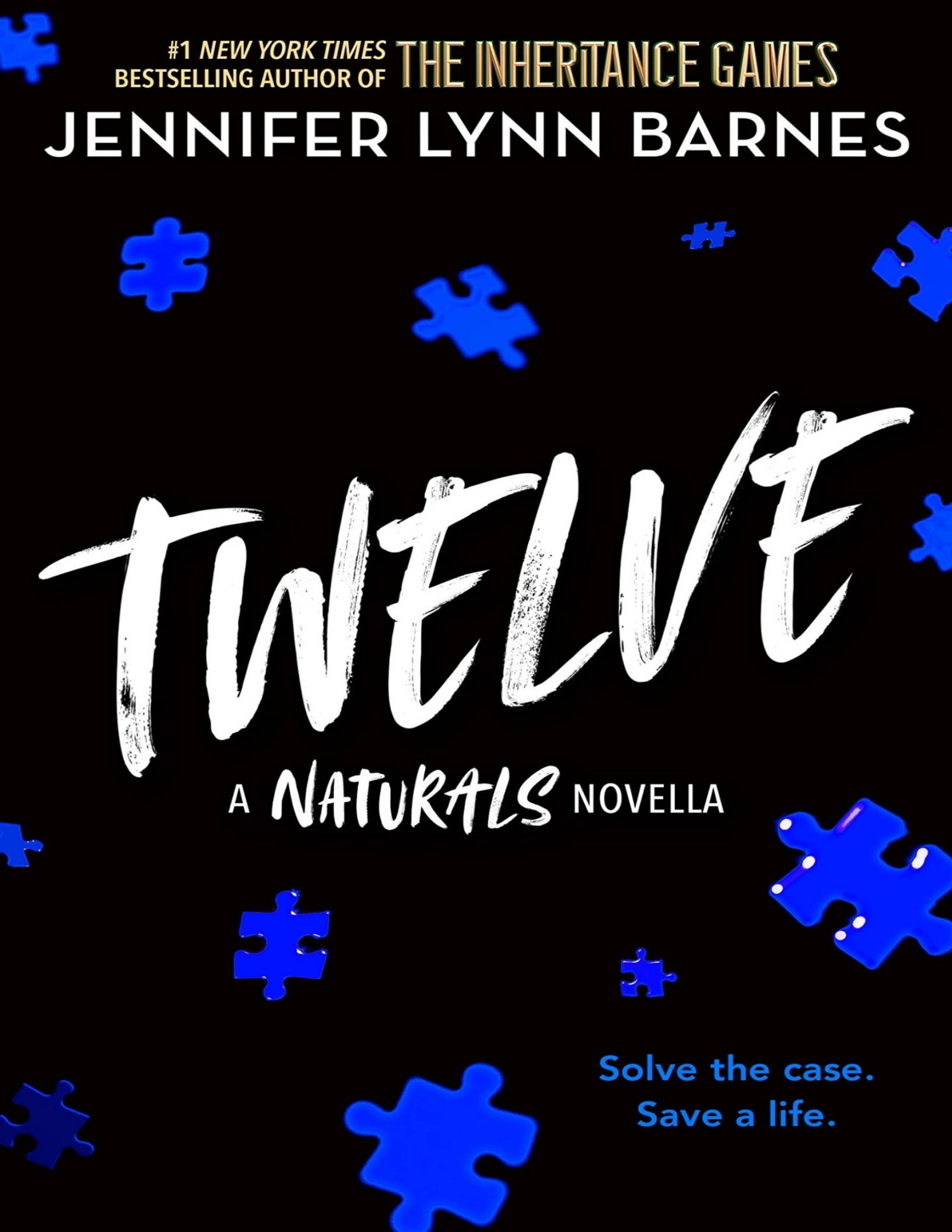




#1 *NEW YORK TIMES*
BESTSELLING AUTHOR OF

THE INHERITANCE GAMES

JENNIFER LYNN BARNES

TWELVE

A *NATURALS* NOVELLA

Solve the case.
Save a life.

TWELVE

JENNIFER LYNN BARNES

A **NATURALS** NOVELLA

HYPERION
Los Angeles New York

Texto com direitos autorais © 2017 por Jennifer Lynn Barnes

Capa criada por Jamie Alloy

Design de interiores por Marci Senders

Todos os direitos reservados. Publicado pela Hyperion, um selo da Disney Book Group. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito da editora. Para obter informações, entre em contato com a Hyperion, 125 West End Avenue, Nova York, NY 10023.

Primeira edição, novembro de 2017

ISBN 978-1-368-02130-2

Visite www.DisneyBooks.com

Conteúdo

Página de título

Direitos autorais

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Prévia da nova série de Jennifer Lynn Barnes

Sobre o autor

VOCÊ

Existem nomes para o que você faz.

Essas imagens passam pela sua cabeça enquanto você encara o corpo dela. O ângulo do pescoço quebrado. O sangue manchando o chão. Há algo no momento após o impacto que fica gravado na memória.

Isso sempre ficou marcado em você.

Não deveria ser bonito, mas é. Você não deveria demorar, mas demora. Você pressiona o dedo indicador e o dedo médio contra os lábios.

Existem nomes para o que você faz. Mas apenas um importa.

Liberar.

CHAPTER 1

“Melhor, Pior, Mais Improvável.” Sloane fez uma pausa de meio segundo. “Já!”

Com base no nível de energia dela — e no fato de ela ter passado os primeiros trinta e dois segundos dessa ligação calculando verbalmente a incidência de mortes relacionadas a poodles no sudoeste dos Estados Unidos — inferi que Michael e Dean não haviam conseguido interceptar a entrega de café de Sloane naquela manhã.

Aos vinte e três anos, minha ex-colega de quarto ainda não conseguia tolerar a cafeína.

"Alguém comece", disse ela alegremente, "ou serei obrigada a contar a vocês as doze estatísticas mais empolgantes sobre cangurus que conheço."

Essa foi a décima semana para meus colegas da Academia do FBI. Não que eu esteja contando. Lá pela sétima semana, surgiu uma competição entre os NATs (Novos Agentes em Treinamento) e os NIATs (Novos Analistas de Inteligência em Treinamento) para ver quem conseguia dar mais café para a "Sloane, a Gênia da Estatística".

Eu tinha a impressão de que os NIATs estavam ganhando.

"Você primeiro, Colorado." Michael Townsend soava exatamente igual no viva-voz como pessoalmente.

Dean parecia diferente. "Comece com a melhor parte da sua semana." O sotaque sulista do meu namorado tinha suavizado ao longo dos anos, mas nos últimos dois meses, eu o ouvia voltar a aparecer.

Quantico já foi meu lar. Recorri a um velho hábito: traçar o perfil de Dean quando não conseguia decifrar sua expressão facial. Além disso, fica perto demais dos antigos territórios de caça do seu pai para o meu gosto.

“A melhor parte da minha semana.” Concentrei-me na tarefa em mãos. As ligações telefônicas não duravam muito ultimamente, e eu precisava disso tanto quanto, ou até mais, do que Dean. “Encontrei dois irmãos no Texas.”

“Tampa os ouvidos, Redding”, brincou Michael. “Cassie vai nos contar mais sobre esses irmãos.” Eu quase podia ouvi-lo piscando do outro lado da linha. “Eles são mais bonitos que o Dean? Menos taciturnos? Mais propensos a incorporar cores ao guarda-roupa?”

Revirei os olhos. Dean e eu estávamos juntos desde a adolescência, e Michael tinha um enorme prazer em cantar a mesma música praticamente o tempo todo.

“Um dos irmãos se encaixa nos nossos critérios”, continuei, ignorando-o deliberadamente. “Definitivamente, há indícios de habilidade de nível natural ali.”

Nos últimos cinco anos, conseguimos identificar alguns Naturais, mas a maioria era adulta. Enviei uma dúzia ou mais para a Academia do FBI, mas apenas três vieram para o Colorado para serem treinados da mesma forma que Michael, Dean, Sloane, Lia e eu fomos.

Por fora.

“A pior coisa da minha semana”, continuei, encostando as costas na parede, “é que ainda não temos certeza de qual dos irmãos é o Natural.”

Toda habilidade existe em um espectro. Era assim que eu começaria a conversa se identificássemos qual dos irmãos havia levantado suspeitas em nosso sistema — e se minha análise final sugerisse que eu poderia trazê-lo para cá sem lhe causar mais mal do que bem. Todo espectro tem dois extremos: um com níveis muito baixos daquela habilidade e outro com níveis muito altos. Talentos naturais são raros. Eu sei disso.

Eu era um analista de perfis naturais.

"Vamos jogar Melhor, Pior, Mais Improvável?" Lia Zhang, consultora civil do FBI, pedra no meu sapato há tempos, uma pessoa naturalmente excêntrica e — contra todas as expectativas — uma das minhas confidentes mais próximas, apareceu na cozinha da nossa casa no Colorado.

Ou, mais especificamente, nossa base de operações.

Lia arrancou meu celular da minha mão e colocou no viva-voz. "Imagino que Cassie tenha contado para vocês sobre os garotos do Texas."

“A melhor parte da semana dela”, confirmou Sloane. “E a pior.”

Lia arqueou uma sobrancelha para mim. Ela era nossa detectora de mentiras residente, uma profissional nata em identificar e contar mentiras.

"Quer tentar de novo?", ela me perguntou.

A melhor parte da minha semana foi, sem dúvida, o que aconteceu no Texas. Mas a pior...

"Estou tendo aqueles sonhos de novo." Eu deveria ter odiado a Lia por me fazer admitir isso, mas qual era o sentido? Assim como eu, Dean era um analista de perfis. Michael tinha um talento natural para ler emoções. Mesmo que eu não tivesse dito nada, eles teriam percebido que algo estava errado.

Eventualmente.

“Você pode me ligar, sabe”, disse Dean do outro lado da linha. “A qualquer hora.”

Eu sabia disso, mas não era mais adolescente. Fazia cinco anos desde que fora capturada pelos Mestres. Cinco anos desde a morte da minha mãe. Por mais

que eu conhecesse os meandros da mente humana, não conseguia evitar o desejo de que a minha funcionasse de maneira diferente.

Eu conseguia lidar com as feridas. Não gostava da sensação de ter cicatrizes.

"O Mais Improvável é o próximo!", interrompeu Sloane, animada. Ela tinha mais dificuldade em entender pessoas do que números, mas eu tinha quase certeza de que ela sabia que eu precisava da distração.

"A parte mais improvável da minha semana..." Deixei-me distrair e senti um sorriso surgir nos cantos dos meus lábios. "Laurel fez uma amiga."

Minha irmã tinha nove anos. Ela passou os primeiros quatro anos de sua vida sendo criada por um culto de assassinos em série. Dizer que ela era diferente seria um eufemismo. Fazer amizade não era fácil para ela. Nem "não assustar as pessoas".

"A nova amiga dela", acrescentei, "tem um pônei."

A ideia da minha irmãzinha mórbida, introspectiva e quieta demais com uma melhor amiga animada que adorava andar de pônei era quase inconcebível — e um alívio tão grande que eu conseguia sentir fisicamente os músculos do meu estômago relaxando ao imaginar o jeito como Laurel quase sorriu depois de dar a notícia com uma expressão completamente inexpressiva.

"Você sabia que existe um debate constante sobre o que define um pônei?"

Sloane não conseguiu se conter, em parte por causa da cafeína e em parte porque ela era a Sloane. "Dependendo de quem você acredita, a altura máxima permitida varia entre cento e quarenta e dois centímetros e cento e cinquenta centímetros, que também é a altura de um wallaby muito alto."

Houve um único instante de silêncio.

"Os rapazes falharam novamente na tarefa de interceptar o café?", perguntou-me Lia.

Assenti com a cabeça.

"Por mais que eu adore a crítica fortemente implícita nessa pergunta", interrompeu Michael, "vou ignorá-la completamente e prosseguir. Melhor parte da minha semana: irritei seis dos sete instrutores. Pior parte da minha semana: o sétimo está se mostrando um osso duro de roer. Incrível..." Ele fez uma pausa. "Lia não me odeia esta semana."

O termo "relacionamento intermitente" foi inventado por um motivo. Michael e Lia eram esse motivo.

"A melhor parte da minha semana: odiar o Michael." Lia lançou um sorriso malicioso para o telefone. "Considerando que todas as nossas comunicações atualmente são à distância, expressar minha aversão por ele foi muito mais gratificante emocionalmente do que eu esperava."

Contive um resmungo.

“Pior ainda”, prosseguiu Lia, “é que o programa Naturals recebeu um novo contato do FBI. Se há uma coisa que eu detesto, é ter que treinar um novo agente especial.”

Esse foi um dos motivos pelos quais Michael, Dean e Sloane foram para Quantico. Quando completamos dezoito anos, nós cinco fomos classificados como “consultores civis”. Mas, para trabalhar em casos do FBI, precisávamos de uma equipe do FBI.

Este foi o primeiro ano em que qualquer um de nós tinha idade suficiente para frequentar a Academia.

“Por mais improvável que pareça”, continuou Lia, completando o trio, “nossa nova contato é Celine.”

Celine Delacroix era meia-irmã de Michael, um pouco mais velha que já havia concluído o treinamento para novos agentes. Isso a tornava agora a Agente Especial Delacroix.

“Falando em Celine...” Lia parou de falar, com um tom significativo. “Sloane, talvez você queira falar agora?”

Sloane nunca fora de paixões adolescentes, mas ela e Celine compartilhavam algo. E fosse o que fosse, ultimamente, tinha se intensificado.

Celine tinha acabado de voltar de Quantico.

“Não posso compartilhar a melhor parte da minha semana nem a mais improvável”, disse Sloane. “Devido ao fato de ambas serem confidenciais.”

“Classificado pelo Bureau ou classificado pela Celine?”, perguntei.

Houve uma longa e suspeita pausa.

“A pior parte da minha semana”, respondeu Sloane animadamente, “foi explodir o Hogan’s Alley. Mas, em minha defesa, uma pessoa não pode, por definição, desarmar uma bomba a menos que ela esteja operacional desde o início.”

E foi por isso, pensei, que talvez a Academia do FBI não sobreviva aos Naturais.

“Hogan’s Alley”, Lia repetiu. “Como aquela cidade fictícia que o FBI usa para treinamento?”

Sloane ficou em silêncio por um ou dois segundos. “Eu só explodi dezessete por cento disso.”

Parecia um momento tão bom quanto qualquer outro para mudar de assunto. “Sua vez, Dean.”

Imaginei como ele estaria num quarto da Academia do FBI. Estaria sentado na beirada da cama — com as bordas dobradas como em um hospital, se fosse ele quem a tivesse arrumado. Entrar na sua cabeça era uma questão de instinto tanto quanto de treinamento.

Você está olhando para o telefone e pensando em mim.

“Isto.” Dean sempre fora uma pessoa de poucas palavras. Os outros levaram um instante para entender, então eu traduzi.

“A melhor parte da sua semana”, eu disse. “É isto.”

A separação foi difícil para todos nós. Os horários de treinamento deles não permitiam muito tempo livre, muito menos visitas regulares. Saber que era temporário — medido em semanas, como um acampamento de verão prolongado — tornou tudo mais fácil, mas por pouco.

Fechei os olhos por um instante e imaginei Dean novamente. Você está desviando o olhar do telefone agora, olhando para as suas próprias mãos, pensando nas minhas.

“Não vou dizer para vocês dois alugarem um quarto”, anunciou Michael, “porque isso é geograficamente impossível. Então, em vez disso, vou sugerir, com muita delicadeza, que vocês dois aluguem um quarto metafórico.”

Dean permaneceu impassível. Depois de anos de convivência, ele estava praticamente imune a Michael. “Acho que Townsend não gostaria que eu dissesse que a pior parte da minha semana é não estar lá para te acordar dos sonhos, Cassie.”

Houve um tempo em que eu era quem acordava Dean de pesadelos repletos de lembranças, e não o contrário.

“Vamos lá, Redding”, disse Michael, eloquentemente, “a pior parte da sua semana foi claramente perder uma aposta e ser obrigado a carregar uma bolsa-homem para as atividades de treinamento por quarenta e oito horas.” Ele fez uma pausa dramática. “Alguns dos nossos colegas agora o chamam de Agente Bolsa-Homem.”

“Você é o único que me chama de Agente Homem-Bolsa.”

“Até aqui.”

“O mais improvável?”, perguntei a Dean. Foi Sloane quem inventou esse jogo, e essa era a pergunta favorita dela.

Dean demorou a responder. “Townsend, me passe o telefone.”

O som de uma briga era audível ao fundo, mas Dean deve ter levado a melhor, porque alguns segundos depois, sua voz surgiu sem nenhum ruído de fundo. “Você não está mais no viva-voz, Cass.”

Olhei para Lia. Ela revirou os olhos castanho-escuros de forma exagerada, mas me entregou o celular. Tirei do viva-voz e o levei ao ouvido.

“Qual foi a parte mais improvável da sua semana?”, perguntei novamente. Minha voz estava baixa, mas não o suficiente para que Lia não ouvisse a pergunta.

Houve uma longa pausa do lado de Dean na linha. Você está saindo da sala.

Você está fechando a porta. Você encosta as costas na parede. Seus olhos estão fechados ou abertos?

“A parte mais improvável da minha semana”—Dean repetiu minhas palavras, como se isso pudesse, de alguma forma, diminuir a distância entre o Colorado e a Virgínia—“é o fato de que minha consulta com a psicóloga do Bureau não foi a pior.”

O diretor do FBI usou sua influência para que meus amigos entrassem na Academia. A participação deles no programa Naturals era informação essencial, mas seus antecedentes em geral não eram. Dadas as informações disponíveis sobre Dean — sobre o pai assassino em série de Dean — mesmo com a recomendação pessoal do diretor, a banca de admissão da Academia do FBI exigiu que Dean Redding cumprisse uma série de requisitos extras — o tipo de requisito criado para garantir sua sanidade psicológica.

“Que bom saber que sua sessão não foi uma tortura”, eu disse. Dean não era de compartilhar muito — não com ninguém além de mim.

Por outro lado, ultimamente eu também não tenho sido muito de compartilhar coisas.

“Cassie...” Dean deixou que o tom de sua voz expressasse o que ele não conseguiria dizer com palavras.

Você quer me dizer que eu deveria ter vindo com você para a Academia. Você quer perguntar se o meu passado — e os obstáculos que me faziam superar — é o motivo pelo qual eu não fui.

“Fiquei aqui por causa da Laurel.” Essa era a minha história, e eu não mudaria de ideia. “Ela não se importa que eu viaje por curtos períodos, mas quatro meses? Não faço ideia do que isso causaria a ela.” Essa era uma conversa que já tínhamos tido antes. Ele provavelmente sabia o que eu diria em seguida, ou até melhor do que eu. “Além disso, nem todos nós precisamos ser agentes — ou analistas. Estou feliz em continuar como consultor civil se os agentes para quem eu presto consultoria forem vocês três.”

"Eu sei", murmurou Dean.

“O programa está aqui”, continuei. “Alguém precisa executá-lo.”

Ou, pelo menos, alguém precisaria fazer isso se os irmãos do Texas dessem certo. Se minha análise indicasse que o programa Naturals seria para eles — ou para um deles, pelo menos — o que tinha sido para nós cinco.

Um santuário.

Uma oportunidade.

Um lar.

Essa era a verdadeira razão pela qual eu havia recrutado tão poucos jovens talentos desde que assumimos o programa. O programa Naturals foi criado para

oferecer treinamento e experiência a indivíduos talentosos cujos cérebros ainda estavam em desenvolvimento — adolescentes. Mas, depois de tudo o que passei trabalhando com o FBI, eu não podia e não traria nenhum jovem para cá a menos que acreditasse que eles estariam melhor conosco do que na vida que estavam deixando para trás.

Considerando que se tratava de um grupo de reflexão do FBI dedicado a usar adolescentes talentosos para traçar perfis e capturar assassinos?

Melhor era um termo muito relativo.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa em voz alta, uma nova chamada entrou. Quando vi o identificador de chamadas, olhei para trás e vi Lia.

“Não se preocupe comigo”, disse ela com leveza. “Estou apenas anotando a sua parte desta conversa particular para poder zombar de você e/ou interrogá-lo mais tarde.”

Lancei-lhe um olhar. "Briggs está ligando."

Dean me ouviu. "Me liga mais tarde?"

"Pode deixar." Apertei um botão no telefone e, assim que a nova chamada foi atendida, senti a ausência de Dean do outro lado da linha como algo físico.

Dez semanas se passaram, faltam dez semanas.

“Cassie?” O diretor do FBI, Tanner Briggs, era mais como um membro da família do que um amigo. Foi ele quem fundou este programa. Ele me recrutou quando eu tinha dezessete anos.

Ele também era meu chefe.

“Tenho um caso no Maine.”

Aguardei os detalhes.

A resposta que recebi foi: "Tem que ser você."

CHAPTER 2

“Mackenzie McBride.” Pronunciei o nome em voz alta. Fazia anos que eu não pensava nele, mas durante o tempo que levei para receber a missão de Briggs, pegar minha mochila de emergência e chegar ao avião, o nome ficou martelando na minha cabeça.

Pequeno Mackenzie.

Celine enfiou a cabeça na cabine para avisar o piloto que estávamos prontos para decolar, depois sentou-se em frente a Lia e a mim. “Quem quer ler o meu texto?”

A Agente Especial Delacroix não só fez jus ao título, como o personificou. Era difícil associá-la à pobre menina rica que fora quando a conhecemos, mas mesmo de terno e gravata, com um tom profissional, eu ainda conseguia vislumbrar traços da garota que Celine fora. Ela era uma artista, evidente nos calos dos dedos e na estampa vibrante que usava sob o paletó cinza-aço. Apostaria cinquenta por cento de que ela mesma havia desenhado a estampa da camisa de seda. Sua expressão era alerta — controlada, mas com um toque de adrenalina.

Ela ainda se movia como uma dançarina ou uma lutadora — ou ambas.

“Mackenzie foi vítima de sequestro.” Tentei me ater aos fatos e não me deixar levar pelas emoções que associava a esse caso específico. “Ela tinha seis anos quando foi levada. Quando o caso foi apresentado, já estava sem solução há meses.”

Naquela época, o programa Naturals só nos permitia acessar casos arquivados. O caso de Mackenzie foi um dos primeiros que resolvemos em equipe.

“Ela queria ser uma estrela pop veterinária.” Eu não pretendia dizer isso, fiquei surpreso por ainda me lembrar dos detalhes depois de quase seis anos e sabe-se lá quantos casos, ativos e inativos. “Sua cor favorita era roxa.”

“O advogado da família era um mentiroso compulsivo.” Lia continuou de onde eu parei. Quando resolvemos o caso, ela fez um ótimo trabalho fingindo que não tinha sido afetada, mas hoje em dia não estava tão empenhada em parecer insensível. “Foi ele quem levou a Mackenzie e depois se aproveitou da atenção da imprensa. Ele a manteve por meses, escondida em algum quarto nos fundos ou buraco esquecido por Deus.”

Uma cabana improvisada, pensei, lembrando-me da análise que Sloane fez

da propriedade. Quatro pés por quatro pés, sem janelas.

Celine folheou a pasta que estava sobre a mesa entre nós. "Quantos anos a Mackenzie tem agora?" O avião decolou, mas eu mal senti. "Doze?"

Quando eu tinha doze anos, minha mãe foi dada como desaparecida e presumida morta. Quando Dean tinha doze anos, ele traiu seu pai, um assassino em série, o que resultou na prisão de Daniel Redding e na criação do programa Naturals.

Quando Lia tinha doze anos...

Parei meus pensamentos ali mesmo. "Mackenzie McBride tem doze anos", confirmei. "Ela mora em Cape Roane, Maine." Se Sloane estivesse aqui, teria enumerado todos os fatos e estatísticas imagináveis sobre a pequena cidade litorânea. Fui direto ao ponto. "Cape Roane abriga um dos faróis mais altos dos Estados Unidos, e neste momento..."

Você subiu as escadas. Você abriu a janela. Você saiu rastejando...

"Neste exato momento", consegui continuar, "Mackenzie está parada na beira daquele farol, ameaçando pular."

"A menos que..." disse Celine suavemente.

Lia completou a frase por ela. "Ela disse que pularia a menos que alguém chamasse o FBI — especificamente, o agente que a encontrou naquele barraco."

Agente Briggs. Ele era o diretor do FBI agora. Não podia simplesmente abandonar o cargo a pedido de uma criança de doze anos. A agente Sterling, sua esposa, não fazia parte da equipe durante o caso Mackenzie McBride — e estava grávida de trinta e seis semanas.

Com gêmeos.

Isso deixou de fora aqueles de nós que trabalharam no caso nos bastidores. Deixou-me de fora, porque fui eu quem rastejou para dentro da mente de Mackenzie, lá atrás.

"Se os pais dela e as autoridades locais não tivessem considerado a ameaça credível", forcei-me a admitir, "não teriam nos ligado."

"Então temos uma potencial suicida." Celine ficou em silêncio por um momento, e eu me perguntei se ela estava pensando nas vezes em que tomou medidas drásticas para chamar a atenção. Porque ela precisava ser importante — ser vista e ouvida.

É isso mesmo? Voltei meus pensamentos para Mackenzie. Você só está tentando se fazer ouvir?

Eu havia aprendido a traçar perfis em primeira ou segunda pessoa — nunca em terceira. Mas naquele momento, eu não estava traçando perfis. Eu não sabia o suficiente sobre essa Mackenzie para dizer com qualquer grau de certeza o que ela queria ou não queria.

Eu só conhecia a criança que ela tinha sido — e o que ela tinha sobrevivido.

Você exigiu que nos chamassem por um motivo. Se você realmente quisesse morrer — se tivesse certeza — não estaria lá fazendo exigências. Essa era uma conclusão mais razoável, mas aprendi desde cedo como o que você queria ver poderia facilmente interferir nas conclusões de um perfil.

Precisava manter a cabeça fria. Precisava adiar conclusões precipitadas. Precisava conhecer Mackenzie agora.

“Assim que aterrissarmos, iremos direto para o farol.” Celine não estava exatamente dando ordens, mas sim pensando em voz alta.

“Briggs disse que a polícia local já tem um negociador de crises e um psicólogo infantil na área”, eu disse.

Psicólogos infantis. Metade do meu cérebro ainda estava tentando se familiarizar com o da Mackenzie. Quantos desses você já viu desde o sequestro? Quão bem você sabe o que dizer — ou não dizer — para convencer o psiquiatra da vez de que você é normal?

Há quanto tempo você sabe, lá no fundo da sua mente, que a normalidade é uma mentira?

“Cassie.” Lia teve que repetir meu nome duas vezes antes que eu prestasse atenção novamente. “Você não está se esquecendo de contar para a Celine uma coisinha importante?” Ela fez uma pausa e então insistiu. “O motivo pelo qual Briggs disse que Mackenzie quer falar com o FBI.”

Ah, sim. Isso.

Respondi com uma só palavra: "Assassinato".



MACKENZIE, AGE TWELVE



Mackenzie McBride nunca teve medo de altura. Melhor estar lá em cima, onde se pode ver tudo, do que lá embaixo, encurralada, no chão.

Saltar seria fácil.

A saliência do farol se projeta um pouco menos de sessenta centímetros. Deveria parecer que não havia nada ali. Suas pernas deveriam tremer, mas Mackenzie confia em seu corpo. Ela sabe que sessenta centímetros é metade de doze, e por um tempo, doze por doze era o seu mundo.

Seu equilíbrio é perfeito. Mesmo agora, com o vento chicoteando seus cabelos e a janela bloqueada atrás dela, ela consegue se ver em trezentos e sessenta graus. Ela sabe exatamente como ficaria se saltasse da borda, se mergulhasse, se caísse. Ela consegue ver como seu corpo aterrissaria em cada cenário. Uma de suas professoras tentou lhe dizer certa vez que o que ela era capaz de fazer, as coisas que ela sabia — era apenas matemática.

Não é.

Ela se ergue na ponta dos pés. Um relevé — e um aviso para os adultos reunidos abaixo, bem como para aqueles na sala imediatamente atrás dela. Posso pular desta borda antes que vocês possam me impedir.

Seria tão fácil, mas ela não quer fazer isso. Quer? O FBI chegará em breve. Eles precisam chegar. Precisam ouvir. Se eles ouvissem, talvez ela pudesse entrar. Talvez ela pudesse acabar com isso.

Eles precisam acreditar em mim.

Porque os outros? Os mortos? Eles não saltaram nem mergulharam. Não dançaram na beira do precipício. Não pularam.

Eles foram empurrados.

CHAPTER 3

Havia uma multidão reunida do lado de fora do farol. Estimei que fossem pelo menos doze pessoas, com idades variando do final da adolescência aos oitenta anos. Daquela distância, eles não conseguiam distinguir os detalhes do que estava acontecendo lá em cima, mas podiam ver o que eu via, claramente.

Uma figura. Uma figura pequena. Ela não estava olhando para baixo. Seu rosto está voltado para o céu. Seus pés estão perto da borda.

Meu coração começou a bater mais rápido no peito. Em nossa área de atuação, a margem de erro nunca foi grande. Mas desta vez?

Foram poucos centímetros.

“Com licença.” Celine tinha um jeito especial de abrir caminho na multidão — até mesmo entre aqueles que estavam assistindo a um desastre de trem em tempo real. “FBI.”

Isso chamou a atenção de cerca de metade dos espectadores. Desviando o olhar da garota na beirada, observei qual metade estava olhando e segui Celine. Lia hesitou por um breve momento atrás de mim. Eu sabia, sem precisar olhar para trás, que ela ainda estava olhando para Mackenzie.

Lia, de um modo geral, não era uma pessoa que hesitava, mas era diferente — para todos nós — quando um caso envolvia uma criança.

“FBI”, Celine repetiu para os dois policiais locais que estavam de serviço na porta do farol.

“Você não é um pouco jovem para ser do FBI?” O agente que conseguiu olhar Celine nos olhos e dizer essas palavras provavelmente se arrependeria em breve.

“Eu envelheço bem.” Celine tinha uma expressão impávida impressionante. “O que posso dizer? Eu hidrato a pele.” Ela deu a ele um segundo para processar a informação e então deu uma ordem. “Sai da frente.”

Os policiais agiram antes mesmo de perceberem o que tinham feito.

“Eu não uso hidratante”, disse Lia a uma delas enquanto passávamos. “Fiz um pacto com o diabo para manter minha juventude. Você não quer saber o que o diabo pediu em troca.”

Vindo de qualquer outra pessoa, isso teria soado leviano, mas Lia conseguia vender qualquer mentira. Felizmente, a declaração dela me poupou de ter que dizer alguma coisa, o que foi uma sorte, porque eu parecia significativamente mais jovem do que Lia ou Celine.

Quando as pessoas ligavam para o FBI, a maioria não esperava que fossem mulheres com pouco mais de vinte anos. Hoje, não tínhamos tempo para provar nosso valor ou conquistar corações e mentes. Não tínhamos tempo para ninguém questionar a nós ou nossas habilidades.

Mackenzie não tinha tempo.

Antes mesmo que a porta do farol se fechasse atrás de mim, eu já estava de volta ao modo de observação. Comportamento. Personalidade. Ambiente. Esses eram os pilares que minha mãe me ensinou quando eu era mais nova do que a Mackenzie era agora. Se você conhecesse dois lados do triângulo, poderia prever o terceiro.

Na adolescência, eu já fazia isso sem esforço, sem pensar, o tempo todo. Ser um talento nato não era algo que se pudesse desligar. A cada passo que eu dava, meu cérebro catalogava os detalhes do ambiente ao meu redor. O térreo do farol parecia uma espécie de museu. Havia uma mulher — na casa dos sessenta — atrás do balcão, e mais dois policiais — um deles, a julgar pelas roupas e pela postura, o detetive de maior patente — de guarda na porta da escada.

Enquanto Celine começava a rodada de apresentações, meu olhar se concentrou na única outra pessoa na sala: um homem. Quarenta e poucos anos. Cabelo espesso. Roupas amarrotadas. Se Michael estivesse conosco, ele poderia ter percebido nuances de significado na expressão e postura do homem, mas tudo o que eu vi foi a emoção dominante. Devastação.

“Sr. McBride.” Cumprimentei-o, estendendo a mão. Ele apertou a minha e a segurou por um instante a mais do que devia. “Sou Cassie Hobbes.” Ele não se lembraria do meu nome depois. Nem sequer tinha certeza se o tinha registrado. “Estamos aqui para ajudar a sua filha.” Isso, ele processaria.

Você já perdeu sua filhinha uma vez. Não pode perdê-la de novo. Não pode ficar aí parada.

“Eles não me deixam subir”, disse o pai de Mackenzie, sem ânimo. “Minha esposa está lá em cima. Ela está conversando com ela...”

Só havia espaço para um, e não era você. Você não é de falar. Isso ficou claro pelas lacunas em sua fala, pelo contato visual esporádico. Eu queria pressioná-lo, questioná-lo sobre a filha. Você é um observador, um ouvinte, ou está absorto em seu próprio mundo? Essas eram as opções — e duas delas me seriam úteis.

Mas não agora. Existia algo chamado profissionalismo, e o equivalente do FBI à delicadeza no trato com os pacientes exigia um pouco de sutileza na hora de interrogar a família de uma vítima. Eu não tinha tempo para sutilezas naquele momento.

A primeira e mais importante coisa era chegar até Mackenzie.

Assim que Celine terminou de cumprimentar o detetive e nos apresentou, a

mim e a Lia, como consultoras especializadas, recebemos um resumo de trinta segundos da situação. Ninguém sabia como Mackenzie tinha chegado até o topo do farol. A escadaria era normalmente segura, a sala do farol no topo estava trancada e era usada principalmente para armazenamento.

“Não é grande coisa.” O detetive fez uma pausa, e eu tive a impressão de que ele sentia necessidade de justificar sua presença no térreo para nós. “Eles não querem atrapalhá-la.”

Ele não especificou quem eram. E foi melhor assim — eu me saía melhor quando me deixavam formar minhas próprias impressões.

Ao começarmos a subir as escadas do farol, imaginei Mackenzie fazendo o mesmo. Quando Celine, Lia e eu chegamos ao topo, fiquei pensando se Mackenzie estaria cansada ao alcançar o patamar do nono andar — ou se estaria eufórica.

Com energia e adrenalina, pavor, esperança e medo.

Celine acenou com a cabeça para uma escada acima dela. “Eu vou primeiro.”

Esperei, depois os segui, subindo até a claraboia no andar de cima. Assim que me ergui, observei o espaço e as pessoas que o ocupavam. Eram quatro: dois homens e duas mulheres. A mãe de Mackenzie foi a mais fácil de identificar — uniforme de enfermeira, olheiras profundas, olhar fixo na janela. A outra mulher — entre trinta e poucos e quarenta e poucos anos, vestida profissionalmente, cabelos soltos — conversava baixinho com a Sra. McBride. Concluí que era a psicóloga. Equilibrada. Exatamente na medida certa de empatia.

Instintivamente, não gostei dela.

Isso deixou os dois homens. Um deles caminhou em nossa direção. O outro ficou para trás. Pelas roupas, aquele que ficou para trás parecia ser um bombeiro.

Um machado pendia de sua mão.

Meu olhar se voltou para a janela. Estava aberta, mas tábuas de madeira haviam sido pregadas na moldura. De onde eu estava, mal conseguia distinguir a silhueta de Mackenzie através das frestas entre as tábuas.

Você saiu pela janela, martelo na mão. Você se barricou lá fora. Isso demonstrou uma presença de espírito — e previdência — que eu não esperava.

“Se tentarmos tirar as tábuas, ela vai pular.” O homem que se aproximou seguiu meu olhar. Ele tinha quase sessenta anos, era a pessoa mais velha na sala — e o responsável.

O negociador de crises, pensei.

“Quentin Nichols.” Ele era bom o suficiente em ler situações para se apresentar primeiro a Celine e bom o suficiente em ler pessoas para que sua atenção se voltasse quase imediatamente para mim.

“Agente Especial Celine Delacroix”, respondeu Celine, acenando com a

cabeça na direção de Lia e minha. “Lia Zhang e Cassie Hobbes serão as consultoras.”

“Especialistas?” perguntou Nichols. A pergunta implícita era: Que tipo?

Antes que pudéssemos responder, a voz fina e rouca da Sra. McBride cortou o ar. “Pedimos por Briggs.” Ela balançou a cabeça rapidamente, de um lado para o outro. “Agente Briggs. Agente Especial Tanner Briggs.”

Ela estava em pânico, falando alto. Você é a tagarela da família. O uniforme que ela usava sugeria que ela tinha vindo direto do trabalho. Lembrei-me do prontuário original, onde constava que ela havia voltado a estudar enfermagem quando Mackenzie começou o jardim de infância.

“Tem que ser o Agente Briggs. Ai, meu Deus, por favor. Mackenzie disse...”

“Mackenzie disse que queria falar com o agente que a encontrou.” Fui eu quem respondeu calmamente, não Celine, nem Lia. “O agente Briggs agora é o diretor do FBI.”

Eu não estava falando com a Sra. McBride — nem com o negociador de crises. Eu estava falando com a garota do lado de fora da janela, aquela que ficou imóvel no instante em que entramos na sala.

“Mackenzie, querida, vamos tentar de novo.” A Sra. McBride engasgou com as palavras — ou talvez com um soluço.

Ela achou que Mackenzie ia pular.

Achei que Mackenzie estivesse ouvindo.

“Não foi o agente Briggs quem te encontrou.” Dirigi-me diretamente a ela, tentando não pensar no que poderia acontecer se eu desse um passo em falso ou se interpretasse a situação de forma errada. “Foi ele quem veio atrás de você, mas não foi ele quem te encontrou.”

Isso gerou uma reação. Mackenzie se virou.

A respiração ofegante que ecoou na sala me indicou que ela não se mexia tanto há tempos. Ao meu lado, o negociador de crises avançou lentamente. O bombeiro fez o mesmo.

Passei por elas, chegando bem perto da borda da janela. Eu teria que me içar para sair por ali, mas a barricada tornava essa possibilidade nula e sem efeito. Em vez disso, inclinei a cabeça para cima para olhar as pernas de Mackenzie.

O jeito como ela havia inclinado a cabeça em direção ao céu mais cedo.

“Nós te encontramos”, eu disse. “Eu e a Lia encontramos.”

“Seis anos atrás?” A Sra. McBride não conseguiu conter a pergunta — nem o ceticismo que a acompanhava. Ela se odiaria por isso mais tarde.

“Você está mentindo”, disse Mackenzie, com a voz trêmula. Vi seus pés recuarem um pouco, em direção à borda. “Eu queria falar com o Agente Briggs.”

Tive segundos para estabelecer uma conexão. Eu não conhecia Mackenzie.

Eu só sabia onde ela estava, o que estava fazendo e o que eu queria quando tinha a idade dela e policiais andavam na ponta dos pés ao meu redor.

Verdade.

“Eu tinha dezessete anos quando te encontramos. Foi um dos meus primeiros casos.” O programa *Naturals* não era público. Eu não deveria estar dizendo nada disso, mas, naquele momento, as verificações de segurança eram a menor das minhas preocupações. “Acho que dá para dizer que eu não era uma garota de dezessete anos normal.”

Houve mais movimento do lado de fora da janela, e mais um sobressalto coletivo por parte daqueles que estavam dentro.

Eu não me mexi, não respirei, não pisquei até que o rosto de Mackenzie apareceu do outro lado da estrutura de madeira. Ela estava agachada na beirada, com os joelhos encolhidos junto ao peito.

Segura. Firme — mas pronta para se levantar se necessário. Pronta para pular. Ela faria isso se eu a encurralasse. Eu sabia disso como sempre soube das coisas — instintivamente.

“Qual é o seu nome?”, perguntou-me Mackenzie.

Os músculos do meu peito relaxaram, mas só um pouco. Eu tinha despertado a curiosidade dela. Ela estava interessada. Ainda não estávamos fora de perigo, mas já era alguma coisa.

“Meu nome é Cassie”, eu disse a ela. “Cassandra Hobbes.”

Houve uma pausa, talvez de dois segundos. “Eu sou Mackenzie.” De alguma forma, era importante para ela manter o controle sobre quem ela era e o que representava. Era importante para ela manter-se em pé de igualdade comigo.

Você não pode se permitir sentir-se impotente. Você está lá fora — você está aqui em cima — porque existe uma parte de você que precisa desesperadamente estar no controle. Se algo ameaçasse isso, ela faria o que fosse preciso.

O que uma parte dela queria fazer, porque era ter controle.

“Conte-me sobre os assassinatos.” Fiz a única coisa que podia fazer. Tratei-a como adulta. Como pessoa. Como testemunha.

Mackenzie ficou em silêncio por alguns segundos e então falou novamente. “Eu não sou uma garota normal de doze anos.”



CASSIE, AGE TWELVE

Eleven years earlier



Eles não querem que ela pense nisso como uma sala de interrogatório. Cassie sabe disso, assim como sabe, objetivamente, que o sangue foi lavado de suas mãos. Primeiro tiraram fotos — tantas fotos de suas mãos, de suas roupas...

O sangue nas paredes.

Cassie não estava presente nas fotos da cena do crime. Claro que não, mas ela consegue ler nas entrelinhas. Comportamento. Personalidade. Ambiente. Os BPEs são confiáveis quando nada nem ninguém mais é. Eles são constantes.

Comportamento. O detetive puxa uma cadeira para o lado dela da mesa. Ele pegou batatas fritas e uma Coca-Cola para ela e as entrega agora.

Ambiente. Esta é uma delegacia de polícia, e não uma bem financiada. Para o detetive, é o seu local de trabalho. Ela é o elemento novo aqui, a coisa que tem o potencial de desestabilizá-lo.

Ela é uma criança.

Ela é quieta.

Ela não está chorando.

"Minha mãe está morta?", pergunta Cassie em voz baixa, mas ela se antecipa ao detetive na primeira pergunta.

"Não sabemos, querida." Essa resposta vem rápida. A verdade demora um pouco mais. "Neste momento, parece provável."

Personalidade. Cassie se força a ignorar o zumbido nos ouvidos e pensar. "Você tem filhos." Desta vez, as palavras que saem de sua boca não são uma pergunta. O detetive, ela pensa, provavelmente é divorciado, provavelmente tem filhas e provavelmente é difícil para ele não levar o trabalho para casa.

Ele vê seus filhos quando olha para ela.

"Tenho duas filhinhas — Ally e Maura."

Os nomes não combinam. Ele escolheu um, a ex-esposa escolheu o outro — ou talvez um seja um sobrenome de família.

"Eu não sou sua filha", afirma Cassie com clareza. Ela sabe que provavelmente está encarando-o demais. "Você pode me perguntar o que quiser. Eu vi pessoas no teatro. Posso descrevê-las para você." Ela não hesita, porque sabe que, se o fizer, ele lhe dirá para falar mais devagar. "Minha mãe não namora, mas atende clientes individualmente. Ela é mentalista. Você sabe o que

é um mentalista? As pessoas acham que ela é vidente, mas não é.” Isso parece importante, quando Cassie se lembra do sangue nas paredes, no chão...

Sangue em excesso.

"Talvez ela tenha enganado a pessoa errada", pensa Cassie em voz alta.

"Quem fez isso, fez de propósito. Planejou tudo." Cassie vê isso toda vez que fecha os olhos. Ela vê até mesmo quando está de olhos abertos. "Preciso voltar lá."

Pela primeira vez, sua voz treme. Ela ouve, e o detetive também, e Cassie percebe imediatamente que ele está aliviado. Aliviado por ela estar demonstrando emoção. Aliviado por poder confortá-la. Aliviado por poder tratá-la como uma criança.

“Preciso ver as provas”, insiste Cassie. “As fotos que você tirou. Você está entrevistando alguém?”

Ela percebe que ele está prestes a responder, quando ele coloca delicadamente uma mão em seu ombro.

"Respire, querida", ele murmura. "Apenas respire."

CHAPTER 4

Mackenzie estava em contraluz. Havia algo de inquietante na imagem: seu rosto visível através das tábuas de madeira, o sol refletindo em um halo em seus cabelos, seus olhos na sombra.

“Três alunos do ensino médio morreram.” A voz de Mackenzie não era inexpressiva, mas também não demonstrava emoção. Ela disse “mortos” como se fosse qualquer outra palavra. “Duas meninas e um menino. Dizem que foi suicídio. Dizem que os jovens pularam.” Ela fez uma pausa, e eu tive a impressão de que ela me observava com a mesma atenção com que eu a observava. “Há penhascos onde os alunos mais velhos vão para festejar. Meu irmão vai lá às vezes. Ele conhecia uma das meninas.”

Forcei-me a concentrar-me no que ela dizia e não apenas na forma como dizia. Não podia simplesmente fazer as coisas mecanicamente. Tinha de a ouvir. Tinha de acreditar nela.

Tive que deixá-la assumir o controle.

“Três vítimas”, repeti para ela. “Duas meninas, um menino.” Se fosse um caso normal, eu estaria pensando em vitimização — o que os três tinham em comum, que necessidade eles satisfaziam para a pessoa que os matou? “Dizem que eles pularam.” Continuei repetindo a afirmação de Mackenzie, para melhor penetrar em seu subconsciente e regar a semente que plantei quando lhe disse que eu não era normal.

Somos iguais.

“Mas você acha que eles não fizeram isso?”, continuei.

“Eu sei que eles não pularam.” A voz de Mackenzie tornou-se áspera, até mesmo cruel.

Você está com raiva.

Eu deveria ter previsto isso. Deveria estar preparada. Não era o tipo de raiva que surge do nada. Era antiga, profunda e mais poderosa do que qualquer outra coisa que ela fosse capaz de sentir.

“Diga-me como você sabe”, eu disse.

Minha compreensão das emoções não era como a de Michael. Ele lia o que alguém estava sentindo no momento. Ele olhava para uma pessoa e lia, com base em sinais físicos, o que ela sentia — e como ela se sentia em relação ao que sentia, e precisamente quais emoções ela estava tentando não demonstrar.

Mas o que eu fiz não se resumia ao momento. Tinha a ver com quem a

pessoa era. As emoções faziam parte disso, mas eu não conseguia separá-las de todo o resto.

Assim como o fato de Mackenzie ter sido vítima de abuso quando criança.

Assim como o fato de o homem que a havia sequestrado ter se suicidado antes que o caso pudesse ir a julgamento.

Ele assumiu o controle. Ele tirou isso de você. Ela não deixaria ninguém mais fazer isso, nunca mais. Os adultos não tinham o direito de olhar através dela. Eles não tinham o direito de tomar decisões por ela.

Eles não tiveram a chance de ignorá-la.

“Eu vi o corpo.” Mackenzie ergueu a cabeça para o céu novamente, quando a maioria das pessoas em sua posição teria olhado para baixo. “O terceiro. Depois dos dois primeiros, os adultos bloquearam os penhascos. Agora tem um policial lá o tempo todo. Eles trouxeram psicólogos para as escolas — não só para o ensino médio. Para o ensino fundamental também.”

Diferentemente da maioria de seus colegas, Mackenzie estaria familiarizada com conselheiros, com o luto, com coisas que nenhuma criança deveria ter que vivenciar.

“Eles falaram sobre sinais de alerta”, continuou Mackenzie, amargamente.

“E prevenção e contágio suicida, como se isso fosse algo real.”

Aconteceu, mas eu não disse isso. Eu sabia que não devia.

“Não adiantou nada.” A voz de Mackenzie estava suave agora.

Quantas outras coisas não ajudaram? Eu me perguntei. Quantas vezes alguém lhe disse o que você está sentindo, o que você vivenciou, como se curar?

Eu já tinha passado por isso.

Pare de projetar. Esse aviso me veio na voz da Agente Sterling. Minha antiga mentora não apenas me ensinou a traçar perfis. Ela me ensinou a separar meus instintos do resto do meu subconsciente.

Ela me ensinou a reconhecer quando eu me identificava com uma vítima.

“O que os adultos disseram, os professores, os pais e os especialistas — nada adiantou. Quando a polícia isolou os penhascos...” Mackenzie voltou a me encarar. “O próximo corpo foi encontrado perto da igreja. Dizem que ela se jogou da torre.”

“Ela?”

“Kelley.” A resposta de Mackenzie confirmou o que eu suspeitava: ela conhecia a terceira vítima. Da igreja? Através do irmão dela?

Essa era uma informação que eu poderia obter de uma fonte diferente da Mackenzie. Ela nos trouxera aqui para nos dizer algo específico. Isso não era um interrogatório, e se eu tentasse transformá-lo em um, estaria pisando em terreno perigoso.

Eu tive que deixá-la dizer o que precisava dizer. Eu tive que ouvi-la. Eu tive que acreditar nela.

"Kelley não pulou?" Desta vez, tomei muito cuidado para não acrescentar a expressão "você acha" no início da frase. Eu — quase certamente — não fui a primeira pessoa a quem Mackenzie contou isso.

Se alguém acreditasse em você, você não estaria aqui em cima. Você não precisaria de mim.

"Eu vi o corpo." Mackenzie repetiu o que havia dito antes. "Eu vi como Kelley caiu. Como seus ossos quebraram. Ela não pulou."

Lia entrou no meu campo de visão periférico. Com as tábuas cobrindo as janelas, as chances de Mackenzie a ver ali parada eram mínimas. Permiti-me um segundo para olhar de soslaio.

Lia assentiu brevemente com a cabeça. Mackenzie estava dizendo a verdade como a conhecia — sem dúvidas, sem floreios.

"Você também não acredita em mim." Mackenzie se levantou de repente.

Um segundo desviando o olhar foi um segundo a mais. Ela havia se arriscado ao me contar a sua verdade, sabendo que eu poderia ser apenas mais um na longa lista de adultos que a ignorariam. Ela havia pedido a polícia. E aqui estávamos nós.

Não havia mais nada que ela pudesse pedir.

Você espera que eu lhe faça a vontade. Que eu minta para você. Que eu tente manipulá-lo ou controlá-lo.

Em algum lugar da minha memória, eu conseguia ouvir uma voz masculina dizendo: Respire, querida. Apenas respire.

Os músculos da minha mandíbula se contraíram. Eu não ia ceder aos caprichos da Mackenzie — nem mentir para ela.

Eu ia ouvir. E perguntar: "Como Kelley teria aterrissado se tivesse pulado?"

Mackenzie não esperava a pergunta, e isso foi um ponto a meu favor. Ela se ergueu na ponta dos pés — apenas um pouco, com as mãos estendidas para os lados. "Depende. De quão perto ela estava da borda, de como ela se moveu. Não haveria espaço para uma corrida, mas ela poderia ter dado um passo. Ela estendeu um pé para fora da borda e saltou com o outro? Ela simplesmente deu um passo? Ela saltou? Ela estendeu os braços para os lados e caiu? Como seus joelhos se dobraram, como ela saltou? Os dedos dos pés estavam apontados?"

Enquanto falava, o corpo de Mackenzie ecoava suas palavras de maneiras minúsculas, quase imperceptíveis. Havia algo de gracioso até mesmo nos seus movimentos mais sutis, algo notavelmente sereno, considerando o que ela estava dizendo — e o fato de que um vento forte poderia levá-la para fora daquele precipício.

“Ela poderia ter pousado de tantas maneiras diferentes.” Mackenzie ficou subitamente imóvel. Pela primeira vez desde que começamos a conversar, senti um aperto no estômago. “Ela não pousou.”

Não pousou como deveria.

“Eu sei que pareço louca.” Mackenzie ajoelhou-se novamente — rápido demais desta vez, repentino demais. Atrás de mim, sua mãe soluçou. A menina deveria ter caído. Deveria ao menos ter tropeçado ou hesitado, mas não o fez. “Eu sei que você pensa que sou só uma criança. Mas não sou. Eu entendo de corpos. Sei como eles se movem. Quando treino, consigo prever os movimentos dos outros. Quando danço, sempre sei exatamente como estou, sem precisar me olhar no espelho.”

Celine veio parar ao meu lado. Ela cruzou o meu olhar com o dela, e eu soube exatamente o que ela estava pensando.

“Eu sou assim”, disse Celine a Mackenzie. “Com rostos.”

Sloane era assim com números, Michael com emoções, Lia com mentiras.

Eu era assim com as pessoas — com o que elas queriam e precisavam e o que estavam dispostas a fazer para conseguir.

“Você não quer pular”, eu disse, minha voz ecoando pelo espaço apertado. “Mas você vai pular. Você já sabe exatamente como — como posicionar os braços, como olhar para cima, não para baixo. Você vai apontar os dedos dos pés.”

O negociador de crises agarrou-me pelo braço, os dedos cravando-se nos tendões logo acima do cotovelo. Ouvi a psicóloga infantil sussurrar algo atrás de mim. Achavam que eu estava sendo imprudente, que estava dizendo coisas erradas, colocando ideias na cabeça da Mackenzie.

As ideias já existem.

Ignorei o aperto opressivo do negociador. “Você sabe exatamente como vai se sair”, eu disse a Mackenzie, “porque você entende de corpos. Você entende de movimentos.”

“Eu sei”, disse a garota na beira do precipício, desesperada, “que Kelley não pulou.”



CELINE, AGE TWELVE

Twelve years earlier



Não há uma única pessoa nesta mesa de jantar formal demais que Celine gostaria de desenhar. Para ser justa, ela já desenhou Michael uma dúzia de vezes ou mais.

Ela conhece o rosto dele quase tão bem quanto o seu próprio.

“Os rapazes logo estarão na fila para este evento.” O Sr. Pritchett — o convidado de honra — acena para Celine e sorri com cumplicidade para os pais dela. “Se é que já não estão.”

Por que homens adultos dizem coisas tão estúpidas? Celine consegue não dizer isso em voz alta. Seus pais deveriam apreciar muito sua descrição. Foram eles que insistiram que esse marmanjo — aquele que age como se ser bonita fosse a maior honraria que uma adolescente poderia receber — é importante.

Uma valiosa conexão comercial. Celine faz um esforço enorme para não revirar os olhos. Em um gesto de grande contenção, ela imagina os músculos e ossos escondidos sob as bochechas saudáveis do Sr. Pritchett.

“A Celine ainda não está interessada em rapazes.” Sua mãe, professora universitária, tem a dose certa de feminismo para acrescentar: “Ela está muito mais focada nos estudos.”

Para Celine, estudar é fácil. É a sétima série, não é nenhum bicho de sete cabeças.

“E a arte dela”, interrompe Michael. O comentário, além de verdadeiro, produz um resultado imediato: a atenção do pai dele. A mudança na postura de Thatcher Townsend é perceptível, até mesmo para Celine. Ela se saiu bem em não olhar para o pai de Michael esta noite.

Diante do rosto do velho Townsend.

É incrível, de verdade, que ninguém mais perceba. Nem Michael, nem Thatcher, nem o pai azarado de Celine, que não faz ideia de que ela não tem o DNA dele. Está tudo lá, na estrutura óssea que ela e o antigo sócio do pai compartilham.

Está tudo no rosto.

“Talvez você não se interesse por garotos agora, Celine”, diz o pai de Michael, bajulando o Sr. Pritchett com um olhar cúmplice, “mas um dia você se interessará.”

Quer apostar? Celine, mais uma vez, se contém.

Michael não. "Deixe-a em paz."

O estômago de Celine se revira. Essas palavras custarão caro a Michael. Thatcher Townsend é encantador. Thatcher Townsend é generoso, um filantropo renomado, um excelente empresário.

Thatcher Townsend é um monstro.

Na maioria das vezes, Michael tenta esconder os hematomas, mas não consegue disfarçar que seu nariz não está mais tão reto. Não da Celine. Rostos não mentem. E se o pai de Michael já quebrou um osso, quem garante que não vai quebrar outro?

Não. Celine não vai deixar isso acontecer. Não esta noite. Ela se pronuncia antes que Thatcher possa voltar seu olhar fixo no filho. "Por quê?"

Se ela conseguir distrair Thatcher, talvez ele se esqueça do que Michael disse. Talvez Michael não precise ficar em casa "doente" amanhã. Talvez Celine não veja as marcas disso em sua bochecha, nariz ou mandíbula, muito tempo depois que os hematomas tiverem cicatrizado.

"Ora, o quê, querida?", pergunta Thatcher com indulgência. Seu olhar está fixo em Celine, mas ele não se esqueceu do jeito como Michael falou com ele.

Vou ter que fazer você esquecer. Não era assim que Celine planejava fazer esse anúncio. Mas essa é a verdade dela, e a decisão dela. Que se danem os pais dela — e que se dane Thatcher Townsend.

Celine sorri docemente. "Por que eu me interessaria por garotos", pergunta ela inocentemente à mesa, "quando existem garotas?"

CHAPTER 5

"Você acha que a Mackenzie tem talento natural?" Lia foi direto ao ponto assim que saímos da sala.

Celine ficou para trás para acalmar a negociadora de crises, a psicóloga e a Sra. McBride. Para alguém que tinha uma queda por jogar gasolina no fogo, Celine também era surpreendentemente hábil em apagá-lo. Não era minha intenção ser provocativa ou imprudente. Eu disse o que precisava dizer para mostrar a Mackenzie que estava ouvindo.

Eu não estava apenas repetindo as palavras dela. Eu entendi. Convencer Mackenzie disso valeu o risco de enfrentar sua ameaça de pular de frente. O fato de eu ter conseguido foi o único motivo pelo qual consegui arrancar dela a promessa de que ficaria quieta enquanto eu fazia alguns telefonemas.

Eu lhe dei algo a que se agarrar.

Eu a deixei no controle.

"Só há uma maneira de descobrir se ela é como nós", eu disse a Lia. Sentir-se diferente não torna alguém um prodígio. Acreditar que você sabe das coisas, que consegue intuir coisas que outras pessoas não conseguem — isso não te torna um gênio.

A única maneira de saber se Mackenzie era uma profissional nata era descobrir se ela estava certa.

Para isso, eu precisava da Sloane. Infelizmente, a Academia do FBI não era conhecida por permitir que seus alunos mantivessem seus celulares ligados o tempo todo. Dei um jeito e fiz outra ligação.

"Briggs." Mesmo agora, como diretor do FBI, o fundador do programa Naturals tinha o hábito de atender o telefone pelo sobrenome. Eficiente — e um pouco egocêntrico.

"Preciso que você ligue para a Sloane para mim", eu disse, sem me dar ao trabalho de dizer "olá", assim como ele já havia feito. "Também preciso que você nos dê acesso a tudo o que a polícia local tem sobre três mortes recentes de adolescentes — aparentemente suicídios. Quanto antes a Sloane tiver acesso a esses arquivos, melhor."

Talvez o detetive responsável pelo caso de Mackenzie tivesse entregado os arquivos sem receber um telefonema do diretor do FBI, talvez não. De qualquer forma, eu não ia dedicar um grama sequer da minha atenção ou capacidade

mental a tentar descobrir como contornar a situação. Meus recursos cognitivos já estavam divididos, metade focada em Mackenzie — poder, controle e desespero — e a outra metade processando os poucos fatos que eu sabia sobre as três mortes.

Se Mackenzie estivesse certa, se eu provasse isso, ela teria um motivo para vir.

Três vítimas. Duas mulheres, um homem. Todos adolescentes. Todos da região. Se esses "suicídios" fossem realmente assassinatos, eu precisava das informações nos arquivos tanto quanto Sloane. Qual era o intervalo de tempo entre as mortes? Os números dois e três ocorreram mais próximos ou mais distantes um do outro do que o número um? Eu sabia que a terceira vítima era mulher. Se a primeira tivesse sido homem, isso poderia sugerir uma mudança no padrão.

A primeira poderia ter sido um treino. As duas seguintes — as garotas — podem ser o que você quer.

“Confira seu celular.” Lia tinha voltado rapidamente para a sala de luz para ver como Celine estava. Pelas primeiras palavras que saíram de sua boca quando reapareceu no patamar, concluí que Celine provavelmente havia pedido para ela transmitir o recado.

Peguei meu celular e verifiquei meu e-mail seguro. Os arquivos estavam lá. Se eu os tinha, isso significava que Sloane também os tinha. Pela rapidez com que ela trabalhava, eu teria notícias dela em breve.

Não foi cedo o suficiente. Eu havia decidido não voltar para o quarto até conseguir convencer Mackenzie de que eu tinha feito alguma coisa, de que eu estava fazendo alguma coisa. Eu não podia voltar só para dizer a ela que tinha que esperar. Enquanto isso, eu tinha que confiar que Celine conseguiria lidar com os adultos na sala — e que alguma parte de Mackenzie teria se identificado com a forma como Celine reagiu quando Mackenzie descreveu sua consciência do próprio corpo — dos músculos e dos movimentos.

Eu sou assim com rostos. Entrei nessa me identificando com a Mackenzie e preparando o terreno para que ela se identificasse comigo, mas com um pouco de espaço, percebi que eu não era a única opção nesse sentido. A habilidade da Celine era a mais próxima da da Mackenzie. A Celine era quem se movia como uma lutadora e uma dançarina, e a Mackenzie tinha mencionado tanto lutas quanto dança. Eu sabia o que era sobreviver a um trauma, mas a Celine era quem tinha se esforçado muito na adolescência para ser vista e ouvida. Ela se sentia confortável com a raiva.

Ninguém a controlava.

"Com licença."

Levantei os olhos e vi o Sr. McBride subindo os degraus. Nove lances de escada o haviam deixado fisicamente exausto, mas era evidente que ele considerava isso o menor dos seus problemas. "Pode me dizer alguma coisa?", perguntou ele, ofegante. "Minha esposa? Minha filha?"

Prestei atenção na ordem em que ele perguntou. "Ambos estão bem", eu disse. "Ou tão bem quanto podem estar, dadas as circunstâncias."

O pai de Mackenzie subiu mais um degrau, mas parou ali, abaixo de mim. Meu celular estava pesado na minha mão. Eu tinha os arquivos. Eu poderia estar olhando para eles enquanto esperava a ligação de Sloane. Mas eu sabia como era estar do outro lado de uma investigação e sentir que ninguém estava te dizendo nada — ou te ouvindo.

Para o bem ou para o mal, eu poderia lhe dar um minuto.

"O que você pode me dizer sobre Mackenzie?", perguntei.

Na minha área de atuação, os detalhes eram cruciais, e considerando que Sloane poderia facilmente me ligar de volta e dizer que as evidências físicas eram compatíveis com suicídio, eu precisava de um plano B — um plano que pudesse impedir Mackenzie de cometer suicídio, mesmo que ela estivesse errada.

"A Mackenzie é uma boa menina." O Sr. McBride disse isso teimosamente, como se esperasse que eu discutisse. Quando não discuti, ele ficou nervoso e passou as mãos pelos cabelos, em vez de torcê-los. "Ela não gosta de atenção. Não desse jeito."

Ela se parece mais com você do que sua esposa, traduzi. Fiquei pensando quando essa mudança tinha acontecido. Mackenzie McBride já havia desejado ser uma estrela pop.

Ela adorava ser o centro das atenções.

"A Mackenzie alguma vez fala sobre o que aconteceu com ela?", perguntei.

Essa pergunta calou o Sr. McBride imediatamente, como se ele tivesse um botão de desligar e eu o tivesse apertado.

"Eu tenho uma irmãzinha", eu disse, tentando outra abordagem. "Não soube da existência dela por anos. Até ela ter três, quase quatro anos. O que ela passou..." Pensei em Laurel, no jeito como ela olhava para os balanços e via grilhões e correntes. "Eu nunca vou entender completamente." Balancei a cabeça. "Não a obrigo a falar sobre isso. Mas às vezes, às vezes, ela diz algumas coisas." Fiz uma pausa, deixando o silêncio reverberar em sua mente. "A Mackenzie às vezes diz alguma coisa para você?"

"Ela disse que era pequeno." O Sr. McBride engoliu em seco, visivelmente, audivelmente, praticamente com todo o corpo. "O lugar onde aquele desgraçado a mantinha, ela disse que era escuro e pequeno, e que ele a deixava lá por horas

— às vezes dias.”

Pensei em Mackenzie, em pé numa saliência, olhando para o céu. Para cima, não para baixo. Pelo menos na saliência, havia ar.

Pelo menos você está no controle. Pelo menos você é livre.

“Ela disse que dançou.”

Isso fez com que minha atenção voltasse a se concentrar no pai de Mackenzie.

“Ela o quê?”

“Ela dançava”, ele repetiu. “Todos os dias, o tempo todo, sempre que podia. Sempre que estava escuro. Sempre que não conseguia enxergar nada. Sempre que queria chorar. Ela dançava.”

Pensei em como seria viver num quarto de quatro por quatro. Você era apenas uma criança. Uma criança que gostava de ser o centro das atenções. Uma criança que queria ser uma estrela pop.

Ele tirou tudo de você. Ele te prendeu. Ele te machucou.

Você dançou.

“Quanto mais velha ela fica, mais difícil é.” O pai de Mackenzie olhou para baixo. “Pensei que ficaria mais fácil, mas ela entende mais agora do que antes. As coisas pelas quais ela passou...”

Ele não conseguiu terminar a frase.

“Ela dança cinco dias por semana.” O Sr. McBride esboçou um sorriso discreto, afetuoso e esperançoso de uma forma que me atingiu como uma facada no estômago. “Balé, sapateado, jazz. Há alguns anos, ela começou a praticar artes marciais — a menina é praticamente um prodígio. Não há nada que ela não consiga fazer fisicamente.”

Quando se trata do seu corpo, ela está no controle.

“Obrigado”, eu disse ao Sr. McBride. Ele me perguntou pelo que eu estava agradecendo, mas eu não conseguia explicar o que ele acabara de me dizer — o que ele realmente tinha me dito.

Se tivéssemos tido infâncias normais, Sloane comentou certa vez, há muito tempo, não seríamos Naturais. Michael aprendeu a ler emoções porque precisava ser capaz de ler as do seu pai abusivo. Lia cresceu num mundo onde a dissimulação era uma questão de sobrevivência. O pai de Dean era um assassino em série.

Eu tinha uma mãe que era mentalista, e ela nos mudava com tanta frequência que os únicos relacionamentos que eu conseguia formar com outras pessoas eram na minha mente.

Mackenzie McBride havia sido sequestrada aos seis anos de idade. Eu sabia que ela tinha sido mantida em cativeiro. Eu sabia o tamanho do barraco. Eu não

sabia, até este momento, o que ela tinha feito para sobreviver.

Você dançou. No escuro, você dançou. Por horas e horas. Quando você não tinha controle sobre mais nada, você tinha controle sobre o movimento. Sobre seus próprios músculos. Sobre a decisão de repetir os mesmos movimentos — movimentos familiares — repetidamente.

Eu suspeitava, mas não tinha certeza, que quando Mackenzie dançava, ela ia para um lugar em sua mente onde outras coisas — as coisas ruins, como Laurel diria — não podiam tocá-la. O que eu sabia era que, na beira do precipício, Mackenzie dissera que conhecia os corpos, sabia como eles se moviam, sabia como ela ficava quando dançava sem nunca se olhar no espelho.

Com relação à sua infância? Sua infância nada normal? Isso fazia sentido. Mesmo agora, se perder no movimento, exercer controle físico — era um mecanismo de defesa.

Eu vinha tentando abordar isso de forma objetiva. Eu vinha reservando meu julgamento sobre se Mackenzie sabia ou não das coisas, da mesma forma que eu às vezes fazia.

Como todos nós fizemos.

Mas e agora?

Me despedi do Sr. McBride e comecei a subir a escada em direção à sala de iluminação. Você entende de corpos. Você entende de movimento.

Eu achava que não poderia voltar até ter provas de que ela estava certa. Mas agora? Eu não precisava de provas.

Eu sabia.

Quando entrei na sala, a primeira coisa que notei foi que Celine estava parada em frente à janela, mais perto de Mackenzie do que qualquer uma das outras.

“Você voltou.” Mackenzie não se virou para me olhar. Fiquei me perguntando se ela tinha me visto entrar na sala ou se tinha me ouvido.

Quão em sintonia com o ambiente — com os corpos ao seu redor — ela estava?

Meu telefone tocou, o som quase obscuro no silêncio que se seguiu à declaração de Mackenzie. Não importava o que o Agente Especial Delacroix tivesse feito para minimizar os danos causados aos adultos nesta sala, era bem provável que nenhum deles confiasse totalmente em mim ou na maneira como eu havia escolhido abordar a situação.

Aos olhos deles, essa era uma situação delicada. Mackenzie era delicada e precisava de muito cuidado.

Olhei para o meu celular e depois para a garota na beirada. “É minha colega”, eu disse. “A especialista.”

"Aquele que lhe dirá que estou certa", disse Mackenzie com firmeza. Minha cabeça queria acenar com a cabeça, mas me forcei a atender o telefone. "Diga-me o que você tem, Sloane."



SLOANE, AGE TWELVE

Eleven years earlier



"Ela precisa parar de fazer essas coisas, Margot."

Sloane sabe que o uso da palavra "stunk" pelo segurança é uma inovação linguística bastante recente — do final do século XIX, de origem desconhecida. Pessoalmente, ela prefere os termos "exploit" e "feat".

"O que foi dessa vez?" A mãe de Sloane está vestindo uma camiseta branca justa e calça jeans. Não são suas roupas de trabalho.

Interessante. Apenas 15% do guarda-roupa pessoal de Margot Tavish é branco.

"Mesas de blackjack." A segurança responde brevemente. Sloane deveria mesmo aprender o nome dele — assim como já aprendeu a localização das três dúzias de câmeras de segurança no Majesty, os pontos cegos e como se locomover pelo cassino minimizando as chances de ser filmada. É mais difícil se esconder dos guardas.

Mais difícil, mas não impossível.

"Ela estava contando cartas." A segurança não pareceu muito satisfeita com isso. "Para os outros jogadores, Margot. Levou três mãos até conseguirmos escoltá-la para fora."

"Eu não estava contando nada." Sloane sente que precisa esclarecer isso, mesmo que o esclarecimento lhe renda um olhar fulminante de uma Margot irritada. "Eu estava monitorando o número e a distribuição das cartas que já haviam sido jogadas, numa tentativa de calcular as probabilidades individuais de a próxima carta ser favorável ao jogador ou ao carteador."

O segurança solta o que Sloane suspeita fortemente ser um suspiro de exasperação. Sloane tem muita experiência com a exasperação alheia.

"Chega, Margot. A menina tem doze anos e já é persona non grata na tira. Não preciso dizer o quão desconfortável isso pode ser se a notícia se espalhar pela hierarquia do Majesty."

Sloane conhece a hierarquia do Majesty tão bem quanto sabe a localização das câmeras de segurança. Afinal, esse é o objetivo. Chamar a atenção do dono. Fazer com que ele a veja.

Margot coloca a mão no ombro de Sloane e puxa o corpo menor de Sloane para mais perto do seu. Sloane calcula que há 12% de chance de isso ser um

sinal de afeto. Mais provavelmente, é proteção.

Ou talvez um aviso.

“Se Shaw disser alguma coisa, você pode dizer a ele que a culpa não é minha por ela ser um gênio.”

Não é culpa da mãe de Sloane que Sloane seja Sloane. Isso dói, e não é exatamente verdade.

“Devido ao polimorfismo genético...” Sloane não consegue dizer mais nada antes que o segurança dê um passo em direção à sua mãe.

O gesto parece bastante ameaçador.

“Estou tentando te ajudar, Margot. Se Shaw quisesse seu filho por perto, ele te diria.”

“Eu também sou filha dele”, diz Sloane.

Há uma longa pausa. Uma pausa de 12,35 segundos, segundo a estimativa de Sloane.

“Seu chefe sempre foi muito claro”, sussurra Margot Tavish finalmente, “sobre o que ele quer e o que ele não quer.”

CHAPTER 6

“São três casos.” Com o passar dos anos, Sloane tinha melhorado na arte de me explicar seus cálculos aos poucos, mas eu sabia por experiência que, em breve, os números começariam a surgir rapidamente.

A velocidade era boa. Mackenzie não estava mais em contraluz. Eu não tinha percebido isso no patamar da escada, mas em um quarto com janela, era evidente que o céu lá fora começara a escurecer.

Parecia que ia haver uma tempestade.

“O primeiro caso que analisei”, disse Sloane animadamente, “foi o de uma mulher de dezessete anos, com sessenta e três centímetros de altura e aproximadamente sessenta e quatro quilos, totalmente vestida. Ela foi encontrada deitada de costas em um terreno irregular com uma inclinação de doze graus negativos.”

Ninguém mais conseguia ouvir Sloane, mas eu sentia os olhares de todas as pessoas na sala sobre mim, avaliando minha reação. A Sra. McBride. A psicóloga. O bombeiro. O negociador de crises.

Mackenzie.

“As fotografias do local permitiram-me identificar o provável ponto de lançamento. Analisando retroativamente a partir do ponto de impacto, levando em consideração a resistência do vento, a distância vertical e horizontal percorrida e uma estimativa da densidade muscular da vítima—”

“Sloane.” Mantive a minha interrupção suave.

Gentilmente, minha calculadora humana favorita foi direto ao ponto. “Ela pulou.”

Não podia deixar a respiração falhar nem permitir que transparecesse qualquer sinal de surpresa no meu rosto. Mackenzie estava observando.

Eu esperava que Sloane me dissesse que as vítimas haviam sido empurradas.

“Segundo caso”, continuou Sloane num tom que qualquer pessoa que não a conhecesse bem poderia confundir com alegre. “Homem, dezoito anos, 1,83 metro de altura, 59 quilos. Padrão de aterrissagem diferente, ponto de lançamento diferente no penhasco, ponto de impacto diferente — mesma conclusão.”

Eu não deixaria meu estômago revirar. Eu não me permitiria olhar para Mackenzie, lá na beira do precipício.

O garoto pulou. Eu tinha tanta certeza de que Mackenzie era uma prodígio,

de que ela estava certa, de que eu poderia usar isso para fazê-la descer do penhasco. Agora, quando desligasse o telefone, teria que mentir para ela ou dizer que ela estava errada.

Que eu não acreditei nela.

Que eu era igual a todo mundo.

Você dança cinco dias por semana. Você pratica artes marciais. Você exerce controle sobre o seu próprio corpo quando sente que não tem controle sobre mais nada.

Neste momento, seu corpo está na beira do precipício.

Seu corpo poderia saltar.

“Cassie?” A voz de Sloane interrompeu meus pensamentos. “Você não me perguntou sobre a terceira vítima.”

Ao longe, ouvi trovões. Eu havia entrado nessa situação presumindo que estávamos trabalhando contra o tempo, mas se uma tempestade estivesse se aproximando do oceano, tínhamos que tirar Mackenzie de lá. Mesmo alguém com um controle incrível do próprio corpo poderia cair se a superfície em que estivesse pisando ficasse escorregadia.

Se houvesse vento forte o suficiente.

“E a terceira vítima?”, perguntei. “Kelley.”

Fiz essa pergunta porque queria que Mackenzie, que ainda estava ouvindo, soubesse que eu havia tentado. Queria que ela soubesse que, independentemente do resultado, eu havia entrado nisso de boa fé. Kelley foi a única das três vítimas que Mackenzie mencionou pelo nome.

Kelley era a pessoa que importava para ela.

“Maior distância vertical percorrida, menor horizontal”, enumerou Sloane. “Radiografias post-mortem sugerem uma rotação moderada para a frente, apesar de o pouso ter sido feito com os pés primeiro. Modelei um cenário em que ela saiu da borda com um pé e transferiu o peso, resultando em uma queda livre, bem como trajetórias com maior impulso inicial e vertical—”

“Tradução?”, interrompi.

“As duas primeiras vítimas pularam.” Sloane fez uma pausa. “A terceira não pulou.”

Parei de respirar e, de repente, sem aviso, o ar saiu dos meus pulmões com um sopro. Ela tinha razão. Mackenzie tinha razão.

“Eu precisaria de fotos melhores da área ao redor do ponto de lançamento, bem como de uma análise mais detalhada das condições climáticas, para descartar uma queda, mas a conclusão mais provável é...”

Terminei a declaração de Sloane por ela. “A terceira vítima foi empurrada.”

Eu não deveria ter me sentido aliviada. Nenhuma parte de mim deveria ter

ficado grata pelo assassinato de uma adolescente. Mas a terceira vítima era a única que Mackenzie tinha visto de fato, aquela em quem ela baseou sua conclusão.

Ela estava certa. E isso significava que eu não precisava dizer a ela que estava errada. Significava que eu também estava certo — sobre a capacidade de Mackenzie, sobre as circunstâncias que a aprimoraram.

Mackenzie McBride era um talento nato.

"Kelley não pulou." Eu disse a verdade, de forma clara e em voz alta o suficiente para que todos nesta sala — e também aqueles que estavam do lado de fora — ouvissem. Mackenzie merecia saber que estava certa. Ela merecia que todos nesta sala soubessem disso.

Ela merecia ouvir algo diferente de "se acalme e respire".

Se alguém empurrasse Kelley... Meu cérebro chegou rapidamente à conclusão óbvia. Não estamos falando apenas de contágio suicida.

Estávamos investigando um criminoso desconhecido que usou duas mortes trágicas na tentativa de disfarçar uma terceira.

VOCÊ

Você é a testemunha. O poder, o analgésico, a paz.

Estranhos não têm o direito de tirar isso — nem de você, nem daqueles que você abençoa.

Como ousam falar do seu trabalho? Forasteiros. O pensamento lhe causa uma sensação incômoda. O que eles sabem sobre esta cidade? Sobre a sua história?

Sobre você.

CHAPTER 7

"O que você vai fazer?", perguntou Mackenzie, agachada do lado de fora da janela. Seu pescoço estava curvado, sua testa quase tocando a barricada.

"Vamos abrir uma investigação." Celine foi breve e direta na resposta a Mackenzie. "Uma investigação de homicídio. Tecnicamente, o caso não será federal, mas tenho a impressão de que o departamento de polícia local verá com bons olhos nossa participação."

Briggs se encarregaria disso.

Ao me aproximar da janela — e de Mackenzie — desejei que Michael estivesse ali para me dizer exatamente o que interpretar na forma como Mackenzie finalmente deixou sua testa encostar na barricada. Ela estava cansada? Aliviada? Agora que alguém acreditava nela, a magnitude do que ela havia feito para chamar nossa atenção estava começando a ficar clara?

Parei a poucos centímetros dela. O quarto estava tão silencioso que eu conseguia ouvir sua respiração. Lá fora, o céu ainda estava pintado em tons de cinza, mas não havia trovão, nenhum som, exceto a respiração de Mackenzie e um leve assobio do vento.

"Você vai descobrir quem a empurrou", disse Mackenzie em voz baixa. Não era uma pergunta, nem um pedido. Eu esperava algo como esperança em seu tom de voz, mas não consegui perceber muita emoção.

"Vamos sim." Lia deu um passo à frente. Das três, ela era a que menos tinha interagido com Mackenzie, mas também era capaz de falar com uma convicção com a qual um ouvinte desavisado simplesmente não conseguia discordar. "Cassie vai começar a se infiltrar na mente das pessoas. Vou interrogar — testemunhas, suspeitos, qualquer um que me irritar."

Isso arrancou um pequeno sorriso de Mackenzie.

"A agente Delacroix vai exibir seu distintivo e incutir medo em toda a cidade, inclusive no FBI", prometeu Lia. "Será um espetáculo para se ver."

Se o único motivo de Mackenzie ter rastejado até aquela beirada fosse fazer alguém ouvi-la, o fato de eu ter confirmado sua crença e as garantias de Lia de que tomaria providências teriam sido suficientes para convencê-la. Mas, pensando na minha conversa com o pai dela, fiquei me perguntando se era só isso mesmo.

Você sobreviveu. Você dançou. E você continua dançando desde então.

"Mackenzie, querida..." A Sra. McBride havia permanecido notavelmente

em silêncio nos últimos minutos. “Por favor.” A mãe de Mackenzie era a falante da família. “Me desculpe por não ter acreditado em você sobre a Kelley. Deveríamos ter escutado. Me desculpe mesmo, mas você não pode—”

“Não peça desculpas”, interrompeu Mackenzie secamente. “Está tudo bem.”

Ao meu lado, o olhar de Lia desviou-se quase imperceptivelmente para o meu. Mackenzie estava mentindo. Isso não estava certo.

Muitas coisas na vida de Mackenzie não eram.

“Antes que possamos ir embora”, eu disse com cuidado, “antes que possamos encontrar a pessoa que matou Kelley...”

Esperei que ela completasse a frase. Ela mesma teve que dizer.

“Você precisa que eu entre.” Mackenzie não parecia zangada ou triste, mas havia algo em seu tom que eu reconheci. Algo profundo e cavernoso, algo que eu já havia sentido.

“Você vai ficar bem”, eu disse à nossa mais nova Natural, com a voz embargada. “Muitas coisas na sua vida — coisas que já aconteceram, coisas que ainda vão acontecer — não vão acontecer, mas você vai.” Deixei a frase fazer efeito. Sem rodeios, sem adoçar a pílula. “Você nunca vai ser normal, Mackenzie, mas você vai ficar bem.”

“Pessoalmente”, comentou Lia, “acho que a normalidade é superestimada”.

Eu desejei que Mackenzie nos ouvisse. Nós te vemos. Você pode descer agora. Você pode entrar.

“E se você não o pegar?” Mackenzie voltou toda a sua atenção para Celine. De repente, ela parecia mais jovem. Vulnerável. “A pessoa que empurrou a Kelley. E se ele sair impune?”

Ele — ou ela, completou meu cérebro de analista de perfis. Ou eles/elas. As possibilidades eram inúmeras, e eu poderia começar a analisá-las assim que Mackenzie chegasse.

“Às vezes você ganha”, respondeu Celine calmamente, aceitando a pergunta de Mackenzie sem questionar. “Às vezes você perde. Mas posso te prometer que lutaremos com todas as nossas forças por Kelley. E quanto ao nosso histórico?” Celine pressionou a palma da mão contra uma das tábuas. Não a que Mackenzie estava encostada. Não muito perto. “Não é exatamente normal.”

Você é diferente, Mackenzie, mas nós também somos. Nós te vemos. Você não está sozinha.

“Você é boa no que faz?”, perguntou Mackenzie com a voz rouca.

“Nós te encontramos, não é?” O tom de Lia beirava o deboche, mas, de alguma forma, isso fazia com que suas palavras soassem menos como uma pergunta retórica e mais como uma verdade inviolável, incontestável e nua.

Você nunca será normal, mas você ficará bem.

“Você pode confiar neles, Mackenzie.” Essa frase veio de trás de mim. A psicóloga. Eu quase tinha me esquecido que ela estava ali, que havia alguém nesta sala além de Mackenzie e nós três. “Já conversamos sobre confiança, não é?”

Essa foi exatamente a coisa errada a dizer. Cruzei o olhar com o de Mackenzie, desejando que ela olhasse para mim — e para Lia e para Celine.

Não estamos te fazendo a vontade. Somos como você.

Antes que eu pudesse dizer isso, Quentin Nichols deu um passo à frente. “Você nos dirá quando estiver pronta para que removamos a barricada”, disse o negociador de crises. “Você está no controle aqui, Mackenzie. A decisão é sua.”

Enfatizar o controle que ela tinha da situação foi uma boa jogada. Foi a jogada certa, uma que eu talvez tivesse feito se ele tivesse me dado a chance. Mas ele não deu, e meu instinto me dizia que as palavras soariam diferentes para a Mackenzie vindas dele.

Ele é do sexo masculino.

“Fique para trás.” Mackenzie tirou a cabeça da prancha com tanta força que eu temi que ela fosse voar para trás. Mas não voou. “Você não tem o direito de me dar o controle. Você não tem o direito de ficar aí parada dizendo...”

“Respire, Mackenzie”, murmurou a psicóloga atrás de mim.

Eu respondi bruscamente para que Mackenzie não precisasse. “Ela já está respirando. Ela está bem.”

Mas eu sabia: você não está bem, Mackenzie. Você não está bem há muito tempo. Algo a havia perturbado, a levado de volta a um lugar para onde ela não queria ir. Ela estava lutando contra isso — lutaria contra isso — com unhas e dentes.

Enquanto Mackenzie permanecesse onde estava, ela estava no controle. Na beira do precipício, era o corpo dela, a escolha dela, a vida dela.

Seus olhos fitaram além de mim, além de Lia, além de Celine, além de sua própria mãe.

Diretamente ao psicólogo — e depois a Quentin Nichols.

Você é pequena. E ele não. Ele tem poder. E você não. Mackenzie deu um passo para trás. Foi um pequeno passo, mas...

“Mackenzie”, disse Celine calmamente, “preciso que você fique bem quieta”.

Deslizei para o lado, bloqueando a visão de Mackenzie dos homens na sala o melhor que pude. O bombeiro, pelo menos, teve a presença de espírito de ficar calado. Eu não confiava que Quentin Nichols faria o mesmo.

Mackenzie provavelmente não era a primeira amazona dele. Não era a primeira vez que ele participava de um rodeio. Mas, quer ele percebesse ou não,

ela era diferente.

Um estrondo de trovão ecoou à distância. Mackenzie ergueu a cabeça para o céu. Seu corpo não tremeu. Ela não vacilou.

“Você precisa que eu fique parada”, ela repetiu para Celine. “E eu preciso que você encontre a pessoa que assassinou Kelley.”

Isso é controle. Isso é definir suas próprias regras.

“Como vamos encontrar o assassino se tivermos que ficar aqui cuidando de você?” Lia não poupou palavras. Ela não era especialista em perfis criminais, mas tinha um histórico de traumas e uma aversão profunda por ser tratada como se fosse traumatizada.

"Você não precisa ficar", disse Mackenzie com firmeza. "Eu sei me cuidar."

Estivemos tão perto de ela entrar. Se só estivéssemos nós na sala, teríamos conseguido. Eu com certeza não a deixaria sozinha com as pessoas que tinham estragado tudo a ponto de mantê-la lá fora.

Isso é controle. Eu queria acreditar que poderíamos desfazer o estrago, convencê-la a desistir, mas tudo dentro de mim dizia que, agora que ela havia estabelecido suas condições, ela as manteria. Seu corpo. Sua vida.

A escolha é sua.

“Eu vou ficar.”

Eu estava prestes a dizer essas palavras, mas Celine se adiantou.

“Eu ficarei com você”, ela repetiu, concentrando-se apenas em Mackenzie. “E Lia e Cassie cuidarão do caso.”

“Tudo bem.” A voz de Mackenzie era firme como aço, enquanto uma rajada de vento chicoteava seus cabelos castanho-claros contra o rosto. Ela encarou Celine por mais um instante, depois se virou para Lia e para mim. “Façam o trabalho de vocês”, prometeu, “encontrem o assassino de Kelley — e eu desço.”

VOCÊ

Existem nomes para o que você faz. Misericórdia é um deles. Mas outro? Outro é arte.

CHAPTER 8

“Achei que correu bem.”

Do banco do passageiro do nosso SUV oficial, encarei Lia. Eu sabia que ela só estava me provocando — porque quanto mais ela me provocava, menos espaço mental eu conseguia dedicar a pensar em como eu poderia ter agido de forma diferente com a Mackenzie.

Por que falhamos.

Afastar-me, deixá-la ali naquele penhasco, foi difícil, quase impossível. Eu ainda conseguia ver a aparência de Mackenzie da base do farol. Pequena. Imóvel. Ela era pouco mais que uma silhueta contra o céu que escurecia. Lá embaixo, o oceano agitava-se, furioso e impetuoso, enquanto se chocava contra a costa recortada.

A tempestade estava se aproximando. Não tínhamos muito tempo.

"Você está ignorando o celular de propósito, ou é apenas um efeito colateral da sua introspecção?" Lia conseguiu parecer genuinamente curiosa sobre a resposta a essa pergunta.

Olhei para o meu celular. Três novas mensagens de texto — todas da Celine.

"O agente Delacroix está bastante ocupado?", perguntou Lia, com um tom irônico.

“Aparentemente, ela andou fazendo algumas ligações.” Não me surpreendeu que Celine ainda estivesse coordenando a investigação, mesmo tendo sido ela quem se ofereceu para ficar. Objetivamente, Lia e eu tínhamos habilidades mais úteis para conversar com testemunhas, mas era a Agente Delacroix quem tinha o distintivo.

Era ela quem Mackenzie estava observando e ouvindo naquele momento. Mostrar à pequena Natural que o caso estava avançando seria mais eficaz do que qualquer coisa que alguém naquela sala pudesse dizer para manter Mackenzie calma.

“A Celine conseguiu entrar em contato com os pais da Kelley”, eu disse à Lia. “Eles estão ansiosos para falar conosco.” Repeti o endereço que a Celine tinha enviado e voltei minha atenção para o meu celular — não para as mensagens, mas para a minha caixa de entrada — e para os arquivos. Eu tinha todo o tempo da viagem para ler os arquivos da Kelley. Antes de falarmos com os pais da nossa vítima, eu precisava conhecê-la melhor.

O sobrenome dela era Peterson. Essa foi uma das muitas coisas que descobri

durante a viagem, enquanto folheava o arquivo uma vez e o relia. Você era aluna do último ano do Ensino Médio na Cape Roane High School. Aluna exemplar, pais médicos, sem irmãos. Uma rápida olhada em suas redes sociais me disse que ela tinha uma propensão a ficar no meio de todas as fotos. Pelas fotos que seus muitos enlutados estavam postando, ela também tinha o hábito de ir para a escola de roupa de ginástica, como se simplesmente não tivesse se dado ao trabalho de trocar de roupa depois da academia.

Em todas as fotos, seu rosto estava completamente maquiado.

Mas o que mais me preocupava enquanto Lia e eu subíamos os degraus da varanda da casa dos Peterson não era a aparência de Kelley naquelas fotos.

Era assim que ela estava nas fotos da autópsia.

“Obrigada por nos receber.” Sentei-me em frente aos pais de Kelley na sala de estar formal da casa deles. As paredes estavam decoradas com bom gosto, com uma mistura de arte abstrata e retratos de alta qualidade — alguns da família inteira, outros apenas de Kelley. Agora que a filha deles havia falecido, os momentos capturados no tempo eram assombrosos, mas a impressão que não me saía da cabeça era a associação entre os retratos e as pinturas.

Kelley como decoração.

Kelley como arte.

“Claro.” Foi o pai de Kelley quem respondeu, mas o jeito como sua mão estava entrelaçada na da esposa dava a impressão de que as palavras eram um esforço conjunto. Os doutores Peterson eram do tipo A, bonitos, ambiciosos — mas, independentemente de tudo o mais que fossem ou não, eu tinha certeza de que amavam a filha.

“O agente ao telefone disse que houve uma novidade na Kelley’s...” Isaac Peterson não parecia ser do tipo que gaguejava, mas hesitou o suficiente para que sua esposa o completasse.

“...caso.”

Não a morte de Kelley. Não suicídio — nem mesmo assassinato. O caso dela. Parecia um eufemismo, tão imaculado quanto os sofás brancos e formais onde nós quatro estávamos sentados.

Lia inclinou-se ligeiramente para a frente. “Temos motivos para acreditar que sua filha não pulou.” Lia sabia que Celine havia contado isso aos pais. Era por isso que eles haviam concordado em se encontrar conosco — mas também era a nossa melhor estratégia para o que, sem dúvida, seria uma conversa difícil.

“Eu sabia”, disse a mãe de Kelley, com a voz embargada. “Eu sabia que nossa filhinha...” Ela respirou fundo, com dificuldade.

Agora era a vez do marido dela completar a frase. "Sabíamos que Kelley não podia e não teria se matado. Dissemos isso à polícia, mas eles estão acostumados com pais que têm preconceitos quando se trata de seus filhos."

O subtexto me indicava que o Dr. Isaac Peterson se considerava, acima de tudo, uma pessoa objetiva e racional. Guardei essa informação para referência futura, mas prestei mais atenção à maneira como Lia tocou levemente a lateral da minha perna com dois dedos — o médio e o indicador. O sinal era sutil, mas inconfundível.

Ela tinha descoberto uma mentira.

Sabíamos que Kelley não podia e não iria se matar. A Dra. Alice Peterson talvez acreditasse nisso, mas foi o marido dela quem disse aquelas palavras, e ele não as pronunciou.

Não importava o que ele tivesse dito à polícia, não importava o quão objetivo e racional fosse seu tom, ele duvidava da filha. Ele acreditava que ela havia pulado.

Meu pensamento foi para a autópsia — não para as fotografias que documentavam os danos causados pelo impacto, mas para os closes do abdômen inferior de Kelley. Cicatrizes — pequenas meias-luas deliberadas — estendiam-se de um osso do quadril de Kelley ao outro, muito abaixo para serem vistas a menos que ela estivesse nua.

"Você sabia que a Kelley se automutilava?", perguntei ao pai dela. Eu sabia que a pergunta não seria bem-vinda, mas precisava conhecer a Kelley o suficiente para entrar na mente dela, e precisava de qualquer informação, por mais insignificante que parecesse, que pudesse me dar uma pista sobre quem a estava matando.

"Kelley se pressionava muito." Alice Peterson pareceu considerar essa uma resposta completa e suficiente à minha pergunta. "Ela era muito determinada."

"Uma perfeccionista", acrescentou o marido, sentado ereto como uma estátua.

"Ela era perfeita." A voz de Alice falhou. Olhei para Lia, mas ela não demonstrou nenhum sinal de que a mãe de Kelley estivesse mentindo. Independentemente de Alice Peterson ter acreditado ou não que sua filha era impecável enquanto estava viva, agora que ela se fora, ela era perfeita.

O luto tinha o poder de distorcer as percepções.

"Conte-me sobre a Kelley", sugeri gentilmente. Foi o suficiente para que ambos os doutores Peterson se abrissem. Como a Kelley era bonita. Como era inteligente. O fato de ter se candidatado antecipadamente a uma universidade da Ivy League. Quantas vezes havia sido escolhida para o baile de boas-vindas. Como conseguia desmontar impiedosamente seus oponentes nos debates.

Enquanto os Petersons descreviam sua filha perfeita, eu me lembrei novamente das cicatrizes de Kelley. Você não cortou os pulsos, as pernas, nem mesmo a barriga. Você fez cortes abaixo da linha da calcinha.

Ela literalmente escondeu sua dor, preservando a imagem.

E se você tivesse se matado? Pensei, tentando entrar em seus pensamentos. Você não teria querido um funeral de caixão fechado. Ela não teria querido mutilar o corpo que deixou para trás.

Você não teria pulado.

"Kelley tinha alguma rival?", perguntei. "Havia alguém com quem ela tivesse tido algum conflito? Algum problema social?"

"Kelley era muito sociável", disse seu pai imediatamente. "Todos a adoravam."

Mais um toque na minha perna, mais uma mentira. Mesmo em meio à dor, Isaac Peterson sabia muito bem que sua filha não era unanimemente amada.

"Você não consegue pensar em ninguém que pudesse ter tido vontade de machucá-la?", insistiu Lia.

"A Kelley nem sempre se dava bem com as outras garotas." Alice franziu os lábios. "Elas podiam ser tão ciumentas."

Essa foi uma declaração carregada de significado, se é que já ouvi alguma.

"E os meninos?", perguntei.

"Todos queriam namorá-la", disse Isaac imediatamente. Ele balançou a cabeça — em memória? Em negação?

"Imagino que ela teve que rejeitar muitos pretendentes." Lia não deu nenhuma indicação de quão atentamente estava analisando as respostas deles àquela afirmação. "Foi difícil para ela?"

As respostas vieram em uníssono. "Acho que sim."

"Claro."

Lia deu dois toques na porta. Nenhuma das duas achava que Kelley não gostasse de rejeitar as pessoas.

"Não foi culpa dela", disse Alice de repente, inclinando-se em nossa direção. "O que aconteceu com o menino Summers? Ele estava obviamente muito doente."

Parei um instante para juntar as peças do quebra-cabeça. Antes da morte de Kelley, dois de seus colegas de classe haviam cometido suicídio. Um deles era um menino.

O garoto Summers?

"Kelley conhecia o menino que pulou?", perguntei.

"Isto é Cape Roane", disse o pai dela, com desdém. "Todo mundo conhece todo mundo."

E todo mundo adora a Kelley, repeti silenciosamente a mentira que ele havia dito antes.

“E a outra vítima?”, perguntei. “A garota? Ela e Kelley se conheciam?”

Houve uma longa pausa.

“Você conversou com a escola?” Alice Peterson não poderia ter se arrepiado mais, mesmo que fosse um gato. Entendi que isso significava que alguém na escola poderia ter dito algo pouco lisonjeiro sobre sua filha perfeita.

“Kelley já sofreu bullying?”, perguntei. Essa era uma pergunta mais fácil de se fazer a um pai do que “Sua filha já foi acusada de praticar bullying contra alguém?”.

“Claro que houve desentendimentos.” A mãe de Kelley relaxou um pouco. “Mas nada grave. Kelley sabia quem era. Ela não era do tipo que precisava da aprovação de ninguém.”

O pai de Kelley apertou a mão da esposa. “Devo dizer”, disse-me ele com cautela, “que as últimas semanas foram muito difíceis para nossa filha.”

Nas últimas semanas. Desde que o garoto Summers se jogou de um penhasco? Desde que outro colega de classe de Kelley fez o mesmo?

Meu instinto me dizia que, se eu insistisse nesse ponto, eles encerrariam a entrevista, então me esquivei. “O relatório policial sobre a morte de Kelley indicava que ela não tinha ferimentos de defesa.” Isso, juntamente com os outros suicídios e o histórico de automutilação de Kelley, foi o que levou a polícia a optar pela interpretação de suicídio. “Isso sugere”, expliquei, “que quem empurrou Kelley não a agrediu fisicamente antes. Ela não foi arrastada até a torre da igreja.” Mantive meu tom ameno para contrabalançar as palavras. “A menos que seu agressor estivesse armado, a explicação mais provável é que ela tenha ido por vontade própria.”

Talvez alguém tenha te coagido a subir lá. Te chantageado. Te feito se sentir culpado. Analisei as possibilidades, uma por uma. Ou talvez a pessoa que te pressionou fosse alguém em quem você confiava. Talvez você tenha ido por vontade própria, porque queria ficar a sós com essa pessoa.

Ou talvez você tenha ido sozinho e seu assassino o tenha seguido.

“Será que Kelley teria subido lá por desafio?”, perguntei. “Ou para ter privacidade — ou para encontrar alguém?”

“Eu...” Alice inclinou levemente a cabeça, num gesto mais gracioso do que deveria. “Eu não sei.”

“Havia alguém em quem ela pudesse confiar o suficiente para ir—”

“Não sabemos.” Isaac Peterson repetiu o sentimento da esposa, e eu tive a nítida impressão de que, de tudo o que eles disseram durante a entrevista, essas palavras foram as que mais doeram.

Você achava que conhecia sua filha, mas desde que ela morreu, percebeu o quanto você não a sabia — e nunca a soube antes.

“Há mais alguém com quem devamos conversar?”, perguntei. “Alguém em quem Kelley possa ter confiado? Alguém de quem ela fosse próxima?”

Essa linha de investigação parecia centrar-se nos pais de Kelley. Alice cruzou a mão livre cuidadosamente no colo, enquanto a outra permanecia entrelaçada com a do marido.

“Kelley tinha muitos amigos”, declarou ela. Kelley era popular. Kelley era perfeita. Kelley era amada. “Aliás”, continuou Alice Peterson, com a voz um pouco trêmula, “o pastor ligou para nos avisar que um grupo de alunos do ensino médio está organizando uma vigília em sua homenagem hoje à noite. Na igreja.”

VOCÊ

Há algo de especial nas alturas. Algo puro e verdadeiro. Há clareza naqueles momentos finais.

Você sentirá isso novamente em breve.

CHAPTER 9

Ao sair da casa dos Petersons, a umidade me lembrou visceralmente que este não era um caso comum. Ia chover. Não estávamos seguindo um cronograma normal, e as informações que eu havia conseguido obter sobre a vítima com os pais dela não eram suficientes.

Não consegui me permitir pensar mais do que um instante em Mackenzie, no farol ou no vento furioso que chicoteava meu cabelo contra meu rosto enquanto Lia e eu voltávamos para o carro.

Eu precisava me concentrar.

Entrei no banco do passageiro, fechei a porta e deixei minha mente se deter em uma única palavra. Você. Não Mackenzie desta vez. E não o assassino — ainda não. Kelley. Conhecê-la — como ela teria reagido, as circunstâncias limitadas em que ela teria subido ao topo da torre por vontade própria, com quem ela poderia ter feito isso — essa era uma peça do quebra-cabeça que eu precisava. Comportamento. Personalidade. Ambiente. Os fatores comportamentais da vítima e do assassino estavam interligados.

Um celular tocou, me tirando dos meus pensamentos. Enquanto Lia ligava o carro e eu, por reflexo, colocava o cinto de segurança, tirei o celular do bolso com a mão livre e então percebi: não estava tocando.

Era de Lia.

Ela atendeu e ligou o viva-voz. "E aí, garoto prodígio."

Do outro lado da linha, Michael respondeu com toda a dignidade que conseguiu reunir. "Eu aprecio uma boa referência ao Batman tanto quanto qualquer outra pessoa, mas é claro que, se eu fosse um personagem nesse universo ficcional em particular, eu seria o Batman, não o Robin." Ele não deu a Lia a chance de contestá-lo antes de continuar. "Hipótese: numa escala de empolgado a extasiado, quão encantada você ficaria se o 'Batman' sequestrasse um avião particular, deixasse um bilhete gentil para o pessoal de Quantico e fizesse seu Bat-caminho até a adorável cidade de Cape Roane para combater os vilões ao seu lado?"

"Michael." Respondi antes de Lia, mas não consegui dizer mais do que o nome dele antes que ela me interrompesse.

"Em termos hipotéticos, você já fez e/ou está em processo de fazer tudo o que foi mencionado acima?"

"De jeito nenhum."

Lia revirou os olhos. "Mentiroso." Ela se virou para mim. "Preciso de indicações para chegar à igreja."

"Despertar espiritual?", perguntou Michael a ela.

"Vigília iminente para nossa vítima de assassinato", corrigi. Levei apenas três minutos para dar as instruções a Lia e atualizar Michael sobre o caso — tudo. Mackenzie, o que ela viu quando olhou para o corpo de Kelley, o que está em jogo para nossa mais nova Natural agora.

Kelley.

Os pais dela.

"Vamos ser realistas", interrompeu Lia. "O luto transforma todo mundo em mentiroso. Mas não te transforma em um bom mentiroso — e os pais da nossa vítima, principalmente o pai, eram muito, muito bons nisso." Ela fez uma pausa. "Se eu fosse qualquer outra pessoa, teria acreditado piamente que ele jamais cogitou a possibilidade de a filha ter se suicidado. E a esposa?" Lia pisou fundo no acelerador, me lembrando pela enésima vez por que eu precisava parar de deixá-la dirigir. "Ela simplesmente não acreditava que as brigas que Kelley teve com as colegas fossem por inveja das outras meninas."

"Tradução?" perguntou Michael.

"Longe de mim querer bancar a analista de perfis", respondeu Lia, "mas — e digo isso como alguém que abraçou de vez o título de megera adorável — suspeito profundamente que Kelley Peterson jogou para ganhar e para valer."

"Ela era competitiva", confirmei. "Consigo mesma e com os outros. Não sei se chegaria a chamá-la de uma megera adorável."

"Você diz tomate", comentou Lia. "Eu digo to-ma-to."

Você estava sofrendo, Kelley. Você escondeu isso. Você se machucava com os outros — deliberadamente, precisamente — da mesma forma que se machucava? A maioria das pessoas tende a direcionar a agressão para si mesma ou para os outros. Há uma sobreposição, mas é raro encontrar alguém com propensão igual para ambas. Poder. Dor. Perfeição.

Agora eu conhecia Kelley melhor do que antes, mas ainda não era o suficiente.

"Sinto uma perturbação na Força", observou Michael do outro lado da linha telefônica. "Um silêncio pesado, carregado de emoção."

"Cassie está compondo um poema mental", disse Lia para ele. "'Ode à Angústia de um Analista de Perfil'".

"Estou tentando descobrir se Kelley era o tipo de pessoa que subiria a torre da igreja sozinha", corrigi, "ou se alguém a guiou até lá."

Poder. Dor. Perfeição. Não foi difícil para mim imaginar Kelley fazendo a escalada. Porque ela podia. Porque, de alguma forma, poderia doer. O assassino

te pegou de surpresa? Ou, pensei, imaginando as consequências do impacto de Kelley com o chão, foi ideia dele — ou dela?

Eu podia sentir a mudança chegando. Não se tratava mais apenas de Kelley. Eu estava rondando as margens do subconsciente de outra pessoa. O do criminoso desconhecido.

O sujeito desconhecido.

Do assassino.

“Estamos a cerca de um minuto da igreja”, Lia me informou — e a Michael. “Quando você pausa, Batboy?”

“Batman”, corrigiu Michael, com ar altivo. “E quinze minutos, mais ou menos. Sugiro que, até lá, resolvamos isso à moda antiga.”

“À moda antiga, tipo fugir da Academia do FBI como um adolescente rebelde e pedir desculpas em vez de permissão?”, perguntou Lia inocentemente. Levando tudo em consideração, essa provavelmente era uma descrição bem precisa do que Michael tinha feito quando percebeu que o caso em que estávamos trabalhando agora tinha ligações com um dos nossos casos antigos.

Michael pigarreou. “Eu estava pensando mais em algo ‘à moda antiga’, como ‘fazer uso liberal de videovigilância’.”

Quando começamos, a única maneira que tínhamos de acessar as testemunhas era por meio de uma transmissão de vídeo, cortesia de nossos contatos do FBI.

“Podem me chamar de sentimental”, continuou Michael, “mas eu ficaria muito emocionado se meu detector de mentiras favorito pudesse me dedurar por nostalgia enquanto estou viajando. Pense bem, Zhang. Você, vasculhando o velório, fazendo perguntas e procurando mentiras, e eu, atento a quem não está sofrendo tanto quanto quer que acreditemos...”

“Acalma-te, meu coração.” Ninguém conseguia ser tão impassível quanto Lia. “Com certeza não conseguirei controlar a atração animalesca que essa nostalgia provocará.”

Dei uma risadinha irônica, mas, considerando tudo, a sugestão de Michael não era ruim. Não era incomum que assassinos retornassem ao local do crime ou comparecessem a funerais, velórios, vigílias ou outras ocasiões em memória da vítima. E se você estiver lá...

Triunfo. Raiva. Adrenalina. Culpa. A gama de emoções que Michael estaria atento era vasta, mas eu tinha plena confiança de que ele conseguiria identificá-las.

“E o que a Cassie vai fazer enquanto fazemos essa viagem ao passado?”, Lia lançou a pergunta, tanto para meu benefício quanto para o de Michael.

Se tivéssemos tido tempo, talvez eu tivesse me juntado a eles. Mas o tempo

estava se esgotando. Precisávamos de todas as vantagens possíveis.

"Vou analisar a cena do crime e começar a traçar o perfil do assassino", eu disse.

E essa foi a minha deixa para ligar para o Dean.

DEAN, AGE TWELVE

Eleven years earlier



“Como você está, filho?”

Dean encara o agente do FBI. Qual a probabilidade de o agente Briggs não estar pensando em como Dean está? Qual a probabilidade de ele estar pensando no que Dean fez?

"Tudo bem." Menos palavras são mais. Dean aprendeu isso rapidamente após a prisão do pai. Sim, senhora, e não, senhora; sim, senhor, e não, senhor; e sem causar problemas.

Não que isso ajude.

"Você está bem", repete o agente Briggs, observando o hematoma na maçã do rosto de Dean.

"Não dói." Dean não está mentindo. A dor está lá, mas não o atinge. Isso faz parte de ser quem ele é, não é? Uma falta de sensibilidade à dor? Ao medo? Ao sentimento?

Dean às vezes se pergunta se foi assim que tudo começou para seu pai. Todos os dias, ele se lembra da sensação da faca em sua mão. Do cheiro de carne queimada.

“Você fez o que tinha que fazer, Dean. Se você não tivesse entrado no jogo do seu pai, se não o tivesse convencido de que queria jogar, ele teria matado a Veronica.” O agente especial Tanner Briggs é surpreendentemente indulgente para alguém cuja esposa agora tem a pele marcada com as iniciais de Dean.

“Você a machucou para que ele os deixasse sozinhos.”

Não me diga que eu a ajudei a escapar. Não me diga que sou o motivo de ela estar viva. Não me diga que sou o motivo de meu pai estar atrás das grades. Ele é um monstro.

Eu também sou.

“Alguém está te incomodando?” Briggs tenta novamente. “Por causa do seu pai?”

"Eu preciso ir." Dean tem doze anos. Ele não é bobo. Ele sabe que as pessoas querem dizer que fizeram tudo o que podiam por ele.

Ele sabe, mesmo com apenas doze anos, que não há nada que alguém possa fazer.

"Espere." O agente Briggs não o toca, mas Dean precisa reprimir o instinto

de reagir como fez.

Ninguém me toca. Ninguém deveria me tocar. Se Dean não deixa que as pessoas o toquem, se ele não revida, ele não pode machucá-las.

Ele não pode se tornar como o pai.

“Há outra coisa sobre a qual eu queria conversar com você”, diz o agente Briggs de repente. “Um caso.”

De repente, Dean consegue se ouvir pensando novamente. “Como o do meu pai?”

“Não exatamente.” Briggs faz uma pausa. “O criminoso desconhecido que estamos rastreando matou pelo menos três prostitutas nas últimas oito semanas.”

Como? A pergunta ecoa na mente de Dean, repetidamente, até que ele precisa fazê-la em voz alta.

“As mulheres foram espancadas até a morte.”

“Apanhadas com os punhos nus?” Para Dean, a pergunta é automática. Ele já está imaginando como as mulheres teriam reagido, como isso poderia ter feito a pessoa que as agredia se sentir. “Ou com um objeto contundente?”

“Nenhum dos dois.” Briggs faz uma pausa por um instante. “Nosso assassino espanca mulheres até a morte usando luvas.”

Dean imagina a cena. Algo cede dentro dele, algo visceral, esperançoso e sombrio. Talvez ele possa fazer a diferença. Talvez ele possa se redimir.

Talvez pensar como um assassino seja o suficiente.

Dean não atendeu quando liguei. Segui Lia até a recepção da igreja, mas assim que ela foi encaminhada para a área dos jovens, onde os amigos de Kelley — ou talvez, seus "amigos" — estavam se organizando para a vigília, me afastei e saí.

Muito provavelmente, a maioria do círculo social de Kelley ainda acreditava que ela havia se suicidado. Eu sabia que não. De pé, com os pés firmemente plantados no chão, olhei fixamente para a torre da igreja.

O céu estava tão escuro que me causou um arrepio na espinha.

Com ou sem Dean, não havia tempo a perder para desvendar a mente do criminoso. Você conhece bem esta igreja — o suficiente para saber como subir até a torre. Você também conhecia Kelley?

Ela confiava em você?

Como analista de perfis criminais, minha tarefa mais importante era separar os elementos incidentais de um assassinato daqueles que indicavam algo específico sobre o assassino. Na medida em que um assassinato havia sido planejado, a questão se transformava: Quais partes do plano eram necessárias?

Quais peças foram necessárias apenas para atender às suas necessidades?

Com o pouco que eu sabia, não conseguia nem começar a imaginar o motivo. Talvez o assassino odiasse Kelley — ou estivesse obcecado por ela — há algum tempo. Talvez suas ações recentes tivessem chamado a atenção. Considerando a veemência com que os pais de Kelley insistiram que o que aconteceu com o garoto Summers não foi culpa dela, também era possível que algumas pessoas a tivessem culpado pelo suicídio do colega.

Talvez os suicídios não tenham servido para lhe dar uma cobertura conveniente para a morte de Kelley — ou talvez, na sua cabeça, estejam conectados. Ao confrontar o assassino, eu não conseguia descartar a possibilidade de que a morte de Kelley não tivesse sido planejada — que ela tivesse subido na torre da igreja por vontade própria, por seus próprios motivos, e que o assassino a tivesse seguido e agido por impulso.

Havia variáveis demais. Para analisá-las — e eu precisava analisá-las agora, não depois — eu precisava me concentrar no que sabia ser verdade. Havia três elementos em qualquer assassinato: a vítima, o local e o método de assassinato.

Eu conhecia as três, e isso já era um começo.

Vítima: Você escolheu a Kelley. Por quê? Essa pergunta poderia facilmente levar de volta ao motivo, então tentei novamente. Por que essa garota? O que

nela chamou sua atenção? Você viu a Kelley que o mundo viu — a da corte do baile de formatura, a da Ivy League e sempre no centro das fotos? Ou você conheceu a Kelley de verdade? Ela era vulnerável. A maioria das pessoas não via isso.

Você fez isso? Refleti bastante sobre essa pergunta. Ela te lembrou alguém — ou era sobre ela? Ela fez alguma coisa? Você a odiava?

Ela confiava em você?

Eram muitas perguntas e poucas respostas, então me concentrei no próximo elemento do crime. Local: Você a matou em uma igreja. Me vi andando de um lado para o outro na base do prédio, com o rosto voltado para o céu, como o de Mackenzie fizera lá no farol. Igrejas são sagradas. Você matou essa garota em solo sagrado.

O que isso dizia sobre o nosso assassino? Para alguns, poderia ter sido uma forma de enviar uma mensagem, mas não para um criminoso desconhecido que nunca teve a intenção de que alguém soubesse que a vítima havia sido assassinada.

Se você escolheu essa igreja, não a escolheu para transmitir uma mensagem. Você a escolheu para si mesmo — seja por conveniência ou por satisfação. Você é religioso? Ou qualquer estrutura tão alta serviria?

Havia algo de fascinante nas alturas. Mesmo estando com os pés no chão, olhando para a torre da igreja que se erguia em direção ao céu, eu sentia isso.

Quanto mais alto você sobe, mais distante o resto do mundo parece. Lá em cima, só existiam você e Kelley. Só você e Kelley.

Na iminência de conseguir algo, mas sem conseguir concretizar, tentei falar com Dean uma segunda vez, e desta vez ele respondeu.

“Cassie.” Ouvir ele dizer meu nome enviou uma onda de algo parecido com alívio — com uma pitada de expectativa — por todo o meu corpo.

“Estrangular alguém é íntimo”, eu disse, bem ciente de que não era assim que garotas normais começavam conversas com seus namorados. “Atirar em alguém não é. Mas empurrá-lo de um prédio...”

Empurrar envolve contato físico. Você a tocou. Você queria? De qualquer forma, dada a ausência de ferimentos de defesa, foi rápido.

“Cassie.” Dean disse meu nome novamente, e desta vez, percebi algo diferente em seu tom. Nós dois estávamos acostumados a traçar perfis em conjunto. Eu traçava perfis em segunda pessoa. Ele traçava perfis de assassinos em primeira pessoa.

Ele não estava traçando perfil de ninguém nem de nada naquele momento.

“Briggs enviou alguns arquivos para Sloane”, eu disse, dando um passo para trás. Eu havia presumido que Sloane os tivesse compartilhado, que Dean já teria

começado a analisá-los, assim como Michael, cuja habilidade de ler emoções era extremamente útil pessoalmente, já havia começado.

“Eu vi os arquivos”, Dean me disse. “Todos os três.”

Isso me fez parar para pensar. “Os três?”

A conclusão de Sloane era clara: as duas primeiras vítimas haviam saltado. Era por isso que estávamos focando em Kelley — e na igreja.

“Desculpe por não ter atendido sua ligação”, continuou Dean. “Eu estava me preparando para retornar a ligação. Só queria ter certeza primeiro.”

“Tem certeza?”, perguntei, desejando que ele estivesse ali, que eu pudesse vê-lo, tocá-lo, ter uma ideia do que ele estava pensando.

“Veja o primeiro arquivo”, disse Dean. “As fotos da vítima tiradas no local do crime.”

Coloquei meu telefone no viva-voz e voltei ao e-mail original de Briggs, abrindo o arquivo.

As fotos.

O corpo.

A princípio, tudo o que vi foi sangue e ossos, um corpo mutilado sobre as rochas. Eu sabia, por Mackenzie, que os dois primeiros adolescentes tinham saltado de um penhasco, mas isso não era visível na foto.

“Você consegue ver?” No instante em que a pergunta saiu da boca de Dean, eu vi. Ao lado do corpo, a uns trinta ou sessenta centímetros de distância e na mesma altura do pescoço da vítima, havia uma planta, presa entre duas pedras. À primeira vista, parecia que estava crescendo ali, mas algo na posição me fez questionar essa conclusão.

“Eu percebo. Você já perguntou para a Sloane—”

“Para identificar a planta?” Dean completou. “Ela disse que é do gênero *Hedera*. Hera. Ela está no processo de identificar a espécie exata, mas deu 98,7% de chance de que ela não cresça naturalmente por perto.”

Os dedos da minha mão direita apertaram o telefone com força. Se a planta não crescesse por perto, significava que tinha sido deixada ali, escondida entre duas pedras.

“Diga-me o que você está pensando”, murmurou Dean. Algo em seu tom me fez pensar que, na primeira vez que liguei, ele estava tão imerso na mente do criminoso que não ouviu o telefone tocar. Ele queria saber se tinha ido fundo demais, se eu também tinha percebido.

“As duas primeiras vítimas não foram assassinadas”, eu disse. “Sloane disse que elas pularam.”

E, no entanto...

Sem que ninguém me pedisse, baixei uma fotografia da segunda vítima de

suicídio. Ao examinar os arredores, não encontrei nenhuma planta — com flores ou não — entre as rochas, mas havia uma pequena coleção de pedras.

Quatro deles estavam agrupados a cerca de trinta a sessenta centímetros à direita do pescoço da vítima.

“Luto”, eu disse, analisando a frase em voz alta. “Ou marcação.” Fiz uma pausa e então prossegui, levando essa lógica um passo adiante. “Alguém encontrou os corpos antes da polícia e marcou os locais.”

Foi você quem os encontrou? Você os conhecia? Sente tristeza por eles?

“Qual a probabilidade de a mesma pessoa encontrar as duas vítimas de suicídio?”, perguntei. Os marcadores podiam ser diferentes, mas o posicionamento era o mesmo.

A resposta de Dean demorou a chegar. "As chances são boas", disse ele finalmente, com a voz reverberando em meus ossos, "se eu observasse."

VOCÊ

Houve tantos ao longo dos anos. Kelley foi diferente. Kelley não foi seu melhor trabalho. Você falhou com ela.

Você não vai falhar novamente.

CHAPTER 11

"Como é que o nosso criminoso poderia saber de antemão que haveria algo para observar?", perguntei.

Uma vez foi coincidência. Duas vezes, um padrão. Em nossa área de atuação, padrões tinham significado. Às vezes, eles nos revelavam a rotina de um suspeito. Onde morava. Como passava o tempo. O raio de seus deslocamentos.

Mas às vezes?

Um padrão nos revelou a necessidade do assassino.

"Preciso assistir", disse Dean, suas palavras ecoando quase exatamente meus pensamentos. "Os últimos momentos... as decisões..."

"Como você sabe?", perguntei novamente, com a pergunta me faltando.

"Como você sabia que aqueles adolescentes iam pular? Por que você estava lá?"

Assistir. A resposta à segunda pergunta eclipsou todas as possíveis respostas à primeira. Lamentar.

Normalmente, quaisquer indicadores de luto — flores, vestir a vítima, cobrir o rosto — eram sinais de que um criminoso desconhecido sentia algum grau de remorso. A homenagem póstuma a uma vítima era uma expressão de emoção complexa, que permitia ao assassino, simultaneamente, reparar o dano causado e recontar a história da morte em sua própria mente.

"Você não matou os dois primeiros", eu disse, sentindo a presença de Dean do outro lado da linha telefônica, como se ele estivesse lá pessoalmente. "Eles se mataram. Eles pularam."

"Kelley não pulou", disse Dean, com a voz rouca e grave. "Ela não pulou."

"Você não marcou o corpo dela." Esses dois fatos divergiam o suficiente do modus operandi do voyeur para que eu me perguntasse se estávamos falando de duas pessoas diferentes.

Mas a alternativa era lidarmos com uma escalada do conflito.

Você é o observador. Você serve como testemunha. Mas Kelley não ultrapassou o limite por vontade própria.

"E se fosse essa a intenção dela?", perguntei de repente. "E se a Kelley tivesse que pular?"

Antes, eu me perguntava o que o assassino tinha visto em Kelley.

"Ela estava vulnerável", eu disse a Dean. Fechei os olhos por um instante e então me coloquei no lugar de Kelley. "Eu estava vulnerável. Subi a torre da

igreja por vontade própria. Eu só... eu me machuquei.”

Apesar das objeções do pai de Kelley, ele acreditava que ela havia se suicidado.

"Você estava com dor", disse Dean simplesmente, "e agora não está mais."

Talvez eu estivesse interpretando os sinais — a hera, a pedra — de forma errada. Talvez não fossem sinais de luto — ou de remorso.

Talvez fossem símbolos de honra. Libertação.

“Eu confiei em você”, eu disse, ainda tentando ver a situação da perspectiva de Kelley. “Ou eu te contei o que estava planejando...”

“Ou então”, respondeu Dean em voz baixa, “foi ideia minha”.

Como um criminoso poderia saber de antemão que dois adolescentes iriam se suicidar? Ou eles te contaram, ou foi ideia sua.

De pé do lado de fora da igreja, olhando para cima, era muito fácil imaginar Kelley lá em cima, olhando para baixo.

“Eu não pulei”, eu disse, falando em nome dela. “Talvez eu quisesse. Talvez eu tenha pensado nisso. Mas não me pareceu certo.” Eu havia percebido antes que Kelley não gostaria de uma morte que mutilasse seu corpo a ponto de ficar irreconhecível. Era isso que ela havia percebido, lá no alto da torre da igreja?

“Eu não pulei”, eu disse com firmeza. “Eu não quis.”

“Você estava com dor”, Dean repetiu o que havia dito antes. “E agora não está mais.”

“É isso que você pensa que é?”, perguntei. “Não assassinato, mas misericórdia?”

“Há algo de sagrado no que eu faço”, respondeu Dean com firmeza.

Não consegui mais permanecer na perspectiva de Kelley. "Há algo de sagrado", repeti Dean, "na altura e na queda."

Se pular para a morte não tivesse sido ideia de Kelley, se alguém a tivesse pressionado a fazer isso, isso sugeria que a forma da morte tinha significado para o criminoso. Você plantou a ideia na cabeça dela. Você a incentivou. E quando ela não conseguiu fazer isso...

“É um sacramento”, disse Dean. “Um rito.”

Pensei em Kelley, olhando para o mundo lá de cima, no alto de uma igreja. Ela não queria fazer aquilo. Ela escolheu não fazer.

"Kelley não queria sua misericórdia", eu disse em voz baixa, dirigindo-me ao assassino sem nome e sem rosto com muito mais veemência do que antes.

“Mas”, retrucou Dean, “ela precisava disso”. Por um longo tempo, ele permaneceu em silêncio do outro lado da linha, e eu fiquei do lado de fora da igreja, com o rosto ressecado pelo vento, os membros pesados como um peso morto sobre o meu corpo, enquanto tentava processar tudo o que sabia.

“O que você leu”, perguntou-me Dean finalmente, falando por completo e não mais em nome do assassino, “sobre suicídio assistido?”

A pergunta me pegou de surpresa, mas não deveria. Se o nosso criminoso tivesse testemunhado os dois primeiros suicídios, se soubesse que eles iriam acontecer, se os tivesse de alguma forma incentivado...

Isso poderia ser visto como uma ajuda.

E Kelley? Ela foi "ajudada" a cair no abismo.

“O que você sabe sobre eutanásia?”, perguntou Dean, corrigindo o termo que usara antes. “Os chamados ‘anjos da morte’ geralmente começam com um ente querido, muitas vezes alguém que pediu ajuda. Mas depois disso...” Ele hesitou por um instante. “Eles não param, e suas vítimas nem sempre estão dispostas a ajudar.”

“Misericórdia”, eu disse, me apegando a parte do que Dean havia dito. “Mesmo para os que não querem.”

Assim como Kelley.

"Qual é o perfil típico de um assassino por compaixão?", perguntei, tentando ver a situação objetivamente, tentando não pensar em como teria sido o último momento de Kelley, correndo em direção ao chão, percebendo que havia sido empurrada.

“Na maioria das vezes”, disse Dean, “você estaria lidando com alguém cuja profissão lhe dá acesso a vítimas cuja saúde se deteriorou a tal ponto que elas não conseguem se defender”.

Kelley era jovem e saudável fisicamente. Mentalmente, porém, ela tinha dificuldades. Eu não havia dedicado tempo suficiente aos outros dois casos para saber algo sobre as duas primeiras vítimas, mas, considerando que elas haviam se suicidado, eu tinha que presumir que elas tinham isso em comum com Kelley.

Jovem. Vulnerável. Com dor.

Estávamos procurando alguém com acesso a adolescentes vulneráveis — provavelmente um adulto. Um professor. Um voluntário. Um pai ou mãe. Um treinador. Alguém em quem esses jovens confiassem. Alguém que pudesse levá-los até a beira do abismo e vê-los cair.

“Um assassino por compaixão precisa de mais do que acesso”, eu disse. “Ele precisa de habilidades que lhe permitam passar despercebido.”

"Certo", respondeu Dean. "Na maioria dos casos, seria de se esperar algum tipo de formação médica."

Formação médica. Acesso. "Você já ouviu falar de um anjo da morte que ataca pessoas com problemas de saúde mental?", perguntei a Dean.

“Não.” Ele hesitou por um instante. “Mas eu apostaria dez para um que a pessoa que se encaixa nesse perfil específico tenha alguma experiência na área

da saúde mental.”

Estávamos procurando alguém com acesso a adolescentes vulneráveis. Alguém com experiência em saúde mental. Alguém, pensei, com formação em psicologia, que saiba exatamente o que dizer para levar alguém ao limite.

Mal senti a primeira gota de chuva — ou a segunda. Consegui ver o farol ao longe e, de repente, me veio à mente o momento em que estive perto — tão perto — de convencer Mackenzie a descer do penhasco.

“Dean”, eu disse de repente. “Nosso assassino gosta de observar.”

Meu namorado respondeu, mas eu não consegui ouvi-lo. Não consegui formar outra frase coerente, porque tudo em que eu conseguia pensar, enquanto o céu se abria e a chuva caía torrencialmente, era que Mackenzie ainda estava lá fora, naquela saliência.

Exatamente onde você a quer.

VOCÊ

Coitadinha da Mackenzie. Tudo o que ela passou. Tudo o que ela sofreu. Ela precisa de ajuda. Da sua ajuda.

Liberar.

CHAPTER 12

Saí correndo. Cape Roane era uma cidade pequena. A igreja e o farol ficavam separados por alguns quarteirões.

“Ligue para Lia”, eu disse a Dean, “ou para Michael. Diga a eles que precisamos voltar para Mackenzie.”

Não esperei por uma resposta. Simplesmente desliguei e continuei correndo. Eu nunca deveria ter ido embora. Era inerente ao trabalho de analista comportamental me absorver nos casos. Eu estava tão focada em Kelley e seu assassino, mas nunca deveria ter tirado os olhos de Mackenzie. Desde o momento em que percebi que esse assassino gostava de observar...

Eu devia ter imaginado que você estaria lá. Observando.

O farol estava mais perto agora, mas não o suficiente. Minhas laterais já começavam a queimar, meus pulmões começavam a se apertar como um torno no meu peito, mas consegui manter a lucidez suficiente para dar um comando de voz ao meu celular.

“Ligue para Celine.”

Ela respondeu, e eu parei de correr, apenas o suficiente para recuperar o fôlego — o suficiente para perguntar: “Mackenzie?”

“Está tudo bem por aqui.” A resposta de Celine foi ponderada — até mesmo artificial. “A chuva é um problema, mas Mackenzie sabe disso, e estamos discutindo os próximos passos.”

Eu estava encharcada. Mackenzie também devia estar. E a borda...

“Você precisa trazê-la para cá”, eu disse a Celine. “E se não conseguir, precisa tirar a psicóloga dela da sala. Agora.”

Ao chegar ao farol, pude ouvir uma voz ecoando em minha mente. Você pode confiar neles, Mackenzie. Já conversamos sobre confiança, não é?

Eu achava que a mulher que estava tratando a Mackenzie era incompetente. Ela disse exatamente a coisa errada na hora certa para atrapalhar tudo. Se ela tivesse ficado de boca fechada, eu poderia ter convencido a Mackenzie a se acalmar.

Talvez esse fosse o objetivo.

Um trovão ribombou, tão alto que fez meus ossos vibrarem, mas tudo em que eu conseguia pensar era em chegar até Mackenzie.

Celine e o nosso suspeito encontraram-me a meio caminho da escadaria do

farol.

“O agente Delacroix disse que você precisava de uma consulta?” A psicóloga não parecia irritada, mas seu tom era seco. “Algo sobre depressão na adolescência?”

Olhei de relance para Celine. Aparentemente, ela teve que improvisar para tirar a mulher da sala sem causar um escândalo.

Ponto, Agente Delacroix.

“Você deveria entrar em contato com a Mackenzie”, eu disse para a Celine. “Diga a ela que eu e a Lia cumprimos nossa parte do acordo. Ela pode entrar.”

Diga a ela, eu não disse, que eu sei quem matou Kelley.

A psicóloga ficou tensa. “Se você vai conversar com a Mackenzie”, disse ela a Celine, “eu realmente deveria estar lá.”

Aproximei-me, ficando ao lado da mulher. “Por favor”, eu disse. “Isso não vai demorar, e é urgente.”

Eu sentia o olhar de Celine sobre mim. Eu estava pedindo que ela me deixasse a sós com uma mulher que eu acreditava ser uma assassina. Em circunstâncias normais, ela teria se recusado. Seguindo o protocolo, ela deveria ter recusado.

Mas com a tempestade — com Mackenzie ainda lá fora — o protocolo era a menor das nossas preocupações.

“Não se preocupe”, disse-me Celine, embora seus olhos dissessem “Cuidado”. “Vamos trazer a Mackenzie.”

Celine voltou pelo mesmo caminho, me deixando sozinha com a suspeita. Agora eu só precisava manter a suspeita ocupada tempo suficiente para que Celine e as outras convencessem Mackenzie a se render.

Desta vez, sem interferências.

Além disso, pensei, hiperconsciente do espaço entre meu corpo e o do assassino ao meu lado, preciso mantê-lo conversando tempo suficiente para que meu reforço chegue.

“Estamos tentando entender o motivo por trás dos dois primeiros suicídios”, eu disse, desejando que Lia estivesse aqui para me convencer da mentira. “Seu consultório é voltado para crianças da idade da Mackenzie e mais novas, ou vocês também atendem adolescentes mais velhos?”

“Eu trabalho principalmente com adolescentes”, veio a resposta impaciente. “Mackenzie foi encaminhada a mim por um colega há alguns meses. Receio que, sem uma análise aprofundada dos seus arquivos, eu não possa comentar sobre os casos específicos em que você está interessada. Posso dizer, no entanto, que crianças e adolescentes têm vidas emocionais tão complexas quanto as dos adultos. Adolescentes são indivíduos, não estatísticas. Eu não poderia falar sobre

um motivo comum por trás do suicídio na adolescência, assim como não poderia se estivéssemos falando de adultos.”

"Entendo", eu disse, compreendendo também que, a menos que quisesse transformar isso em um confronto sem reforços, precisava dar a ela um motivo para ficar.

Você se sente atraído pela dor. Pessoas com cicatrizes profundas. Os vulneráveis, que precisam da sua misericórdia.

“Não faz muito tempo”, eu disse, armando a cilada, “que eu mesmo era adolescente.”

Houve uma breve pausa, durante a qual registrei exatamente o quão estreita era a escada em que estávamos.

Como seria fácil para ela me pressionar.

"Tenho que confessar, quando você disse que trabalhava com o FBI desde os dezessete anos, procurei por sinais."

"Mantenha-a conversando", pensei. "Dê a ela o que ela quer."

"Sinais de quê?", perguntei.

“Trauma psicológico.” Sua expressão era neutra, mas eu podia sentir seu olhar percorrendo minha pele. “Trabalhar em casos como o da Mackenzie quando você ainda era criança — é muita coisa para absorver.”

Seu tom era aberto, quase gentil, e eu me lembrei de tudo que Dean e eu havíamos concluído sobre nosso criminoso desconhecido a partir dos arquivos.

Você se vê como um anjo da misericórdia. A primeira vez que você viu alguém — ou ajudou alguém — a cometer suicídio, essa pessoa provavelmente estava sentindo uma dor incrível, você provavelmente a amava e ela pode muito bem ter pedido sua ajuda.

Você conhece o trauma. Você o reconhece. Alguma parte de você anseia por ele.

Lá embaixo, ouvi a porta abrir e rezei para que fosse Lia — assim como rezei para que, lá em cima, Celine, o negociador de crises e a mãe de Mackenzie tivessem convencido Mackenzie a se acalmar.

“Eu realmente deveria voltar a atender meu paciente.” A psicóloga deu um passo à frente, posicionando-se acima de mim.

Eu disse a única coisa que me veio à mente para fazê-la parar. "Eu matei minha mãe." Você conhece o trauma. Você o reconhece. Você liberta quem sofre dele. "Ela me obrigou a fazer isso, mas era a minha mão que segurava a faca."

Eu só precisava de mais um minuto, talvez dois. Precisava distraí-la do som de passos subindo as escadas em nossa direção.

"Eu sonho com isso", eu disse. "Com tudo isso, o tempo todo."

“Vou voltar para Mackenzie.” Sua voz era aguda, seu movimento subindo as

escadas repentino.

Eu a segui e a agarrei pelo braço. Eu lhe ofereci uma amostra da minha dor. Não foi o suficiente para mantê-la ali, mas eu precisava mantê-la longe de Mackenzie.

“Deixe-me ir.”

“Você tratou o menino Summers?”, perguntei, na esperança de pegá-la de surpresa. “E a garota que se matou? Você também a tratou?”

A resposta foi arrepiante. “O que você está tentando insinuar?”

Já que entrei nessa, vou até o fim. “Estou insinuando que você queria que eles se matassem”, eu disse, ganhando preciosos segundos. “Mas você exagerou com a Kelley.”

Ela puxou o braço bruscamente, soltando-me do seu aperto e me arremessando para trás contra a parede. Recuperei o equilíbrio e me preparei para outro golpe.

Não chegou.

“É uma misericórdia, não é?”, insisti. “O que você oferece a eles? O que você faz? O que você fez com a Kelley.”

Os passos estavam bem em cima de nós, mas eu não podia me dar ao luxo de virar as costas para o assassino acima de mim.

Ela se inclinou para a frente. “Eu não tive nada a ver com o que aconteceu com Kelley Peterson.”

Vi um movimento rápido com o canto do olho. Lia virou a esquina, Michael ao lado dela, arma na mão. Ele a ergueu.

“Você aí, com essa expressão de justa indignação, mas ao mesmo tempo de evidente culpa! Mãos para o alto!”

O olhar da psicóloga oscilou entre mim, Michael e Lia.

“O Batman disse para você levantar as mãos”, disse Lia. “E já que está aí, repita o que acabou de dizer sobre a morte de Kelley Peterson.”



MICHAEL, AGE TWELVE

Eleven years ago



“Você está se sentindo irritado.” Michael Townsend oferece ao diretor o que se pode chamar de sorriso mais encantador de um garoto de doze anos. “Mas também: secretamente impressionado com as minhas travessuras. E isso é... expectativa que eu vejo?” Michael gesticula em direção ao rosto do diretor. “Lábios assimétricos, pupilas dilatadas. Será que alguém está secretamente torcendo por um novo auditório? Quadras de tênis? Uma doação para o fundo de desenvolvimento, talvez?”

O pai de Michael tem um histórico de comprar a liberdade do filho quando ele se mete em encrenca. Michael, por sua vez, tem um histórico de dificultar as coisas para ele.

É motivo de orgulho, na verdade.

“O que o senhor deseja, Sr. Townsend?” O diretor usa aquele tom austero, de quem exige respeito. “O que exatamente o senhor espera alcançar?”

Houve um tempo em que Michael tentava não irritar o pai, mas agora é mais fácil fazer o contrário. Agora Michael prevê os golpes.

“O que eu espero conseguir? Um internato.” Michael finge examinar os próprios nós dos dedos enquanto responde à pergunta do diretor. “Espero ser expulso desta excelente instituição, e aí meu pai não terá outra escolha senão me mandar para um internato. Talvez uma série deles. Bem longe, e muito favorável a doadores generosos com filhos problemáticos.”

“Você quer ser expulso?” O diretor parece achar isso absurdo — e também um tanto preocupante.

“Preciso de estrutura”, declara Michael, apoiando os pés na beirada da mesa do diretor. “Disciplina.”

Preciso me afastar do meu pai.

“Pés, Sr. Townsend.”

Michael mantém os pés exatamente onde estão. Ele ouve a secretária entrar na sala atrás dele. “Thatcher Townsend chegará em breve”, ela anuncia.

Michael sente os músculos dos ombros e das costas começarem a se tensionar. Ele não vai deixar. “Um homem maravilhoso, meu pai”, comenta.

Isso provoca uma reação do diretor: um leve franzir de lábios, tão discreto que 99% da população nem percebe. Michael reconhece a emoção pelo que ela

é: desagradado, não exatamente nojo.

O diretor não acha que o pai de Michael seja um homem maravilhoso. Ele sabe disso.

“Você é um funcionário da escola.” Michael mantém a voz leve e agradável. “Isso faz de você um profissional obrigado a denunciar, não é?”

O diretor se enrijece. “Você deve esperar lá fora.”

“Ficarei muito feliz em esperar lá fora”, promete Michael, “depois de lhe contar uma história de grande tristeza.” Ele faz uma pausa. “Talvez você queira consultar meus registros de frequência como prova.”

“Sr. Townsend—”

Michael encontra seu olhar. “Seria lamentável para você ter que denunciar um de seus maiores doadores por suspeita de abuso infantil.” Michael não gosta de se ver abusado, então não se detém na palavra.

Ele saboreia o momento.

“Seria quase tão lamentável”, acrescenta ele, “como se eu denunciasse você por não denunciar um dos seus maiores doadores.” Michael deixa os pés baterem no chão com força e se inclina para a frente. “Ou”, diz ele, em voz baixa, “você poderia me expulsar, e eu poderia me abster de lhe contar qualquer coisa lamentável.”

“Eu não empurrei Kelley Peterson. Eu não a matei. Eu nem a conhecia.”

A suspeita estava com as mãos no ar. Dei um passo para trás, depois outro, descendo a escada lentamente em direção a Michael e—

"Verdadeiro."

Virei a cabeça bruscamente na direção de Lia, que deu de ombros. "Ela está dizendo a verdade."

Meu coração disparou e procurei por uma brecha na declaração da psicóloga. Você não empurrou a Kelley. Você não a matou. Você nem a conhecia.

“Então, por que, diga-me”, disse Michael, com a arma ainda apontada para ela, “você se sente culpada?”

"Eu não—"

“Cabeça inclinada para baixo, testa franzida, olhar desviado, boca entreaberta — nem me fale sobre a direção para onde suas sobrancelhas estão arqueadas.” Michael abaixou a arma — provavelmente para tranquilizá-la. “Essa combinação te coloca em algum lugar entre a vergonha e a culpa, mesmo que esse seu olhar semicerrado e a forma como seus músculos se contraíram sugiram que você também está irritada.”

Você não empurrou a Kelley. Você não a matou. Você se sente culpado. Tentei entender a situação, mas não consegui, porque o criminoso que estávamos procurando poderia ter lamentado as vítimas, poderia até ter sentido remorso pela forma como as coisas aconteceram, mas essa não era a emoção dominante nesses assassinatos. Nem a raiva.

Exaltação. Libertação.

“Você não matou a Kelley”, eu disse, tentando uma nova abordagem. “Você a salvou. Você não a empurrou; você a libertou. E você se sente culpado porque não conseguiu honrar a morte dela, da mesma forma que fez com os outros...”

"Não", respondeu a psicóloga bruscamente. "Sinto-me culpada porque, quando Mackenzie me disse que Kelley foi empurrada, eu não acreditei nela. Sinto-me culpada por ter deixado minha paciente mais vulnerável — em uma situação cada vez mais precária — por causa disso."

Você se sente culpado, pensei instintivamente, porque se você tivesse ficado de boca fechada quando eu estava prestes a convencer Mackenzie a desistir, ela talvez não estivesse mais lá em cima.

Não era eu traçando o perfil do assassino. Era eu traçando o perfil da mulher

que estava dois passos acima de mim — e essa distinção foi suficiente para fazer meu coração disparar.

Como se viesse de muito longe, ouvi Lia confirmar que cada palavra que a psicóloga acabara de dizer era verdade. Sua culpa recaía sobre Mackenzie.

Você é o motivo pelo qual ela ainda se encontra numa situação tão precária. Um estrondo de trovão abafou todos os outros ruídos na escadaria, mas não o rugido ensurdecedor dos meus próprios pensamentos. Mas você não é o único motivo.

A psicóloga de Mackenzie não foi a única que se manifestou e cujas palavras impediram Mackenzie de pular daquele penhasco. Você não era a única pessoa naquela sala com formação em psicologia, motivação, doenças mentais e a mente humana.

Eu tive um treinamento semelhante — e estava disposto a apostar muito dinheiro nisso — que qualquer negociador de crises que se preze também teve.

Você é quem está no controle aqui, Quentin Nichols disse a Mackenzie. A decisão é sua.

Eu havia presumido que ele não tinha percebido como Mackenzie reagiria a um homem em posição de poder que lhe desse o controle, como se fosse algo que ele pudesse exercer. Mas, na profissão de Quentin Nichols, ele precisava saber o que dizer, como manipular um alvo, como desarmar uma situação perigosa...

Ou como explodi-lo.

VOCÊ

As tábuas foram retiradas das janelas. Agora só restam você e Mackenzie, separadas apenas por alguns metros.

Em breve serão apenas alguns centímetros.

Esvaziar a sala antes do retorno do agente do FBI foi a decisão certa. Você prometeu à mãe de Mackenzie que tudo terminaria em breve.

Sim, será.

Você não teria escolhido a Mackenzie. Ela é mais nova do que a Cara era — mais nova do que você era quando a Cara morreu — mas ela está sofrendo. Você consegue ver isso. Você sente isso. Essa criança está sofrendo. Ela sempre vai sofrer.

Ela precisa de você.

Você não planejou que Mackenzie estivesse naquela beirada. Você não se tornou amiga dela, não a orientou, não a guiou até este lugar. Ela não é como as outras, mas precisa de você mesmo assim.

Precisa disso.

E depois de Kelley? Seu coração acelera. Você também precisa disso.

CHAPTER 14

Empurrei a psicóloga e subi as escadas correndo, ciente de que Michael e Lia estavam logo atrás de mim, mas concentrada apenas em Mackenzie. A borda. Está escorregadia agora. Você está tremendo. O que ele está dizendo para você?

O que ele está tentando te incentivar a fazer?

Cheguei ao patamar do nono andar e encontrei a Sra. McBride e o bombeiro de um lado. Celine estava do outro lado deles, lutando com a porta da sala de luz. Estava emperrada.

A escada estava montada.

“A Mackenzie deixou a gente tirar as tábuas da janela”, disse-me a Sra. McBride, ofegante, radiante e lutando contra as lágrimas. “O Quentin disse que ela precisava de espaço, mas ela vai descer.”

Eles a deixaram sozinha com ele — e, a julgar pela dificuldade que Celine estava tendo com a porta, ele os trancou para fora.

“Nichols não está tentando convencê-la do contrário”, eu disse a Celine, mantendo a voz baixa. “Precisamos entrar lá. Agora.”

O bombeiro precisou de tempo para arrombar a porta, e Celine precisou de tempo para puxar o que restava da escada.

Tempo que não tínhamos.

Conforme o protocolo, a Agente Delacroix se ergueu primeiro. Eu a segui um instante depois — que se dane o protocolo. Do outro lado da sala, Mackenzie estava imóvel na beirada, a janela aberta, os restos da barricada espalhados pelo chão.

Quentin Nichols estava entre ela e nós — tão perto que poderia ter puxado Mackenzie para perto.

Se ele quisesse.

“Não é sua culpa ser diferente”, murmurava o especialista em crises.

“Aposto que ninguém lhe perguntou, naquela época, se você queria ser salvo. Se ainda havia algo que valesse a pena salvar.”

Um relâmpago brilhou atrás de Mackenzie, enviando um choque quase palpável por todo o cômodo. Mas Mackenzie não se sobressaltou. Seus músculos permaneceram firmes. Enquanto a chuva e o vento a atingiam com força, seus olhos permaneceram focados.

Sobre o homem à sua frente.

“Você disse a si mesma que veio até aqui por causa da Kelley, mas,

Mackenzie? Se fosse só pela Kelley, você não estaria mais aqui.” A voz de Quentin Nichols parecia terna.

Ele parecia convicto disso.

“Não há vergonha nenhuma”, disse ele, “em assumir o controle e decidir por si mesmo o que você precisa.”

Controle. Decida. Suas escolhas de palavras foram deliberadas — e, considerando o modo como a mente de Mackenzie funcionava, aterrorizantes. Ele deslocou o peso para a frente, tão levemente que talvez não fosse visível para seu alvo na borda.

Ela teria sentido o mesmo.

Você sabe do que ela precisa. Eu me dirigi a Quentin em silêncio. Você sabe que, se deixada por conta própria, ela pode não fazer isso.

“Ele empurrou a Kelley.” Eu disse a única coisa que com certeza chamaria a atenção do criminoso — a única coisa que certamente faria a Mackenzie perceber. “Ela não quis pular, então ele a empurrou.”

“Eu a deixei ir”, corrigiu Nichols, com a atenção ainda voltada para Mackenzie e o tom ainda gentil. “Kelley estava sofrendo. Algumas dores melhoram, mas outras não. O que você passou, Mackenzie? A luta que você trava todos os dias? Não vai embora.”

Parecia que ele estava me dizendo isso, e não apenas a ela.

“Parte de você sempre estará naquela cabana”, continuou ele suavemente, a crueldade repentina daquela afirmação sendo perturbadora. “E enquanto você estiver lá, o responsável vencerá.”

“Não”, eu disse, minha voz como um tiro que ecoou pela sala iluminada. “Você venceu, Mackenzie, porque está viva. Porque sobreviveu. Porque aquele filho da puta está enterrado, e Mackenzie McBride ainda está dançando.”

“Afastem-se da janela.” Celine estava com a arma em punho, apontada para Nichols. O negociador de crises pareceu nem sequer notar.

Misericórdia é o que importa. O que você, e somente você, pode dar a Mackenzie — ninguém pode tirar isso dela.

“Seus amigos do FBI acham que você vai se entregar”, disse ele à garota na beira do precipício. “Eles acham que sou eu quem está te mantendo lá fora. Acham que você é fácil de manipular, que é indefesa e fraca, e que se eles te contarem contos de fadas, você vai acreditar. Mas eu vou te contar a verdade.” Ele fez uma pausa, com uma expressão terna. “Eu tinha uma irmã como você. Coisas ruins aconteceram com ela. Como com você. Eu não entendia na época, mas entendo agora. Algumas feridas não cicatrizam. Algumas pessoas não conseguem se curar.” Desta vez, ele deu um passo em direção a ela — um passo completo. “Mas você não precisa fazer isso — você não precisa acabar com isso

— sozinha.”

“Ele matou a Kelley”, repeti, quase gritando para que ela me ouvisse em meio à tempestade. “Ele quer que você pule.” Por mais que eu quisesse, não conseguia dizer à Mackenzie que tudo o que ele tinha dito era mentira, porque não era. Mesmo quando as feridas cicatrizavam, as cicatrizes permaneciam. Ela sempre as sentiria.

Mas aquele era o corpo dela. A escolha dela. A vida dela.

“Dance”, eu disse a ela. Ela estava em uma saliência. Estava chovendo torrencialmente. Essa foi a última coisa que eu deveria ter aconselhado, mas naquele barraco de quatro por quatro, quando ela era apenas uma garotinha, Mackenzie dançou — horas e horas, repetidamente, porque era o corpo dela.

Porque ninguém ia tirar isso de nós.

“Não dê ouvidos a ele, Mackenzie. Dance.”

Lentamente, ela ergueu os braços, curvando-os à sua frente, e depois os deixou separá-los. Transferiu o peso para um pé, com o dedo do outro apontando para a frente.

Pela primeira vez desde que entramos na sala, Quentin Nichols se virou para nos encarar, a mim e a Celine.

“Mãos para o alto!” gritou Celine. “No chão!”

Em certo nível, eu sabia que Michael e Lia tinham se juntado a nós, que Celine tinha reforço. Mas minha atenção estava focada exclusivamente no homem à minha frente.

O homem que estava perto o suficiente de Mackenzie para estender a mão e tocá-la.

“Eu não planejei isso”, ele me disse.

Você não procurou a Mackenzie. Você não a preparou. Você não a conduziu lentamente até aqui, dia após dia.

“Você planejou os outros”, retuquei. “Você os encontrou. Você os ouviu.” Engoli em seco. “Você fez com que eles confiassem em você.”

“Eu sou voluntário”, disse Quentin, fechando os olhos por um instante, com uma expressão estranhamente melancólica no rosto. “Sou treinador. Trabalho com o grupo de jovens da igreja.”

Ele não tinha apenas um ponto de acesso, um conjunto de áreas de caça. Ele havia cultivado vários.

“Houve outros”, afirmei, dando uma interpretação implícita. “Ao longo dos anos.”

“Estou aqui para eles. Ajudo quando posso. E quando não posso...” Ele inclinou a cabeça, num gesto quase cerimonial. “Ofereço libertação.”

Atrás dele, Mackenzie parou de dançar. Nossos olhares se encontraram e ela

se sentou lentamente.

Ela está entrando.

Tentei não demonstrar nem um pingo de alívio.

“O que eu faço é um dever”, dizia Nichols, “não um prazer”.

“É misericórdia”, eu disse. Eu precisava manter a atenção dele em mim. Não podia deixá-lo se virar.

Por um instante, pensei que estava funcionando, e então, sem aviso, ele se virou bruscamente. Ele viu Mackenzie. Ela congelou. Suas pernas estavam penduradas para dentro do quarto. Ela estava quase a salvo.

Você vai salvá-la. Ele se moveu.

Dei um salto para a frente, sabendo, mesmo enquanto o fazia, que não conseguiria alcançá-lo antes que ele a alcançasse. Um tiro ecoou. Com os ouvidos zumbindo, caí no chão. O impacto tirou o ar dos meus pulmões. Olhei para cima, forçando o olhar para a borda.

Mackenzie estava sentada ali.

Nichols estava em baixa.

Celine aproximou-se dele, com a arma recém-disparada ainda nas mãos. Aproveitando-se da cobertura que ela oferecia, Michael ajoelhou-se para verificar seu pulso. Forcei meu olhar para longe dos dois, levantei-me do chão e cambaleei em direção a Mackenzie.

Ela deslizou da borda e caiu nos meus braços. Ao nosso lado, Michael olhou para Celine e balançou a cabeça negativamente.

Nichols havia ido embora.

Envolvi Mackenzie em meus braços, bloqueando a visão do cadáver, mas ela resistiu e se afastou. Ela queria vê-lo.

Para vê-lo.

“Para que fique registrado...” Lia conseguiu desviar a atenção de Mackenzie do cadáver do assassino. “Quando ele disse que o que tentou fazer com você — o que fez com os outros — não foi um prazer?” Lia cuspiu na direção do morto. “Ele mentiu.”



LIA, AGE TWELVE

Eleven years earlier



A menina senta-se e a mãe escova-lhe o cabelo. Movimentos longos e uniformes. "Você tem sorte, sabia?" A escova para, e então a mulher que a empunha se corrige. "Abençoada."

Abençoada porque o líder a escolheu.

Abençoada porque é favorecida por Deus.

Que piada.

"Sadie." Sua mãe diz o nome que ela recebeu ao nascer, o nome que ele conhece. "Isso é uma bênção."

Teria sido mais fácil se ela não pudesse ouvir, tão claramente, que a mamãe acredita nisso.

Acredita nele.

A menina se vira. Ela precisa, só desta vez, que sua mãe veja a verdade — que a veja.

"Eu não tenho visões." As verdades se tornam mais poderosas quanto mais tempo você as mantém longe da sua boca. Há anos de poder nesta. "Eu nunca tive. Ele também não tem. Ele é um mentiroso. Eu sou uma mentirosa melhor, e literalmente arrancarei os olhos dele das órbitas na próxima vez que ele vier para a minha cama."

Ela tinha nove anos da primeira vez. Com as mentiras certas — as verdades certas — ela o despistou. Até os doze anos.

"Essa não é você." Sua mãe recua, assustada, mas a menina chamada Sadie — a menina que costumava ser Sadie — sabe a verdade.

Afinal, foi sua mãe quem lhe disse, tantos anos atrás: "Finja que não é você. Aconteça o que acontecer, finja que não está acontecendo com você."

Sadie é boa em fingir. Lia é melhor ainda. Afinal, ela fingiu ser Sadie durante todos esses anos.

"Eu te amo, mamãe." Lia consegue dizer isso e sentir que é verdade, sem ter que se preocupar se ainda é ou não. "Mesmo que você planeje contar a ele tudo o que eu te conto, mesmo que você fique de braços cruzados e deixe que ele me enterre num buraco, mesmo que você me veja morrendo de fome e sede e me ignore até que ele me dê permissão para existir de novo — eu te amo."

A mãe dela usa uma pulseira de espinhos — penitência. Ela a tira e tenta

forçá-la no pulso da filha.

Lia permite. Enquanto os espinhos penetram sua pele, ela deixa seus cílios tremularem. Seu rosto se suaviza visivelmente. Ela coloca a máscara de Sadie. "Você se saiu bem, mamãe." As palavras são gentis e soam verdadeiras, verdadeiras, verdadeiras. Lia vai embora esta noite. Ela sabe agora que ninguém irá com ela. Ela pode sentir o último resquício de Sadie tremulando dentro dela como uma vela, prestes a se apagar.

Ela deixa Sadie acariciar o rosto da mãe pela última vez.

"Sua fé é pura." Lia sabe como vender uma mentira, e nove décimos disso consistem em dizer às pessoas exatamente o que elas querem ouvir.

"Isso foi um teste?" Sua mãe está sem fôlego. Perguntas não podem ser mentiras, mas Lia percebe a hesitação, a incerteza. Uma parte da mãe sempre soube o que o líder faz com aqueles, como Sadie, a quem ele chama de abençoados.

Mas e os outros? Eles não são como a Sadie, não são como a Lia. Eles não sabem quando alguém está mentindo, quando o líder está espalhando mentiras. Eles próprios não conseguem mentir com tanta convicção.

Esta é a verdade: há sangue nas mãos de Sadie, nas de Lia. Uma mentira — a mentira certa — pode condenar um homem. Ela gostaria que uma mentira pudesse salvar sua mãe.

Um dia ele vai matar vocês. Todos vocês.

Lia não estará aqui para morrer. "Foi um teste", ela confirma suavemente. Ela se inclina para a frente e encosta sua testa na da mãe. "Diga que me ama."

É Lia quem se vira, não Sadie. É Lia cujo cabelo sua mãe está penteando. Ela sempre será Lia agora.

"Eu te amo, Sadie."

Para Lia, seria mais fácil se fosse mentira.

“A pior coisa desse caso.” Dean sentou-se na ponta da minha cama. Levou três dias — e um favor do Briggs — para meu namorado conseguir 24 horas de folga em Quantico. Considerando que Briggs também teve que facilitar as coisas para justificar a viagem de Michael ao Maine (melhor pedir perdão do que permissão), eu estava começando a suspeitar que alguém na Academia do FBI seria informado sobre o programa Naturals em breve.

“O pior de tudo neste caso...” Respirei fundo, sentindo o peso das palavras. “O pior é saber que Mackenzie poderia ter morrido porque eu errei.”

Eu havia deixado uma criança vulnerável de doze anos sozinha com um assassino cuja especialidade era explorar vulnerabilidades. Eu sabia que não devia fazer suposições. Sabia como um único pensamento equivocado poderia facilmente levar até mesmo o analista criminal mais experiente ao erro.

E, no entanto...

Dean pegou minha mão na sua e a virou para que pudesse traçar o contorno da minha palma com o polegar. “Tem certeza de que a pior parte não foi justamente o motivo de você ter errado?”

Ser um talento nato não tornava alguém infalível. Eu sabia disso, mas comecei a trabalhar no Departamento ainda jovem, então já tinha uma boa dose de experiência. Normalmente, quando cometia erros, eles eram pequenos.

Normalmente, eu me corrigia sozinho.

Não precisei me esforçar muito para analisar a situação e perceber por que tinha sido tão fácil para mim enxergar uma psicóloga como inimiga. Desde o início, achei que aquela mulher não entendia — e não podia entender — o que Mackenzie tinha passado.

Assim como a psicóloga do Departamento que me foi designada quando eu era adolescente, ela nunca me entendeu.

“Você acha que eu deveria consultar um profissional?” Deixei meus dedos se fecharem lentamente em um punho, e Dean envolveu minha mão com a sua.

“Acho que pode ajudar.” Seus lábios roçaram, ardentes, nos meus nós dos dedos.

Por mais que eu tivesse lutado para ignorar minhas próprias cicatrizes, nunca tentei fazer Dean esquecer as dele. Eu nunca fingi — e jamais fingiria — que os piores momentos da vida dele não importavam. Eu sabia e aceitava que Comportamento, Personalidade e Ambiente não eram um cálculo pontual, que

tudo o que fazíamos e vivenciávamos se tornava parte de nós.

Eu sabia que as coisas que aconteciam quando éramos jovens eram as que tinham mais tempo para se enraizarem na nossa memória.

Sem nossas infâncias particulares, nenhum de nós teria sido um Natural. Lia não seria Lia se não tivesse crescido no culto. Sloane sempre teve afinidade com números, mas o isolamento os transformou em um mecanismo de defesa. A sensibilidade emocional de Michael se desenvolveu como uma habilidade de sobrevivência, e Dean entendia assassinos porque fora criado para ser um. Há muito tempo aceitei o papel que minha própria infância desempenhou em me tornar uma analista de perfis Natural.

Por que foi tão mais difícil aceitar que existiram outros traumas cujos efeitos me moldaram da mesma forma?

“Quentin Nichols tinha uma irmã.” Recostei-me na cabeceira da cama, entrelaçando meus dedos nos de Dean. Era mais fácil — sempre — falar de outra pessoa que não eu. “Ela se matou aos dezoito anos. Quentin era quatro anos mais novo.”

"Ele estava lá." Dean não fez disso uma pergunta.

“A família dele o culpou por não ter conseguido impedir.” Foi o que consegui deduzir depois do ocorrido. “Segundo pessoas que o conheciam, Nichols sempre dizia que era por isso que entrava em negociações de crise — para salvar vidas. Mas, na realidade...” Fechei os olhos por um instante, sabendo que Dean merecia mais do que eu falando sobre o caso só porque era mais fácil do que encarar o problema óbvio.

“Na verdade”, continuei, abrindo meus olhos para os seus castanhos profundos, “Nichols se convenceu de que havia salvado sua irmã. Ele esteve lá por ela, no fim. Disse a ela que estava tudo bem. Deixou-a ir.”

Dean inclinou a cabeça na minha direção. "Ele teve toda a misericórdia que pôde."

Dean e eu sempre reconhecemos que, para fazer o que fizemos, a pessoa precisava ter um pouco de monstro dentro de si. Era por isso que ele entendia Nichols, por isso que eu conseguia enxergar a motivação e compreendê-la por mim mesmo.

"Eu matei minha mãe." Eu disse essas palavras para a psicóloga de Mackenzie. Eu poderia dizê-las para Dean agora. "Eu estava segurando a faca. Senti ela entrar no peito dela."

“Você não conseguiu impedir”, Dean me disse. “A faca estava em suas mãos. Os dedos dela estavam em volta dos seus.”

Coloquei a mão no peito dele. Havia um ponto, logo dentro da caixa torácica...

“Você precisa conversar com alguém”, Dean me disse.

Fechei os olhos. "Eu sei." Por quase um minuto, fiquei sentada ali, ouvindo o som do seu coração, sentindo-o bater sob a palma da minha mão.

“A melhor parte deste caso.” Dean sempre sabia exatamente quando eu chegava ao meu limite, exatamente como me distrair. Ele colocou a mão no meu peito. Eu podia sentir o calor através da minha camiseta branca fina. Eu podia senti-lo sentindo meu coração bater.

“A melhor parte desse caso foi a Mackenzie.” Nem precisei pensar na resposta. “Antes de entrar, ela dançou.”

Ela iria sobreviver, assim como sempre fizera.

"Você falou com os pais dela?", perguntou Dean.

Assenti com a cabeça. "Ela virá para cá quando tiver quinze anos — se ainda quiser."

Os pais de Mackenzie estavam indecisos quanto à entrada da filha no programa Naturals, mas o analista de perfis em mim sabia que ela não mudaria de ideia. Ela passaria os próximos três anos convencendo-os de que a normalidade não era uma opção.

Não para ela.

Não mais.

Sem aviso prévio, a boca de Dean se encontrou com a minha. Levantei-me para encontrá-lo, minhas mãos em cada lado do seu rosto, minhas pernas envolvendo seu corpo.

Eu não era normal.

Ele também não.

"A garota nova não pode ficar com o meu quarto." A voz que proferiu essa afirmação era completamente objetiva e totalmente indiferente ao que Dean e eu estávamos fazendo na cama.

Nós nos separamos.

Laurel inclinou a cabeça para o lado. "Você prefere os gritos", perguntou ela suavemente a Dean, "ou o sangue?"

Houve uma breve pausa de silêncio, e então Lia entrou na sala atrás da minha irmãzinha.

"Dou nota nove de dez para a execução", disse Lia a Laurel. "Mas dez para o conteúdo assustador."

Laurel deu de ombros, com a expressão impassível. "Eu tento."

Na maior parte do tempo, Laurel tentava não ser assustadora — e falhava. Mas minha irmã se sentia estranhamente à vontade com Lia, que já a estava treinando para usar sua solenidade incomum a seu favor e para detectar mentiras.

"A garota nova não pode ficar com o meu quarto quando chegar", Laurel

repetiu enfaticamente. "Não me importo se isso só acontecer daqui a três anos."

Tecnicamente, foi minha avó quem criou minha irmã. Tecnicamente, nossa base de operações não era a casa da Laurel. Tecnicamente, ela não tinha um quarto aqui, mas quando voltamos desse caso, encontramos o quarto onde Laurel às vezes ficava completamente decorado com pôneis.

Eu pertenco a este lugar. Era o que dizia a expressão no rostinho de Laurel. Sua boca, em contraste, dirigia-se a Dean. "Eu só estava brincando com você sobre o sangue." Ela fez uma pausa. "E os gritos."

Olhei para Lia, e ela deu de ombros, o que interpretei como um sinal de que aquela afirmação era em grande parte verdadeira.

"Vamos lá, baixinha." Lia deu um puxão na ponta do rabo de cavalo de Laurel. "Vamos deixar a Angsty e a Ninhada aqui curtindo o momento a sós delas, e eu te ensino a convencer sua professora de que o cachorro realmente comeu seu dever de casa."

Antes que Lia pudesse nos deixar sozinhos, Dean e eu, seu celular tocou.

"Chamada de vídeo", ela nos disse. "É a Sloane."

Bastaram dois segundos para Lia se apropriar de um pedaço da cama. No instante em que o fez, Laurel saiu correndo.

"Oi, Sloane." Lia atendeu e inclinou a tela do telefone para que Dean e eu pudéssemos ver.

"A Luger de 9 milímetros foi projetada por um fabricante de armas alemão em 1902." A saudação de Sloane foi incomum, embora não totalmente inesperada. "Em 2015, o FBI passou a usar munição Gold Dot G2 de 9 milímetros com 147 grains."

Lia se sacrificou pelo bem da equipe e respondeu àquela declaração: "Ou você está no meio de um treinamento com armas, ou passou as últimas quarenta e oito horas com Celine."

A agente especial Delacroix disparou um tiro em serviço. Ela salvou a vida de Mackenzie — e tirou a vida de um assassino. Havia um protocolo a ser seguido após um evento como esse. Celine precisava ser liberada — legal e psicologicamente — antes de poder retornar ao trabalho de campo.

"Celine precisa de mim." Sloane mexia em alguma coisa, embora eu não conseguisse distinguir bem o que ela segurava entre os dedos. "Ninguém nunca precisou de mim antes."

"Todos nós precisamos de você", Dean disse a ela. Sloane era nossa luz na escuridão.

"Dean", disse Sloane muito seriamente, "espero não estar me expondo demais, mas Celine precisa de mim de uma maneira muito diferente".

Conhecendo Sloane, eu meio que esperava que ela compartilhasse exatamente o

que essa maneira muito diferente envolvia — possivelmente com gráficos, quase certamente com descrições precisas de ângulos e partes do corpo — mas ela nos poupou dos detalhes explícitos e optou por outra estatística. “Você sabia que 46% dos texanos meditam pelo menos uma vez por semana?”

"Não me diga." Lia sorriu.

Sloane franziu a testa olhando para a câmera. "Eu acabei de dizer. E, Cassie? Eu investiguei aqueles irmãos no Texas, e a questão é que eles não são."

"Eles não são irmãos?", perguntei.

“Não estão no Texas”, corrigiu Sloane. “Pelo menos, não estão mais lá. A família inteira se mudou sem avisar. O mais estranho? Não consigo descobrir para onde foram.”

“E se você não conseguir descobrir...” Michael sentou-se ao lado de Sloane e entrou no enquadramento. “Há uma grande chance de eles estarem fora do radar.”

“Uma probabilidade de 97,4%”, esclareceu Sloane.

“Exatamente”, declarou Michael. “Agora, mudando um pouco de assunto: macacões adoráveis para os Gêmeos Maravilhosos Sterling-Briggs, sim ou não?”

Ele mostrou o que parecia ser um body infantil feito sob medida, com os dizeres "AGENTE ESPECIAL BEBÊ".

“Eu estava pensando em colocar algo inapropriado, mas engraçado e cativante, nas costas”, esclareceu ele.

Faltavam nove semanas e meia para Michael e Sloane voltarem para casa. Nove semanas e meia para que eu pudesse olhar para Dean e saber que ele não iria embora no dia seguinte.

Três anos se passaram até que Mackenzie ingressasse no programa.

Quem sabia quanto tempo levaria para encontrar os irmãos?

Mas esperava-se que os gêmeos de Briggs e Sterling chegassem antes do previsto — e isso significava a qualquer momento.

"Eu voto sim para os macacões", declarei.

"Todos a favor?", perguntou Sloane formalmente.

Eu me inclinei para trás, encostando-me em Dean, e Lia se encostou em mim, antes de todos nós dizermos em uníssono: "Sim".

Turn the page for a sneak peek at

JENNIFER LYNN BARNES'

twisty new novel,

LITTLE WHITE LIES

Coming in January 2019!

APRIL 15: 4:59 P.M.

“Essa é toda sua, Rodriguez.”

“De jeito nenhum. Fui preso por embriaguez depois do desfile do Dia do Bisão.”

“Dia do Bisão? Que tal experimentar a Oktoberfest no centro para idosos?”

“E quem ficou com o mordedor no dia seguinte?”

O policial Macalister Dodd — ou Mackie, como era conhecido entre os amigos — teve a impressão geral de que não seria prudente interromper a discussão entre os dois policiais mais antigos do Condado de Magnolia, que estavam reunidos na delegacia. Rodriguez e O’Connell tinham ambos cinco anos de serviço na corporação.

Essa foi a segunda semana de Mackie.

“Tenho três letras e uma palavra para você, Rodriguez: briga na associação de pais e professores.”

Mackie transferiu ligeiramente o peso da perna direita para a esquerda. Grande erro. Em unísono, Rodriguez e O’Connell se viraram para olhá-lo.

“Novato!”

Nunca dois policiais haviam ficado tão felizes em ver um terceiro. Mackie franziu a boca numa expressão séria e endireitou os ombros.

“O que temos aqui?”, disse ele, ríspido. “Bêbados e desordeiros? Perturbação da ordem pública?”

Em resposta, O’Connell deu um tapinha no ombro dele e o conduziu até a cela. “Boa sorte, novato.”

Ao virar a esquina, Mackie esperava ver um criminoso: agressivo, possivelmente corpulento. Em vez disso, viu quatro adolescentes usando luvas até o cotovelo e o que pareciam ser vestidos de baile.

Vestidos de baile brancos.

“Que diabos é isso?”, perguntou Mackie.

Rodriguez baixou a voz. “Isso é o que chamamos de B.Y.H.”

“B.Y.H.?” Mackie olhou para trás, para as garotas. Uma delas estava de pé, com postura impecável, as mãos enluvadas cruzadas à frente do corpo. A garota ao lado chorava baixinho e murmurava algo que soava suspeitosamente como a oração do Pai Nosso. A terceira garota encarava Mackie fixamente, os cantos de seus lábios com brilho rosa se curvando lentamente para cima enquanto ela o examinava de cima a baixo.

E a quarta garota?

Ela estava tentando destrancar a fechadura.

Os outros policiais se viraram para sair.

“Rodriguez?” Mackie gritou atrás deles. “O’Connell?”

Sem resposta.

“O que é um B.Y.H.?”

A garota que o estava avaliando deu um passo à frente. Ela piscou os cílios para Mackie e lhe ofereceu um sorriso doce e sedutor.

"Ora, policial", disse ela. "Que Deus o abençoe."

NINE MONTHS EARLIER

CHAPTER 1

Assediar-me na rua foi um erro que a maioria dos clientes e mecânicos da Oficina do Big Jim comete apenas uma vez. Infelizmente, o dono daquela Dodge Ram em particular era o tipo de pessoa que investia todo o seu salário em tunar a sua Dodge Ram. Isso — e o desenho de um boneco urinando no vidro traseiro — foi praticamente o único aviso que eu precisava sobre o que estava prestes a acontecer.

As pessoas eram fundamentalmente previsíveis. Se você parasse de esperar que elas o surpreendessem, elas não poderiam decepcionar.

E por falar em decepção... desviei minha atenção do motor da Ram para o dono da Ram, que aparentemente considerava assobiar para uma garota um elogio e comentar sobre o formato da bunda dela o auge da paquera.

“É em momentos como este”, eu lhe disse, “que você precisa se perguntar: será sensato assediar sexualmente alguém que tem um alicate de corte e acesso aos seus freios?”

O homem piscou. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. E então se inclinou para a frente. “Querida, você pode acessar meus tubos de freio quando quiser.”

Se você me entende, acrescentei em silêncio. Em três... dois...

“Se você souber o que quero dizer.”

“É em momentos como este”, disse eu pensativamente, “que você precisa se perguntar: será sensato se oferecer para expor suas partes íntimas para alguém que está claramente desinteressado e que ainda por cima está com um alicate de corte?”

“Sawyer!” O grandalhão Jim interveio antes mesmo que eu pudesse dar um corte com o alicate de corte na direção sul. “Essa eu resolvo.”

Comecei a importunar o Big Jim para me deixar sujar as mãos de graxa quando tinha doze anos. Ele quase certamente sabia que eu já tinha consertado a Ram e que, se me deixasse por conta própria, isso não acabaria bem.

Para o cliente.

“Ah, que droga, Jimzão”, reclamou o homem. “A gente só estava se divertindo.”

Passei a maior parte da minha infância alternando entre interesses obsessivos. Motores de carro foram um deles. Antes disso, foram as telenovelas, e depois, passei um ano lendo tudo o que encontrava sobre armas medievais.

“Você não se importa com um pouco de diversão, né, querida?” O Sr. Dodge Ram Turbinado deu um tapinha no meu ombro e agravou a situação apertando

meu pescoço.

Big Jim gemeu quando voltei toda a minha atenção para o verdadeiro encanto ao meu lado.

“Permita-me citar para você”, eu disse com a mais absoluta seriedade, “da Enciclopédia de Tortura Arcaica de Sayforth.”

Um dos aspectos mais refinados da cavalheirismo ao sul da linha Mason-Dixon era que homens como Big Jim Thompson não demitiam garotas como eu, não importa o quão explicitamente descrevêssemos tesouras para cortar pelos de jacaré a clientes que desejavam castração.

Quase certo de que tinha garantido que o dono do Ram não cometeria o mesmo erro uma terceira vez, parei no The Holler a caminho de casa para pegar as dicas que minha mãe tinha me dado na noite anterior.

"E aí, como vai a confusão?" O chefe da minha mãe se chamava Trick. Ele tinha cinco filhos, dezoito netos e pelo menos três cicatrizes visíveis de brigas de bar que teve que apartar. Ele me cumprimentava exatamente da mesma maneira todas as vezes que me via desde que eu tinha quatro anos.

"Estou bem, obrigada por perguntar", eu disse.

"Vim pelas dicas da sua mãe?" Essa pergunta veio do neto mais velho de Trick, que estava reabastecendo as bebidas atrás do balcão. Era um negócio de família numa cidade familiar. A população total era de pouco mais de oito mil habitantes. Era impossível jogar uma pedra sem que ela ricocheteasse em pelo menos três pessoas que eram parentes.

E depois havia minha mãe — e eu.

“Vim para pedir dicas”, confirmei. Minha mãe não era exatamente conhecida por sua perspicácia financeira ou pela firmeza com que chegava em casa depois de um turno noturno. Eu equilibrava o orçamento doméstico desde os nove anos — mais ou menos na mesma época em que desenvolvi interesses sequenciais em arrombamento de fechaduras, na Exposição Canina de Westminster e em preparar o martini perfeito.

“Aqui está, querida.” Trick me entregou um envelope mais grosso do que eu esperava. “Não gaste tudo de uma vez.”

Dei uma risadinha irônica. O dinheiro seria para o aluguel e a comida. Eu não era exatamente do tipo que gostava de festas. Na verdade, eu poderia até ter uma certa reputação de ser antissocial.

Veja também: minha disposição em ameaçar com castração.

Antes que Trick pudesse me convidar para jantar com toda a família na casa da nora dele, dei uma desculpa e saí do bar. Meu doce lar ficava a apenas dois

quarteirões de distância e um quarteirão acima. Tecnicamente, nossa casa tinha apenas um quarto, mas tínhamos dividido dois terços da sala de estar com cortinas de chuveiro compradas em loja de um dólar quando eu tinha nove anos.

"Mãe?" chamei ao cruzar a soleira. Havia um elemento ritualístico em chamá-la pelo nome, mesmo quando ela não estava em casa. Mesmo que estivesse numa bebedeira — ou se tivesse se apaixonado por um novo homem, passado por mais uma conversão religiosa ou desenvolvido uma necessidade profunda de se conectar com seus melhores anjos sob o olhar atento de uma vidente de beira de estrada.

Eu havia adquirido o hábito de pular de um interesse para o outro honestamente, mesmo que a inquietação dela fosse menos focada e um pouco mais autodestrutiva do que a minha.

Quase como se estivesse combinado, meu celular tocou. Eu atendi.

"Filha, você não vai acreditar no que aconteceu ontem à noite." Minha mãe nunca se preocupava com cumprimentos.

"Você ainda está nos Estados Unidos continentais? Precisa de dinheiro para fiança? E eu tenho um novo pai?"

Minha mãe riu. "Você é tudo para mim. Você sabe disso, não é?"

"Eu sei que estamos quase sem leite", respondi, tirando a caixa da geladeira e dando um gole. "E sei que alguém deu uma gorjeta excelente ontem à noite."

Houve uma longa pausa do outro lado da linha. Desta vez eu tinha acertado. Era um homem, e ela o conhecera no The Holler na noite anterior.

"Você vai ficar bem, não vai?", ela perguntou suavemente. "Só por alguns dias?"

Eu acreditava muito na honestidade absoluta: diga o que pensa, pense no que diz e não faça uma pergunta se não quiser saber a resposta.

Mas com a minha mãe era diferente.

"Reservo-me o direito de avaliar a simetria de seus traços e o quão bregas são suas cantadas quando você voltar."

"Sawyer." Minha mãe estava falando sério — ou pelo menos tão sério quanto ela conseguia ser.

"Vou ficar bem", eu disse. "Sempre fico."

Ela ficou em silêncio por alguns segundos. Ellie Taft era muitas coisas, mas acima de tudo, era alguém que se esforçou ao máximo, pelo maior tempo possível — por mim.

"Sawyer", disse ela baixinho. "Eu te amo."

Eu sabia minha fala, sabia desde minha breve obsessão pelas frases mais memoráveis do cinema quando eu tinha cinco anos. "Eu sei."

Desliguei o telefone antes que ela pudesse. Eu estava quase terminando o

leite quando a porta da frente — que precisava desesperadamente de WD-40 e uma fechadura nova — rangeu ao abrir. Virei-me na direção do som, executando o algoritmo para determinar quem poderia estar aparecendo sem avisar.

A vizinha Doris perdia seu gato em média 1,2 vezes por semana.

Big Jim e Trick tinham o mesmo hábito de ficar de olho em mim, como se não se lembrassem que eu tinha dezoito anos, e não oito.

O cara com a Dodge Ram. Ele poderia ter me seguido. Não foi tanto um pensamento, mas sim um instinto. Minha mão pairou sobre a gaveta de facas quando uma figura entrou na casa.

“Espero que sua mãe compre Wüsthof”, comentou o intruso, observando a posição da minha mão. “As facas Wüsthof são muito mais afiadas do que as genéricas.”

Pisquei, mas quando abri os olhos novamente, a mulher ainda estava lá, com o cabelo impecavelmente arrumado e vestindo um conjunto de jaqueta e saia de seda azul que me fez pensar se ela não teria confundido nossa casa, com décadas de existência, com um almoço beneficente. A estranha não disse nada que indicasse por que havia entrado sem permissão ou como poderia justificar parecer mais consternada com a ideia de minha mãe ter comprado facas de marca desconhecida do que com a possibilidade de eu estar prestes a sacar uma.

“Você puxou à sua mãe”, comentou ela.

Eu não tinha certeza de como ela esperava que eu respondesse àquela afirmação, então segui meu instinto. “Você parece um bichon frisê.”

“Com licença?”

É uma raça de cachorro que parece um pequeno e robusto pompom de pó. Como a honestidade absoluta não exigia que eu dissesse cada pensamento que me passava pela cabeça, optei por uma verdade modificada: “Seu corte de cabelo parece ter custado mais do que meu carro.”

A mulher — eu diria que ela tinha pouco mais de sessenta anos — inclinou levemente a cabeça para um lado. “Isso é um elogio ou um insulto?”

Ela tinha um sotaque sulista — menos carregado e mais arrastado que o meu. Com-pluh-mehnt ou in-suhlt?

“Isso depende mais da sua perspectiva do que da minha.”

Ela deu um leve sorriso, como se eu tivesse dito algo adorável, mas não exatamente engraçado. “Seu nome é Sawyer.” Depois de me informar isso, ela fez uma pausa. “Você não sabe quem eu sou, sabe?” Claramente, era uma pergunta retórica, porque ela não esperou por uma resposta. “Por que não poupo o drama?”

O sorriso dela se alargou, um sorriso caloroso como o de um banho quente, pouco antes de alguém dar descarga.

“Meu nome”, continuou ela num tom que combinava com o sorriso, “é Lillian Taft. Sou sua avó materna.”

Minha avó, pensei, tentando assimilar a situação, parece um bichon frisê.

“Sua mãe e eu tivemos um pequeno desentendimento antes de você nascer.” Aparentemente, Lillian era o tipo de pessoa que se referiria a um furacão de categoria 5 como uma garoa. “Acho que já passou da hora de deixarmos esse assunto para trás, não acha?”

Eu estava a um passo de recorrer novamente à gaveta de facas, então tentei ir direto ao ponto. “Você não veio aqui procurando minha mãe.”

“A senhora não perde muita coisa, Srta. Sawyer.” A voz de Lillian era suave e feminina. Tive a impressão de que ela também não perdia muita coisa.

“Gostaria de lhe fazer uma proposta.”

Uma oferta? De repente, me lembrei de com quem estava lidando. Lillian Taft não era uma pessoa frágil. Ela era a matriarca implacável e ditatorial que expulsou minha mãe grávida de casa aos dezessete anos.

Caminhei furtivamente até a porta da frente e peguei o Post-it que eu havia colocado ao lado da campainha quando nossa casa foi invadida por evangelistas de porta em porta por duas semanas seguidas. Virei-me e ofereci o bilhete escrito à mão para a mulher que criou minha mãe. Seus dedos perfeitamente cuidados arrancaram o Post-it da minha mão.

““Proibida a venda ambulante””, leu minha avó.

“Com exceção dos biscoitos das Escoteiras”, acrescentei, tentando ajudar. Eu tinha sido expulsa da tropa de escoteiras local durante minha fase mórbida de crimes reais e curiosidades sobre autópsias, mas ainda tinha uma queda por biscoitos Thin Mints.

Lillian franziu os lábios e corrigiu sua declaração anterior. ““Proibida a venda de produtos, exceto biscoitos das Escoteiras.””

Percebi o momento exato em que ela entendeu o que eu estava dizendo: eu não estava interessado na oferta dela. Seja lá o que ela estivesse vendendo, eu não ia comprar.

Um instante depois, foi como se eu não tivesse dito nada. “Serei franca, Sawyer”, disse ela, demonstrando uma frieza quase palpável que eu nunca tinha visto na minha mãe. “Sua mãe escolheu esse caminho. Você não.” Ela apertou os lábios por um momento. “Acho que você merece mais.”

“Mais do que facas de marca desconhecida e bebida direto da caixa?”, retruquei. Dois poderiam jogar o jogo da pergunta retórica.

Infelizmente, a grande Lillian Taft aparentemente nunca havia encontrado uma pergunta retórica que não fosse plenamente capaz de responder. “Mais do que um diploma de equivalência ao ensino médio, uma carreira sem perspectiva

de ascensão e uma mãe menos responsável agora do que era aos dezesseis anos."

Se ela não fosse uma dama sulista decadente com uma reputação a zelar, minha avó poderia ter completado essa afirmação com um gesto de comemoração, exclamando: "Queimou!"

Em vez disso, ela colocou a mão sobre o coração. "Você merece oportunidades que nunca terá aqui."

As pessoas desta cidade eram boas pessoas. Este era um bom lugar. Mas não era o meu lugar. Mesmo nos melhores momentos, uma parte de mim sempre sentiu que eu estava apenas de passagem.

Um músculo da minha garganta se contraiu. "Você não me conhece."

Isso a fez hesitar — e não foi uma pausa calculada. "Eu poderia", respondeu ela finalmente. "Eu poderia te conhecer. E você poderia se encontrar em uma posição que lhe permitisse frequentar qualquer faculdade de sua escolha e se formar sem dívidas."

CHAPTER 2

Existia um contrato. Um contrato de verdade, escrito em linguagem jurídica, para assinar na linha pontilhada.

"Seriamente?"

Lillian dispensou a pergunta com um gesto de mão. "Não vamos nos prender a detalhes."

"Claro que não", respondi, folheando o apêndice de nove páginas. "Por que eu me daria ao trabalho de ler os termos antes de vender minha alma para você?"

"O contrato é para sua proteção", insistiu minha avó. "Caso contrário, o que me impediria de descumprir minha parte do acordo depois que a sua estiver cumprida?"

"Um senso de honra e qualquer desejo, por menor que seja, de um relacionamento contínuo?", sugeri.

Lillian arqueou uma sobrancelha. "Você estaria disposto a apostar sua formação universitária na minha honra?"

Eu conhecia muita gente que tinha ido para a faculdade. Também conhecia muita gente que não tinha ido.

Eu li o contrato. Nem sequer tinha certeza do porquê. Eu não ia morar com ela por um ano inteiro. Eu não ia abandonar minha casa, minha vida, minha mãe por—

"Quinhentos mil dólares?" Talvez eu tenha acentuado esse valor com um ou dois palavrões.

"Você anda ouvindo rap?", perguntou minha avó.

"Você disse que pagaria a faculdade." Desviei o olhar do contrato. Só de ler, já me dava vontade de deixar o cara da Dodge Ram enfiar umas notas de um dólar no meu biquíni. "Você não disse nada sobre me entregar um cheque de meio milhão de dólares."

"Não será um cheque", disse minha avó, como se esse fosse o verdadeiro problema. "Será um fundo fiduciário. Faculdade, pós-graduação, despesas de moradia, intercâmbio, transporte, aulas particulares — tudo isso soma."

Essas coisas.

"Diga", eu lhe disse, sem conseguir acreditar que alguém pudesse recusar aquela quantia de dinheiro. "Diga que você está me oferecendo quinhentos mil dólares para morar com você por um ano."

"Dinheiro não é algo sobre o qual falamos, Sawyer. É algo que temos."

Eu a encarei, esperando o desfecho da história.

Não havia piada final.

“Você veio aqui esperando que eu dissesse sim.” Eu não formulei essa frase como uma pergunta, porque não era uma.

“Suponho que sim”, admitiu Lillian.

"Por que?"

Eu queria que ela dissesse de fato que havia presumido que eu poderia ser comprada. Queria ouvi-la admitir que me considerava tão pouco — e minha mãe tão pouco — que não havia dúvida alguma de que eu aceitaria prontamente a proposta diabólica dela.

“Suponho”, disse Lillian finalmente, “que você me lembra um pouco de mim mesma. E se eu estivesse no seu lugar, querida...” Ela colocou a mão na minha bochecha. “Com certeza, eu aproveitaria a oportunidade para identificar e encontrar meu pai biológico.”

CHAPTER 3

Minha mãe — entre momentos em que fingia que eu tinha sido concebida de forma impecável, amaldiçoava o sexo masculino e ficava um pouco tonta e nostálgica sobre sua primeira vez — me contou exatamente três coisas sobre meu misterioso pai.

Ela só tinha dormido com ele uma vez.

Ele detestava peixe.

Ele não estava procurando por um escândalo.

E foi isso. Quando eu tinha onze anos, encontrei um quadro que ela havia escondido, um retrato de vinte e quatro rapazes adolescentes em smokings de cauda longa, em pé sob um arco de mármore.

Escudeiros da Sinfonia.

A legenda havia sido gravada na imagem em letras prateadas. O ano — e vários dos rostos — haviam sido riscados.

Dinheiro não é assunto para conversa, pensei horas depois de Lillian ter ido embora. Mentalmente, imitei o tom dela enquanto continuava. E o fato de o homem que engravidou sua mãe ser quase certamente um membro da alta sociedade não é algo que eu vá dizer abertamente, mas...

Peguei o contrato novamente. Desta vez, li-o do início ao fim. Lillian convenientemente se esqueceu de mencionar alguns dos termos.

Gostei do fato de ela escolher minhas roupas.

Como a manicure obrigatória que eu fazia uma vez por semana.

Assim como ela esperava que eu frequentasse uma escola particular junto com meus primos.

Eu nem tinha me dado conta de que tinha primos. Os netos do Trick tinham primos. Metade das integrantes da minha tropa de escoteiras da escola primária tinha primos na tropa. Mas eu?

Eu tinha uma enciclopédia de técnicas de tortura medievais.

Esforçando-me para concluir o contrato, cheguei à cereja do bolo. Concorde em participar do Baile da Sinfônica anual e de todos os eventos da Sinfônica até minha apresentação à sociedade na próxima primavera.

Deb. Como em debutante.

Meio milhão de dólares não era suficiente.

E, no entanto, a ideia daqueles primos hipotéticos persistia na minha mente. Uma das minhas obsessões infantis menos aleatórias tinha sido a genética. Primos compartilhavam aproximadamente um oitavo do seu DNA.

Meios-irmãos compartilham um quarto. Eu me vi indo ao quarto da minha mãe, abrindo a gaveta de baixo da cômoda e procurando a fotografia que ela havia colado com fita adesiva no fundo.

Vinte e quatro rapazes adolescentes.

Vinte e quatro possíveis produtores do esperma que engravidou minha mãe.

Vinte e quatro Escudeiros da Sinfônica.

Quando meu celular vibrou, me forcei a fechar a gaveta e olhar para a mensagem que minha mãe acabara de me enviar.

Uma foto de um avião.

Pode levar mais do que alguns dias. Li a mensagem que acompanhava a fotografia em silêncio e depois uma segunda vez em voz alta. Minha mãe me amava. Eu sabia disso. Sempre soube disso.

Um dia, eu pararia de esperar que ela me surpreendesse.

Passou-se mais uma hora antes de eu voltar ao contrato. Peguei uma caneta vermelha. Fiz alguns ajustes.

E então eu assinei.

APRIL 15: 5:13 P.M.

Mackie massageou a testa. "Tem certeza de que nenhum de vocês quer ligar para os pais?"

"Não, obrigado."

"Você sabe quem é meu pai?"

"Minha madrasta está fingindo uma gravidez e precisa descansar."

Mackie não ia nem chegar perto daquilo. Ele se virou para a última garota, aquela que tinha conseguido abrir a fechadura segundos depois de ele ter chegado.

"E você?", perguntou ele, esperançoso.

"Meu pai biológico literalmente me ameaçou de morte se eu me tornasse um incômodo", disse a garota, encostando-se na parede da cela como se não estivesse usando um vestido de grife. "E se alguém descobrir que fomos presos, vou perder quinhentos mil dólares."

EIGHT AND A HALF MONTHS EARLIER

CHAPTER 4

Cheguei à residência da minha avó — a meros quarenta e cinco minutos da cidade onde cresci e a cerca de três mundos e meio de distância — na data e hora contratualmente estipuladas. Baseado no que eu sabia sobre a família Taft e o paraíso suburbano em que viviam, esperava que a casa da minha avó fosse uma mistura de Tara com o Taj Mahal. Mas o número 2525 da Rua Camellia não era ostentoso, nem histórico. Era uma casa de 836 metros quadrados disfarçada de comum, o equivalente arquitetônico de uma mulher que passa duas horas se maquiando com o único propósito de parecer que não está usando maquiagem. Esta velha construção? Quase podia ouvir o terreno de 8.094 metros quadrados dizendo: "Eu a tenho há anos".

Objetivamente, a casa era enorme, mas a rua sem saída era repleta de outras casas igualmente grandes, com gramados igualmente extensos. Era como se alguém tivesse pegado um bairro normal e ampliado tudo em uma escala desproporcional — incluindo as entradas de garagem, os SUVs e os cachorros.

O maior cão que eu já tinha visto me cumprimentou na porta da frente, dando uma cabeçada na minha mão com sua enorme cabeçada.

"William Faulkner", repreendeu a mulher que atendeu à porta. "Comportese."

Ela era a cópia exata de Lillian Taft. Eu ainda estava processando o fato de que o cachorro era (a) do tamanho de um pônei pequeno e (b) se chamava William Faulkner, quando a mulher que eu presumia ser minha tia falou novamente.

"John David Easterling", ela chamou, elevando a voz para que fosse ouvida. "Quem é o melhor atirador desta família?"

Não houve resposta. William Faulkner encostou a cabeça na minha coxa e bufou. Inclinei-me ligeiramente — muito ligeiramente — para acariciá-lo e notei o ponto vermelho que havia aparecido na minha regata.

"Se você puxar esse gatilho, eu te esfolo vivo!", gritou minha tia, com uma voz perturbadoramente alegre.

Que gatilho?, pensei. O ponto vermelho no meu torso oscilou ligeiramente.

"Agora, meu jovem, acho que lhe fiz uma pergunta. Quem é o melhor atirador desta família?"

Ouviu-se um suspiro, e então um menino de uns dez anos se sentou no telhado. "Você é, mamãe."

"E eu estou usando seu primo como alvo para praticar tiro ao alvo?"

“Não, senhora.”

“Não, senhor, não sou”, confirmou minha tia. “Sente-se, William Faulkner.”

O cachorro obedeceu e o menino desapareceu do telhado.

"Por favor, me diga que era uma arma de brinquedo Nerf", eu disse.

Minha tia levou um instante para processar a pergunta, e então soltou uma gargalhada — ensaiada e perfeita. "Ele não tem permissão para usar o de verdade sem supervisão", assegurou-me ela.

Encarei-a. "Isso não é tão reconfortante quanto você pensa."

O sorriso nunca deixou seu rosto. "Você se parece mesmo com sua mãe, não é? Esse cabelo. E essas maçãs do rosto! Quando eu tinha a sua idade, teria matado para ter essas maçãs do rosto."

Considerando que ela era a melhor atiradora da família, eu não tinha certeza se ela estava exagerando.

"Sou Sawyer", eu disse, tentando assimilar a saudação que recebi de uma mulher a quem minha mãe sempre se referia como a Rainha do Gelo.

“Claro que sim”, veio a resposta imediata, calorosa como uísque. “Eu sou sua tia Olivia, e aquele é William Faulkner. Ela é uma Bernese Mountain Dog de raça pura.”

Eu havia reconhecido a raça. O que eu não havia reconhecido, no entanto, era que William Faulkner era mulher.

"Onde está Lillian?", perguntei, sentindo que tinha caído de vez na toca do coelho.

Tia Olivia passou os dedos da mão direita pela gola de William Faulkner e, por reflexo, ajeitou o colar de pérolas com a esquerda. "Vamos entrar, Sawyer. Você está com fome? Deve estar com fome."

“Acabei de comer”, respondi. “Onde está Lillian?”

Minha tia ignorou a pergunta. Ela já estava voltando para dentro de casa. "Vamos lá, William Faulkner. Boa menina."

A cozinha da minha avó era do tamanho da nossa casa inteira. Eu meio que esperava que minha tia chamasse a cozinheira, mas logo ficou claro que ela considerava alimentar outras pessoas tanto um passatempo quanto uma vocação espiritual. Nada que eu dissesse ou fizesse a impediria de me preparar um sanduíche.

Recusar o brownie poderia ter sido interpretado como uma declaração de guerra.

Eu acreditava muito em limites pessoais, mas também acreditava em chocolate, então ignorei o sanduíche, dei uma mordida no brownie e depois

perguntei onde estava minha avó.

De novo.

“Ela está lá fora com a organizadora da festa. Posso lhe oferecer algo para beber?”

Coloquei o brownie de volta no meu prato. "Organizadora de festas?"

Antes que minha tia pudesse responder, o garoto que antes estava me observando apareceu na cozinha. "Lily disse que é falta de educação ameaçar cometer fratricídio", anunciou ele. "Então ela não ameaçou cometer fratricídio."

Ele se acomodou no assento ao meu lado e olhou para o meu sanduíche. Sem dizer uma palavra, deslizei-o em sua direção, e ele começou a devorá-lo com todo o vigor de um pequeno diabo-da-tasmânia vestindo uma camisa polo azul.

“Mamãe”, disse ele depois de engolir. “O que é fratricídio?”

“Imagino que seja o tipo de coisa que a irmã de alguém, enfaticamente, não ameaça quando alguém tenta atirar nela com uma pistola de dardos de espuma.” Tia Olivia voltou-se para o balcão. Levei uns três segundos para perceber que ela estava fazendo outro sanduíche. “Apresente-se, John David.”

“Sou John David. É um prazer conhecê-la, senhora.” Para um garoto tão impulsivo, ele foi surpreendentemente cavalheiro ao se apresentar. “A senhora está aqui para a festa?”

Estreitei ligeiramente os olhos. "Que festa?"

“Atenção!” Um homem entrou na sala como um furacão. Tinha um corte de cabelo presidencial e um rosto perfeito para campos de golfe e salas de reuniões. Eu o teria identificado como o marido da tia Olivia mesmo que ele não tivesse se abaixado para lhe dar um beijo na bochecha. “Aviso: vi Greer Richards passando pela rua quando entrei.”

“Greer Waters, agora”, lembrou-lhe minha tia.

“Aposto dez contra um que Greer Waters está aqui para verificar os preparativos para esta noite.” Ele se serviu do sanduíche que a tia Olivia estava preparando para mim.

Eu sabia que era inútil, mas não consegui me conter. "O que vai acontecer esta noite?"

Tia Olivia começou a fazer um terceiro sanduíche. "Sawyer, este malandro é o seu tio J.D. Querida, este é o Sawyer."

Minha tia disse meu nome de um jeito que me deixou 100% certa de que já tinham falado de mim, provavelmente em várias ocasiões, talvez como um problema que precisava de delicadeza para ser resolvido.

“É aqui que você me diz que me pareço com a minha mãe?”, perguntei, com a voz seca como o deserto. Meu tio me olhava do mesmo jeito que a esposa dele olhava, do mesmo jeito que minha avó olhava.

“Aqui”, disse-me ele solenemente, “é onde lhe dou as boas-vindas à família e lhe pergunto, muito seriamente, se acabei de roubar seu sanduíche.”

A campainha tocou. John David saiu correndo como um foguete. Bastou um simples levantar de sobrelance da minha tia para que o marido dela estivesse logo atrás do filho.

“Greer Waters está presidindo o Baile da Sinfônica”, murmurou tia Olivia, recolhendo o prato de John David e colocando o terceiro sanduíche na minha frente. “Entre nós, acho que ela mordeu mais do que pode mastigar. Ela acabou de se casar com o pai de uma das debutantes. Uma coisa é tentar, outra é tentar demais.”

Isso vindo de uma mulher que já havia feito três sanduíches para mim desde que entrei pela porta da frente.

“De qualquer forma”, continuou a tia Olivia, baixando a voz, “tenho certeza de que ela terá Opiniões com O maiúsculo sobre a maneira como sua avó organizou as coisas.”

Organizar as coisas para quê? Desta vez, nem me dei ao trabalho de dizer uma palavra em voz alta.

“Sei que você deve ter perguntas”, disse minha tia, afastando uma mecha de cabelo do meu rosto, aparentemente alheia ao fato de que eu as estava fazendo. “Sobre sua mãe. Sobre esta família.”

Eu não esperava esse tipo de recepção. Não esperava carinho, afeto ou quitutes de uma mulher que passou os últimos dezoito anos ignorando minha mãe — e minha existência — por completo. Uma mulher cujo nome minha mãe jamais mencionou.

“Perguntas”, repeti, com a voz embargada. “Sobre minha mãe, esta família e as circunstâncias que envolveram minha concepção extremamente inconveniente e escandalosa?”

Os lábios da tia Olivia se contraíram num sorriso radiante, mas antes que ela pudesse responder, Lillian Taft entrou na sala usando um chapéu e luvas de jardinagem, seguida por uma mulher pálida e magra, com cabelos castanhos presos num coque apertado na nuca.

“Cultive sempre as suas próprias rosas”, aconselhou-me a minha avó sem rodeios. “Algumas coisas não devem ser delegadas.”

É bom te ver também, Lillian.

“Algumas coisas não devem ser delegadas”, repeti. “Como o planejamento de uma festa?”, perguntei em tom de brincadeira, olhando para a mulher que a seguira. “Ou como receber a neta pródiga quando ela chega em casa?”

Lillian olhou nos meus olhos. Os dela não se estreitaram nem piscaram. “Olá, Sawyer.” Ela disse meu nome como se fosse um nome que todos devessem

saber. Depois de um longo momento, ela se virou para a organizadora da festa. "Você poderia nos dar um instante, Isla?"

Isla, como se viu, conseguiu.

“Você parece magra”, Lillian me disse assim que a organizadora da festa saiu. Ela se virou para minha tia. “Você ofereceu um sanduíche para ela, Olivia?”

O sanduíche número 3 ainda estava literalmente no prato à minha frente. "Vamos considerar que já fui suficientemente 'sanduícheado'."

Lillian não se deixou intimidar. "Gostaria de algo para beber? Limonada? Chá?"

“Greer Waters está aqui”, interrompeu minha tia, falando em voz baixa.

“Mulher horrível”, disse-me Lillian, com um tom agradável. “Por sorte, porém...” Ela tirou as luvas. “Eu sou muito, muito pior.”

Mais do que o conselho sobre rosas, aquilo me pareceu uma lição de vida à la Lillian Taft.

“Agora”, continuou Lillian, enquanto o som de saltos altos batendo no piso de madeira anunciava a chegada iminente da aparentemente infame Greer Waters, “Sawyer, por que você não sobe correndo e encontra sua prima? Lily está hospedada no Quarto Azul. Ela pode te ajudar a se arrumar para esta noite.”

"Esta noite?", perguntei.

Tia Olivia tomou a iniciativa de me expulsar do quarto. "Quarto azul", repetiu ela alegremente. "Segunda porta à direita."

CHAPTER 5

Contei os degraus enquanto subia a escada em espiral e cheguei ao décimo primeiro antes de parar para admirar as obras de arte que decoravam a parede. Uma menininha loira soprava um dente-de-leão em um retrato e, no seguinte, estava sentada a cavalo. Observei-a crescer, quadro após quadro emoldurado em mogno, até que um menininho se juntou a ela no retrato anual, suas roupas combinando, o sorriso dela doce e ensaiado, e o dele acompanhado de uma dose cada vez maior de travessura.

Ao chegar ao topo da escada, deparei-me com um retrato de família: tia Olivia e tio J.D.; a menina loira, agora adolescente, sentada ao lado de John David; e a elegante Lillian Taft em pé, com uma mão no ombro da filha e a outra no do neto. À direita do retrato de família, havia uma foto da tia Olivia de vestido branco. A princípio, pensei que fosse um vestido de noiva, mas depois percebi que minha tia não era muito mais velha nessa foto do que eu era agora. A adolescente Olivia usava luvas brancas até o cotovelo.

Meus olhos se desviaram para a esquerda do retrato de família. Havia uma moldura vazia pendurada ali.

Talvez estivessem esperando que um novo retrato fosse concluído.

Ou talvez, pensei, encarando o espaço vazio, essa moldura costumasse conter uma foto da minha mãe.

“Estou prestes a usar uma linguagem muito pouco feminina.” A voz que proferiu essa declaração era doce como mel.

"Lírio..."

“Pouco feminino e criativo.”

Enquanto eu caminhava em direção à segunda porta à esquerda, a pessoa que havia mencionado o nome do meu primo falou novamente, desta vez com hesitação. "Em uma escala de um a ruim, isso é realmente tão terrível assim?"

A resposta foi delicada e recatada. "Suponho que isso dependa de como cada um se sente em relação a crimes graves."

Limpei a garganta e os ocupantes da sala se viraram para me olhar. Reconheci minha prima Lily dos retratos: cabelos claros, olhos escuros, cintura fina, estrutura óssea grande. Cada fio de cabelo estava no lugar. Sua blusa de verão estava impecavelmente passada. A garota ao lado dela era estonteantemente linda e, a julgar pela expressão, prestes a vomitar.

Por outro lado, eu provavelmente também teria sentido náuseas se estivesse deitada de bruços com as costas arqueadas e as pontas dos dedos dos pés tocando

a parte de trás da minha cabeça.

“Olá.” A prima Lily fez uma imitação admirável de alguém que definitivamente não estava discutindo crimes graves um instante antes. Para uma garota que parecia ter saído de uma revista com o título “Estampas florais de bom gosto para aspirantes virgens à Ivy League”, ela tinha muita coragem.

Essa garota e eu compartilhamos um oitavo do nosso DNA.

“Você deve ser Sawyer.” Lily tinha o jeito da mãe de dizer “deve”: duas partes de ênfase, uma parte de ordem.

A contorcionista no chão se desdobrou. “Sawyer”, repetiu ela, com os olhos arregalados. “O primo.”

Ela parecia tão horrorizada que me fez pensar se ela considerava “primo” sinônimo de “assassino com machado”.

“Nossa avó me mandou para cá”, eu disse para Lily, enquanto a amiga dela tentava ficar bem quieta, como se eu fosse algum tipo de urso e qualquer movimento pudesse ser interpretado como motivo para um ataque.

“Eu deveria te ajudar a se arrumar para hoje à noite”, disse Lily. Ela cruzou o olhar com a garota de olhos expressivos ao seu lado, que estava literalmente torcendo as mãos. “Eu deveria ajudá-la a se arrumar para hoje à noite”, repetiu Lily. Claramente, ela estava tentando passar algum tipo de mensagem.

“Posso ir se vocês duas estiverem ocupadas com alguma coisa.” Repeti a ênfase de Lily.

Minha prima voltou seus olhos castanho-escuros para mim. Ela tinha um jeito de olhar para as pessoas como se estivesse pensando em dissecá-las ou em dar-lhes uma repaginada, ou talvez ambos.

Eu não gostei das minhas chances.

“Não seja bobo, Sawyer.” Lily deu um passo em minha direção. “Você não está interrompendo nada. Sadie-Grace e eu estávamos apenas batendo um papo. Eu te apresentei à Sadie-Grace? Sadie-Grace Waters, este é Sawyer Taft.” Lily claramente herdou da nossa avó a mania de fazer perguntas retóricas. “É Taft, não é?” Ela continuou antes que eu pudesse responder. “Peço desculpas por não estar lá para te receber lá embaixo. Você deve pensar que eu fui criada num celeiro.”

Passei seis meses, aos treze anos, aprendendo tudo o que havia para saber sobre jogos de azar e apostas. Apostaria sem medo de errar que minha prima, tão feliz, não estava particularmente entusiasmada com a ideia de ter um parente de sangue do lado errado da cidade sendo repentinamente imposto a ela. Não que ela admitisse falta de entusiasmo.

Pensei que isso seria quase tão indelicado quanto ameaçar cometer fratricídio.

"Eu praticamente fui criada em um bar", respondi quando percebi que Lily finalmente tinha parado para respirar. "Contanto que você consiga se conter e não quebre uma cadeira nas costas de alguém, está tudo bem."

Aparentemente, Emily Post não havia preparado Lily nem Sadie-Grace para conversas casuais sobre brigas de bar. Enquanto elas buscavam uma resposta apropriada, eu me aproximei de uma janela próxima. Ela dava para o quintal, e lá embaixo eu podia ver toalhas de mesa pretas e brilhantes sendo estendidas sobre mesas redondas. Havia facilmente meia dúzia de funcionários e o triplo disso em mesas.

Havia também uma passarela.

"Você realmente foi criada em um bar?" Sadie-Grace se aproximou e parou ao meu lado. Ela era alta e esguia, com uma semelhança impressionante com certa beleza clássica, famosa por ter se casado com um membro da família real. Seus dedos delicados acariciavam as pontas de um cabelo castanho incrivelmente grosso e brilhante.

De olhos arregalados. Ansiosa. Propensa à ioga. Cataloguei o que sabia sobre ela e então respondi à pergunta. "Minha mãe e eu morávamos em cima do The Holler até eu completar treze anos. Tecnicamente, eu não tinha permissão para entrar no bar, mas tenho uma leve tendência a encarar technicalidades como um desafio."

Sadie-Grace mordeu o lábio inferior, olhando para mim através de cílios incrivelmente longos. "Se você cresceu assim, deve saber das coisas", disse ela muito seriamente. "Deve conhecer pessoas. Pessoas que sabem das coisas."

Um rápido olhar para Lily me disse que ela não gostava da direção que a conversa estava tomando.

Voltei-me para Sadie-Grace. "Por acaso, você vai me perguntar qual é a minha posição sobre crimes graves?"

"Precisamos comprar um vestido para você hoje à noite, Sawyer!" Lily sorriu radiante e lançou um olhar fulminante para Sadie-Grace, para que esta nem sequer pensasse em responder à minha pergunta. "Vamos às lojas. E Deus sabe que precisamos dar um jeito nessas sobrelhas."

Entendi que Lily havia optado pela transformação em vez da dissecação, mas tive a impressão de que provavelmente foi uma decisão bastante difícil.

Ao meu lado, Sadie-Grace evitava cuidadosamente o contato visual, com o lábio inferior preso entre os dentes.

Eu não quero saber, decidi. Seja lá o que minha prima tenha se metido, seja lá o que eu tenha ouvido por acaso, eu realmente não quero saber.

Jennifer Lynn Barnes escreveu vários romances aclamados para jovens adultos, incluindo os quatro livros da série Naturals: The Naturals, Killer Instinct, All In e Bad Blood. Ela possui títulos de pós-graduação em psicologia, psiquiatria e ciência cognitiva. Recebeu seu doutorado pela Universidade de Yale e atualmente é professora de psicologia. Você pode encontrá-la online em www.jenniferlynnbarnes.com ou segui-la no Twitter @jenlynnbarnes.